

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE ENFERMAGEM



PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

São Paulo
Dezembro - 2017



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 – Cerqueira César
CEP 05403-000 – São Paulo – SP – Brasil
Tel / Fax: 55-11-3061-7532 – e-mail: gradee@usp.br

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Edmund Chada Baracat

Diretora da Escola de Enfermagem da USP: Profa. Dra. Maria Amélia de Campos Oliveira

Vice-Diretora da EEUSP: Profa. Dra. Maria Luiza Gonzalez Riesco Bellini

Presidente da Comissão de Graduação: Profa. Dra. Cecília Helena de Siqueira Sigaud

Suplente da Presidente da Comissão de Graduação: Profa. Dra. Célia Maria Sivalli Campos

Coordenadora do Bacharelado em Enfermagem: Profa. Dra. Valéria Marli Leonello

Coordenadora da Licenciatura em Enfermagem: Profa. Dra. Maria do Perpétuo Socorro de Sousa Nóbrega

Redação do Projeto Político-Pedagógico:

Profa. Dra. Vilanice Alves de Araújo Püschel

Profa. Dra. Cecília Helena de Siqueira Sigaud

Profa. Dra. Maria Amélia Campos Oliveira

Profa. Dra. Maria De Lá Ó Ramallo Veríssimo

Profa. Dra. Maria Luiza Gonzalez Riesco Bellini

Apoio: Secretaria de Graduação da EEUSP

Sumário

1	APRESENTAÇÃO	1
2	DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA	2
2.1	Missão	4
2.2	Objetivo Geral.....	5
3.	PERFIL PROFISSIONGRÁFICO	5
3.1	Perfil e Competências do Egresso do Bacharelado da EEUSP.....	5
4	OBJETIVOS ESPECIFICOS.....	5
5	DIRETRIZES E MATRIZ CURRICULAR	6
5.1	Ciclo das Necessidades	9
5.1.1	Primeiro Semestre	10
5.1.2	Segundo Semestre.....	12
5.1.3	Terceiro Semestre	14
5.2	Ciclo do Cuidado	16
5.2.1	Quarto Semestre	16
5.2.2	Quinto, Sexto e Sétimo (primeiro bimestre) Semestres	18
5.3	Ciclo da Prática Profissional.....	23
5.3.1	Sétimo (segundo bimestre) e Oitavo Semestres.....	23
5.4	Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).....	25
5.5	ATIVIDADES ACADÊMICO-CIENTÍFICO-CULTURAIS E DISCIPLINAS OPTATIVAS.....	25
6	CAMPOS DE PRÁTICAS	26
6.1	COORDENADORIA DE SAÚDE CENTRO-OESTE.....	27
6.1.1	Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).....	28
6.2	HOSPITAL UNIVERSITÁRIO (HU-USP).....	28
6.3	Centro de Saúde-Escola “Samuel Barnsley Pessoa” (CSE Butantã).....	29
6.4	HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DA USP.....	29
6.5	INSTITUTO DO CÂNCER DO ESTADO DE SÃO PAULO (ICESP).....	30
7	LABORATÓRIOS DE ENFERMAGEM.....	30
8	METODOLOGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM	32
9	GESTÃO DO CURSO	34
10	ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO CURSO E DE MÓDULOS/DISCIPLINAS	35
10.1	Perfil dos Ingressantes	37
10.2	Acompanhamento de egressos.....	38
11	VAGAS OFERECIDAS E FUNCIONAMENTO	38

TABELA DA MATRIZ CURRICULAR

TABELA DA CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO

EMENTAS E BIBLIOGRAFIA

Projeto Político-Pedagógico Bacharelado em Enfermagem

1. APRESENTAÇÃO

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) do Bacharelado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da USP aqui apresentado é produto de um trabalho longo, intenso e articulado, construído coletivamente pelos docentes, enfermeiros técnicos especialistas de laboratório e estudantes da EEUSP, com a colaboração de docentes das instituições de ensino parceiras da USP e profissionais enfermeiros do Hospital Universitário da USP.

A necessidade de formulação do presente PPP surgiu de um processo de avaliação do currículo vigente que teve início em 2002. No currículo vigente, proposto em 1994, identificou-se que o ciclo básico privilegiava a área de Ciências Biológicas, abarcando em torno de 70% da carga horária, em desproporção com as Ciências Humanas e disciplinas da área profissional. O caráter propedêutico do ciclo básico e a integração limitada dos conteúdos, com pouco tempo disponível para estudos independentes e complementares, dificultava a articulação com as áreas temáticas do currículo.

As dificuldades de integração entre os ciclos básico e clínico e a fragmentação em disciplinas estanques não favoreciam a apropriação progressiva e crítica do objeto da prática profissional em saúde e Enfermagem, condizente com a formação inicial. As competências e habilidades específicas concentravam-se na dimensão do saber fazer, com menor ênfase nas dimensões do saber conhecer, saber ser e saber conviver e nos processos de trabalho assistencial e gerencial, mais que de investigação e educação.

Constatou-se também que as dimensões do saber ser e saber conviver, tão valorizadas no discurso e na prática da Enfermagem, apareciam reduzidas à luz dos métodos tradicionais de ensino, das atividades discentes pouco ativas e raramente eram explicitadas nas avaliações previstas para o ensino teórico e prático.

Em 2004, mediante portaria da Pró-Reitoria de Graduação, foi criado o Grupo de Apoio Pedagógico (GAP) da EEUSP, cuja atribuição prioritária foi a coordenação do processo de reorientação curricular, em conjunto com a Comissão de Graduação (CG). O GAP-EEUSP é integrado por docentes e especialistas de laboratório, estudantes e ex-estudantes da Escola e profissionais das instituições de saúde onde são realizadas atividades de ensino da EEUSP. Desde o início dos trabalhos, o GAP contou com assessoria pedagógica na condução do processo de reorientação curricular.

O PPP foi construído tendo como parâmetros legais as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem¹, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional², as indicações produzidas pelos Fóruns de Graduação (ForGrad)³, além de se apoiar no roteiro proposto pela Câmara de Avaliação da Pró-Reitoria de Graduação da USP⁴. Apóia-se também nos fundamentos que embasam a pedagogia universitária.

A proposta curricular é organizada predominantemente em Módulos, que explicitam as articulações dos diferentes saberes, constituídos por conjuntos de disciplinas ou disciplinas individuais. Para a construção dos Módulos houve grande investimento dos docentes para definir os conhecimentos essenciais à formação inicial da (o) enfermeira(o) generalista, e para construir coletivamente a articulação dos mesmos, o que se expressa nos Programas de Aprendizagem (PA).

Apresenta-se a seguir o PPP do bacharelado em Enfermagem.

2. DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA USP

A Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP) foi criada em 31 de outubro de 1942, como parte integrante da Universidade de São Paulo. O decreto de sua criação já mencionava a obrigatoriedade de *“estágio no Hospital das Clínicas e no distrito sanitário do Instituto de Higiene... contemporaneamente ao curso teórico”*⁵, evidenciando a articulação com os serviços de saúde, que caracteriza o ensino de Enfermagem desta Escola, desde sua origem. Ela está estruturada em quatro departamentos acadêmicos:

- Departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica (ENC): visa desenvolver competências relacionadas ao domínio de conceitos e ações voltados para o cuidado integral de adultos e idosos, em situações clínicas e cirúrgicas, em condições agudas e crônicas, nos diferentes cenários de prática, no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.
- Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica (ENP): produz conhecimento de Enfermagem, em sintonia com as políticas e com a realidade de saúde da população, e responde pelo ensino nos níveis de graduação e de pós-graduação nas áreas temáticas voltadas ao cuidado da criança, da mulher, da família e da pessoa com experiência de sofrimento psíquico.

¹ Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/ CES, nº 03, de 07 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Graduação em Enfermagem. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/Enf.pdf>

² Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>

³ Fórum de Pró-Reitores das Universidades Brasileiras: Plano Nacional de Graduação: um projeto em construção (1999); Do Pessimismo da Razão para o Otimismo da Vontade: referências para a construção dos projetos pedagógicos nas IES brasileiras (1999) e O Currículo como Expressão do Projeto Pedagógico: um processo flexível (2000). Disponíveis em <http://www.forgrad.org.br/pages/publicacoes.htm>

⁴ Seminário SIGA – Orientações gerais para elaboração de Projeto Político Pedagógico. Câmara de Avaliação da Pró-Reitoria de Graduação da USP. Realizado em 27 de abril de 2009.

⁵ Decreto-Lei nº 13.040/42.

- Departamento de Orientação Profissional (ENO): participa da formação de profissionais nos níveis de graduação e pós-graduação, buscando desenvolver competências técnicas, ético-políticas e sócio-educativas para o exercício da Enfermagem, tendo como base as áreas do conhecimento de história e legislação de Enfermagem, ética, ensino, pesquisa e gerenciamento em Enfermagem. Tem como eixo norteador a transformação das práticas gerenciais para a atenção integral à saúde da população.
- Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva (ENS): produz e difunde conhecimentos na área de Enfermagem em saúde coletiva, visando à formação profissionais competentes para a assistência, ensino e pesquisa em saúde e Enfermagem; presta serviços à comunidade, buscando atender necessidades e demandas relacionadas à área de Enfermagem em saúde coletiva.

A EEUSP articula-se com instituições governamentais e não-governamentais de diferentes setores sociais, por meio de convênios, assessorias e ações diversas que compõem o elenco de atividades voltadas para as finalidades da Universidade: ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade.

Ministra cursos nos níveis de graduação, pós-graduação e extensão universitária. Na graduação, oferece os cursos de Bacharelado em Enfermagem e Licenciatura em Enfermagem. Ambos estão sob a coordenação de um colegiado interdepartamental - a Comissão de Graduação (CG) e contam com a coordenação acadêmica de Comissões Coordenadoras de Curso (CoC).

A pós-graduação senso estrito, ministrada há mais de 30 anos pela EEUSP, está organizada em quatro programas: Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PPGE), Programa de Pós-Graduação em Enfermagem na Saúde do Adulto (PROESA), Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem dos *campi* de São Paulo e Ribeirão Preto (apenas para doutorado) e Programa de Pós-Graduação em Gerenciamento em Enfermagem (PPGEEn).

As atividades de extensão incluem cursos de especialização (pós-graduação senso lato) e as modalidades de aperfeiçoamento, atualização e difusão cultural. No âmbito da pesquisa, a EEUSP promove e favorece a construção e o desenvolvimento do conhecimento em Enfermagem, norteado pelas linhas e grupos de pesquisa, oriundos dos núcleos temáticos existentes, dos quais participam profissionais de saúde, pós-graduandos e estudantes de graduação. A iniciação científica destaca-se como parte da formação na graduação, culminando na elaboração do trabalho de conclusão do curso, requisito para a diplomação.

A divulgação das atividades da Unidade e as estratégias de fortalecimento da identidade institucional são veiculadas em livros e periódicos científicos, participação de docentes, estudantes e funcionários em cursos e eventos nacionais e internacionais; catálogo da Unidade, produção de vídeos e CD-ROM, entrevistas para a mídia; visitas institucionais, informações no site www.ee.usp.br e no Portal da USP.

A Revista da EEUSP, editada há quatro décadas, é uma publicação trimestral, indexada nas bases de dados ISI, MEDLINE, CINAHL, SCOPUS, LILACS, LATINDEX, CUIDEN-Plus, entre outras. Serve de veículo para relatos de pesquisa e de experiência profissional, estudos teóricos e revisões críticas da literatura e representa um importante periódico para a área, com classificação A2, da CAPES.

A EEUSP sedia o Centro Histórico-Cultural da Enfermagem Ibero-Americana, fundado em 1992, cujo acervo reúne objetos e documentos e promove o intercâmbio entre instituições congêneres nacionais e internacionais.

A Universidade de São Paulo, como instituição pública, deve ser um espaço aberto às discussões que visem o pleno exercício da cidadania e as formas de exclusão e marginalização social. Reconhece-se ademais seu compromisso social na busca de soluções para as necessidades da população. Nesse sentido, o trabalho acadêmico é concebido como um processo organizado e contínuo, produzido coletivamente, que se estende desde a produção e sistematização do conhecimento, até a transmissão dos resultados. A indissociabilidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão é fundamental ao trabalho acadêmico.

A relação entre o ensino e a extensão conduz a mudanças no projeto pedagógico dos cursos, envolvendo professores e estudantes como sujeitos do ato de aprender. Por meio da extensão universitária, ocorre a troca entre o saber acadêmico, sistematizado, e o saber tácito, produzido no cotidiano. Essa troca permite produzir novos conhecimentos, resultantes do confronto entre a realidade local, propiciando a participação da sociedade na Universidade. Possibilita democratização do saber acadêmico, que retorna à Universidade enriquecido, validado e re-elaborado pelo confronto com a prática. Deve fomentar a autonomia de todos os partícipes, evitando toda forma de assistencialismo e dependência, e deve ser realizada em articulação com os serviços, sem, contudo, substituir suas funções constitutivas.

A interdisciplinaridade é a meta do trabalho acadêmico. A realização de atividades acadêmicas de caráter interdisciplinar contribui para uma nova forma de produzir ciência, mais integrada com o conhecimento da realidade. A relação entre a pesquisa e a extensão ocorre quando a produção do conhecimento é capaz de contribuir para a transformação da sociedade.

2.1 Missão

A EEUSP tem por missão formar enfermeiras e enfermeiros nos níveis de graduação e pós-graduação; preparar docentes, pesquisadores e especialistas em todas as áreas da Enfermagem, visando desenvolver a profissão em âmbito local, nacional e internacional; promover, realizar e participar de estudos, pesquisas, cursos e outras atividades voltadas para a melhoria do ensino e da

prática de Enfermagem; prestar serviços à coletividade, tendo em vista a transformação das condições de vida e saúde da população.

2.2 Objetivo Geral

A EEUSP tem o compromisso de qualificar enfermeiras (os) frente aos princípios, diretrizes e práticas do Sistema Único de Saúde (SUS), tendo como pauta a compreensão das relações de trabalho em saúde e na sociedade, visando ao aprimoramento da dinâmica de gestão, a qualificação dos processos de cuidar e a proposição de projetos de intervenção, fundados no reconhecimento de diferentes demandas e sustentados por evidências científicas.

3. PERFIL PROFISSIONGRÁFICO

A (o) enfermeira(o) tem como competência específica o cuidado de Enfermagem e a coordenação dos processos de cuidar e gerenciar o cuidado de Enfermagem em diferentes cenários de práticas, públicos e privados, tais como hospitais, unidades básicas de saúde, ambulatórios gerais e especializados, escolas, creches e empresas. Competem ainda a esse profissional a produção de conhecimento e a formação de recursos humanos na área de Enfermagem.

3.1 Perfil e Competências do Egresso do Bacharelado da EEUSP

A proposta político-pedagógica do Curso privilegia a formação crítica e reflexiva da (o) enfermeira(o) capaz de:

- Reconhecer a natureza humana nas diversas expressões e fases evolutivas;
- Reconhecer as estruturas e as formas de organização social;
- Compreender as políticas sociais, em particular as políticas de saúde, e sua interface com as práticas de Enfermagem;
- Intervir em Enfermagem, utilizando raciocínio clínico e evidências científicas para a prática, segundo as especificidades dos sujeitos e dos perfis epidemiológicos do coletivo, em conformidade aos princípios éticos e legais da profissão.
- Buscar e utilizar novos conhecimentos para o desenvolvimento da prática profissional.

4. OBJETIVO ESPECÍFICO

O objetivo do Bacharelado em Enfermagem é formar enfermeiros generalistas, mediante o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes para alcançar as seguintes competências:

- Atuar nos diversos cenários da prática profissional, considerando a especificidade da prática de Enfermagem e contemplando inovações;
- Identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes, apreendendo heterogeneidades e executando intervenções diferenciadas para indivíduos e grupos sociais específicos;
- Intervir no processo saúde-doença, em seus diferentes níveis de atenção à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência, em consonância com as propostas de atenção preconizada em âmbito nacional;
- Atuar em equipe multiprofissional;
- Gerenciar o processo de trabalho em Enfermagem em todos os âmbitos da atuação profissional;
- Implementar processos de avaliação das ações de Enfermagem, analisando seu impacto nas condições de vida e saúde de indivíduos, grupos e coletivos;
- Produzir conhecimento na área de Enfermagem.

5. DIRETRIZES E MATRIZ CURRICULAR

O curso do Bacharelado em Enfermagem tem como finalidade formar a(o) enfermeira(o) generalista. Tem duração de quatro anos, com carga horária total de 4.170 horas, distribuídas em oito semestres, em período integral. O curso está norteado pelos seguintes princípios:

- A graduação como etapa inicial da formação do enfermeiro.
- O reconhecimento de que o trabalho é o definidor do processo de formação.
- A prática como locus de geração de questões de aprendizagem.
- A articulação entre teoria e prática no desenvolvimento do ensino de Enfermagem.
- A inserção dos estudantes nos cenários de prática desde o primeiro semestre do curso.
- A formação para o SUS como orientação geral do currículo.
- O reconhecimento do papel social da universidade pública.
- A pesquisa como ferramenta do processo pedagógico e do trabalho da(o) enfermeira(o).
- O aprendizado do estudante e o trabalho profissional organizados segundo o raciocínio científico.
- O estudante como sujeito do processo de formação inicial, com participação ativa no currículo.
- A autonomia do estudante.
- A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O Bacharelado em Enfermagem é um curso interdepartamental, pois os Módulos que compõem a estrutura curricular são oferecidos de forma articulada pelos quatro departamentos da EEUSP. Além disso, conta com a participação de várias unidades da USP, cujos docentes ministram

disciplinas obrigatórias no currículo, quais sejam: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Faculdade de Medicina (FM), Faculdade de Saúde Pública (FSP), Instituto de Biociências (IB), Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), Instituto de Psicologia (IP) e Instituto de Química (IQ).

O Eixo Central do currículo é **O Cuidado de Enfermagem, em seus diferentes sentidos, significados e dimensões**. A estrutura curricular está organizada em três Ciclos:

- **Ciclo das Necessidades** – com 1.530 horas
- **Ciclo do Cuidado** – com 1.710 horas
- **Ciclo da Prática Profissional** – com 930 horas, incluídas 120 h do trabalho de conclusão de curso.

Cada Ciclo está articulado em torno de eixos integrativos, organizados em semestres compostos por Módulos, com forte ênfase na relação teoria-prática, possibilitando ao estudante maior integração dos conhecimentos, mediante sua inserção em atividades práticas sob tutoria docente. Além disso, pretende possibilitar o desenvolvimento da autonomia do estudante por meio da elaboração de projetos de ação aplicados à realidade de saúde sob análise. Para tanto, prioriza estratégias que levam ao desenvolvimento integral do estudante em suas capacidades cognitivas, afetivas e psico-motoras, com vistas à aprendizagem significativa e contínua, articulada ao seu projeto de vida e de formação.

A construção curricular em torno de eixos integrativos e em Módulos constitui iniciativa pioneira na EE, ao aglutinar os conteúdos essenciais das diferentes áreas de conhecimento, dos diferentes departamentos da Escola e de outras Unidades da USP, na articulação dos saberes necessários para compor o Módulo, o que evidencia a tessitura do currículo em matriz integrativa.

Essa tessitura constitui o grande avanço da proposta curricular explicitada nos Programas de Aprendizagem⁶, ainda que os conteúdos ministrados pelas Instituições parceiras no ensino de Enfermagem sejam apresentados sob a forma de disciplinas em separado, por ser esta a organização possível na USP. No entanto, para possibilitar a articulação do conjunto de saberes no Módulo, é feito o acompanhamento sistematizado do currículo e dos projetos de ação que são desenvolvidos pelos estudantes por meio da prática integrada.

⁶ O Programa de Aprendizagem (PA) consiste em um “documento em que se registra o contrato didático pretendido para uma etapa do curso a ser construída pelos professores e estudantes. Busca a superação aos antigos Planos de Ensino, em que havia toda uma centralização descritiva do conteúdo e no que o professor faria para ensinar. O foco fica na aprendizagem do estudante, para a qual são dirigidas a análise do processo, a definição dos objetivos, a organização dos conteúdos, a escolha metodológica para mobilizar, construir e elaborar a síntese e avaliar as aprendizagens efetivadas”. (p.26). Vide: Anastasiou LGC, Alves LP. Processos de Ensino na Universidade: pressupostos para estratégias de trabalho em aula. 6 ed. Joinville: Editora Univille, 2006.

Para a construção dos programas de aprendizagem (PAs) houve esforço concentrado, constituindo iniciativa concreta de articulação de conteúdos e de tomada de posição coletiva da configuração da matriz curricular.

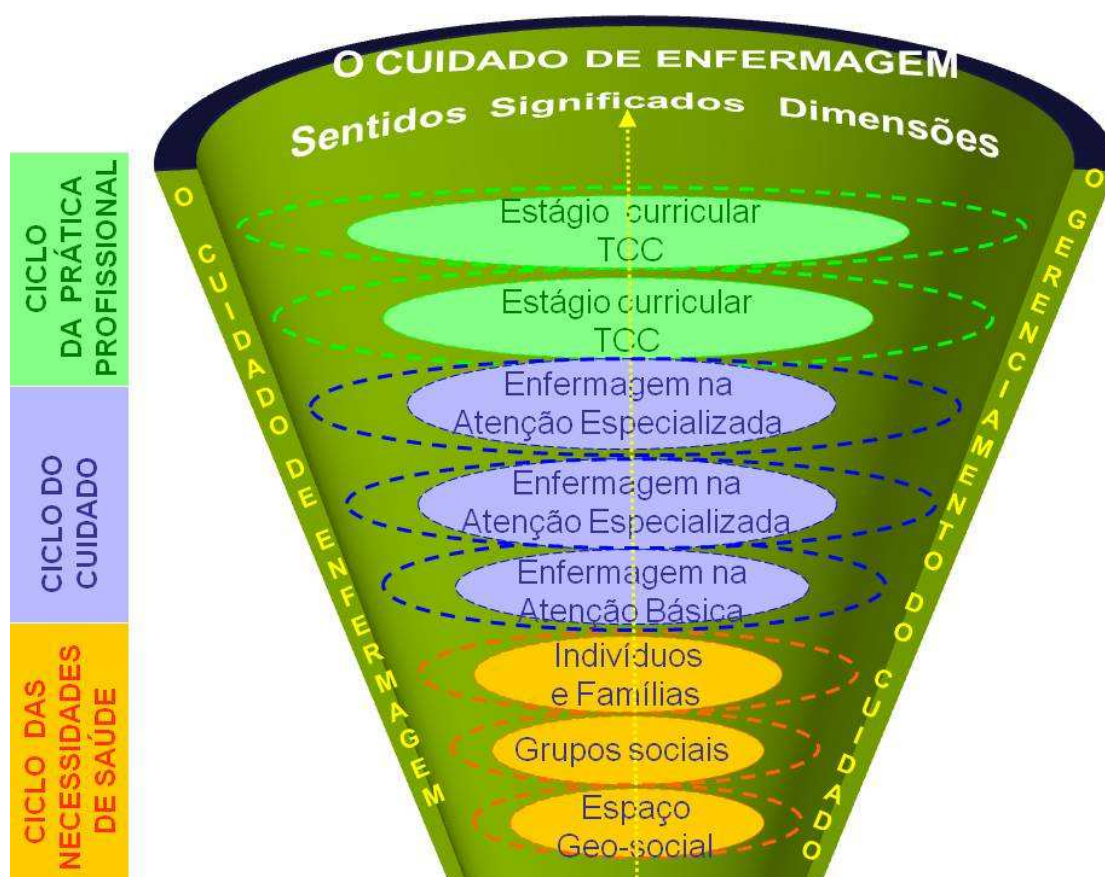


Figura 1 - Representação gráfica do currículo do Bacharelado em Enfermagem da EEUSP

5.1 Ciclo das Necessidades

O **Ciclo das Necessidades** tem como **eixo** as necessidades de saúde e como **foco** as bases psicossociais, epidemiológicas e clínicas da saúde e da Enfermagem. O **objetivo geral** é propiciar ao estudante a aprendizagem dos fundamentos para compreender o ser humano nas diversas fases da vida (criança, adolescente, adulto, idoso), nos diversos domínios (biológico, social, psicológico), no contexto da saúde-doença, assim como dos instrumentos básicos para identificar necessidades de saúde de indivíduos, famílias e comunidades, pertinentes à área da Enfermagem.

A seguir são descritos os três semestres que compõem o **Ciclo das Necessidades** com seus respectivos módulos e cargas horárias. Nos Programas de Aprendizagem dos módulos e disciplinas são explicitados: nome do módulo, docentes envolvidos, período e carga horária, ementa, objetivo geral, importância do programa para a formação do profissional, situações nas quais se fará uso integrado dos conhecimentos adquiridos no programa, objetivos referentes aos estudantes e à ação docente, conteúdos e conhecimentos prévios, metodologia de ensino utilizada, formas e momentos de avaliação, bibliografia básica e complementar.

Uma inovação importante presente nesse ciclo é a Prática Integrada, que ocorrerá durante os três semestres do ciclo. Visa atender à premissa de que a inserção no campo de trabalho é a melhor maneira de mediar e definir o processo de formação, pois a prática é potencialmente geradora de questões de aprendizagem.

A Prática Integrada está orientada de forma a integrar, ordenada e criticamente, os conteúdos das demais disciplinas do módulo. A articulação teoria-prática, mediada pelo raciocínio científico e pelo exercício de habilidades relacionais e psico-motoras, busca desenvolver o raciocínio clínico e habilitar o estudante para a aprendizagem contínua, por meio de projetos de ação aplicados à realidade de saúde sob análise. Essa constitui a base para a autonomia crescente do estudante. As atividades são desenvolvidas em grupos de 8 a 10 estudantes, orientados por um docente-tutor.

Além de trabalhar o eixo central do ciclo, que são as necessidades de saúde, propõe-se para o espaço da Prática Integrada uma atividade sistemática de captação das representações dos estudantes sobre a Enfermagem e a(o) enfermeira(o). Esta estratégia permite conhecer os estudantes, as concepções que os mobilizaram para o curso. Com isto, há uma primeira aproximação ao sujeito da formação, o estudante “concreto”, que traz uma “bagagem” e constrói seu projeto de vida e de profissão. Ao mesmo tempo, permite-se que os estudantes reconheçam a pluralidade e, portanto, a necessidade de construções singulares do processo de aprendizagem.

5.1.1 Primeiro Semestre

O primeiro semestre do **Ciclo das Necessidades** tem como **eixo** as necessidades de saúde de indivíduos e grupos sociais e implicações para o trabalho de Enfermagem. É composto pelos **módulos** Enfermagem como Prática Social; Necessidades de Saúde nos Grupos Sociais; Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos Articulados I.

O Módulo **A Enfermagem como Prática Social** tem como **foco** a Identificação de necessidades de saúde e implicações para o trabalho de Enfermagem. Seus **objetivos gerais** são: conhecer e compreender a Enfermagem como prática e identificar, compreender as bases históricas, éticas, sociológicas e culturais e as suas relações com as práticas de saúde e Enfermagem e conhecer as bases da educação e as políticas educacionais no Brasil. **Ementa:** Enfermagem como prática social. Reorganização do hospital sob égide do capitalismo. Enfermagem profissional e transformações sócio-políticas e econômicas. Influências inglesa, francesa e americana na profissionalização da Enfermagem brasileira. Ética e moral. Fundamentos da ética. Responsabilidade da equipe de Enfermagem. Direitos humanos. Constituição Federal e Código de Defesa e Proteção do Consumidor. História da educação e influência no ensino. Concepções da educação e das políticas educacionais. Educação em Saúde e cidadania. Antropologia e Enfermagem. Dinamicidade dos conceitos de cultura, etnia, gênero e geração e implicações para a saúde. Dimensões básicas do ser humano face à historicidade, lingüística, família e comunidade. Sociologia e Sociedade; Saúde e Problemas Sociais. Divisão do trabalho. Processo de trabalho em Enfermagem: dimensão assistencial e gerencial. Surgimento e fundamentos da sociologia. Sociedade moderna: histórico de gênese e desenvolvimento. Urbanização, status e classe social, poder e dominação. Trabalho na sociedade contemporânea, a divisão social do trabalho, processo de trabalho e relações de classe. Hospital como instituição total. Fundamentos da sociologia e suas implicações com as práticas de saúde e Enfermagem.

Esse Módulo é conduzido de maneira integrada pelos docentes dos departamentos ENO e ENP da EEUSP e do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (ver Quadro 1).

O módulo **Necessidades de saúde dos grupos sociais como objeto do trabalho de Enfermagem** tem como **foco** a leitura de necessidades de saúde de indivíduos e famílias dos diferentes grupos sociais de um dado território. Seu **objetivo geral** é Identificar necessidades de saúde de indivíduos e famílias dos diferentes grupos sociais de um determinado território. **Ementa:** Necessidades de saúde de indivíduos e famílias dos diferentes grupos sociais de um determinado território. Elementos fundamentais: necessidades de saúde; políticas de saúde e de educação; história da Enfermagem; estatística vital, bioestatística e epidemiologia; Métodos de investigação

epidemiológica. Epidemiologia das doenças infecciosas e não infecciosas. Vigilância epidemiológica. Saúde ambiental. Bases teórico-práticas da Saúde Coletiva.

Esse Módulo é conduzido por docentes dos Departamentos ENO e ENS da EEUSP e do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP (ver Quadro 1).

Nesse Módulo, a prática integrada está voltada à captação de necessidades de saúde, mediante análise de bancos de dados demográficos e de saúde, e visitas orientadas a determinado espaço geo-social e a instituições sociais desse território para identificar condições de trabalho, vida e saúde dos indivíduos e famílias, bem como relacionar os processos saúde-doença com as condições de trabalho, vida e saúde dos indivíduos e famílias dos diferentes grupos sociais.

O módulo **Fundamentos biológicos do Ser Humano em Processo Articulado I** tem como **foco** o conhecimento articulado da estrutura e funcionamento dos sistemas orgânicos para a compreensão das necessidades de saúde do indivíduo (ver Quadro 1).

Esse Módulo é conduzido por docentes do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) e do Instituto de Química (IQ). Os docentes do ICB (Departamentos de Anatomia, Biologia Celular e do Desenvolvimento, Fisiologia e Biofísica e Farmacologia) ministram conteúdos relacionados às áreas de conhecimento de anatomia humana, fisiologia e biofísica, biologia celular e do desenvolvimento e farmacologia. Houve um trabalho articulado dessas áreas para a construção de um programa integrado de conhecimentos a ser ministrado nos três semestres do Ciclo das Necessidades. O **objetivo geral** é propiciar aos estudantes os fundamentos gerais da macro e micro-organização dos sistemas e órgãos do corpo humano e sua fisiologia, a fim de que apreendam sua complexidade e estejam aptos a compreender e discutir aspectos clínicos inerentes à sua formação e à atuação clínica da(o) enfermeira(o). **Ementa:** Morfologia macro e microscópica da célula assim como os princípios básicos de sua fisiologia. Organização geral dos tecidos e do sistema nervoso necessários à compreensão do funcionamento do organismo em condições normais, ressaltando os principais aspectos de interesse clínico do(a) enfermeiro(a) e preparando o estudante para a compreensão das modificações induzidas por fármacos/medicamentos no organismo.

Os conteúdos de **Bioquímica** são ministrados por docente do Departamento de Bioquímica do IQ. **Objetivo geral:** Proporcionar aos estudantes uma visão global dos princípios gerais da Bioquímica e da Biologia Molecular. **Ementa:** Estrutura e reatividade de biomoléculas: Aminoácidos, Peptídeos, Proteínas, Lipídeos, Carboidratos e membranas biológicas. Metabolismo: visão geral e integrada do metabolismo celular. Vias metabólicas e sua integração.

O Quadro 1 mostra a distribuição dos Módulos e carga horária do primeiro semestre do curso.

Quadro 1 - Distribuição da carga horária dos Módulos do primeiro semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem

Primeiro Semestre	
MÓDULOS	Carga horária
Enfermagem como Prática Social Introdução à Sociologia (60h) Enfermagem como Prática Social (60h)	120
Necessidades de Saúde nos Grupos Sociais Estatísticas de Saúde (60h) Epidemiologia (45h) Necessidades de Saúde dos Grupos Sociais e Enfermagem (105h, inclui a Prática Integrada)	210
Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos Articulados I Ciências Básicas Integradas para a Enfermagem I (90h) Bioquímica (90h)	180
Total	510

5.1.2 Segundo Semestre

O segundo semestre do **Ciclo das Necessidades** tem como **eixo** a prática de Enfermagem. É composto pelos **módulos** Bases para Ação Educativa em Saúde; Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos articulados II; Saúde, Ambiente e o Trabalho em Enfermagem.

O Módulo **Bases para Ação Educativa em Saúde** tem com **foco** as ações educativas e relacionamento humano na prática de Enfermagem. O **objetivo geral** é compreender e aplicar os fundamentos necessários para o desenvolvimento das ações educativas em saúde inerentes à prática de Enfermagem. **Ementa:** Educação em saúde na prática de Enfermagem. Tendências pedagógicas e suas aplicações em educação em saúde. Planejamento, construção, desenvolvimento e avaliação de projeto educativo em saúde. Desenvolvimento humano: concepções, relação entre aprendizagem e desenvolvimento humano. Perdas, luto, morte e desenvolvimento humano. Preconceito e estereótipo. Comunicação e interação humana. Teoria de grupos. Dimensões do grupo social.

Esse Módulo é conduzido por docentes dos Departamentos ENO, ENS, ENP e ENC da EEUSP e do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da USP (ver Quadro 2).

A Prática Integrada do segundo semestre está vinculada a esse módulo. Como primeira aproximação ao cuidado de Enfermagem, o estudante desenvolverá ações de educação em saúde em resposta a necessidades de saúde identificadas durante a prática no primeiro semestre.

O Módulo **Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos Articulados II** tem como **foco** o conhecimento articulado da estrutura e funcionamento dos sistemas orgânicos para a compreensão das necessidades de saúde do indivíduo. Seu **objetivo geral** é propiciar aos estudantes os fundamentos gerais da macro e micro-organização dos sistemas e órgãos do corpo humano, sua

fisiologia e farmacologia para a compreensão do funcionamento do organismo em condições normais e patológicas, necessários para abordagem clínica da(o) enfermeira(o). Os tópicos de farmacologia fazem a integração desses conceitos ao abordar o organismo como um todo nas suas respostas aos fármacos/medicamentos. **Ementa:** Morfologia macro e microscópica e a fisiologia dos sistemas locomotor, respiratório, cardiovascular, digestório, endócrino e urogenital e esses como alvo de ações farmacológicas. Os conhecimentos necessários à compreensão do funcionamento do organismo em condições normais, e nas doenças ressaltando os principais aspectos de interesse clínico do(a) enfermeiro(a) ficam assim contemplados.

Esse módulo é ministrado por docentes e do Instituto de Química (IQ) e por docentes do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), departamentos de Anatomia, de Fisiologia e Biofísica, de Biologia Celular e do Desenvolvimento e de Farmacologia do ICB, e compreende as áreas de conhecimento: anatomia humana, fisiologia e biofísica, biologia celular e do desenvolvimento e farmacologia (ver Quadro 2).

O Módulo **Ambiente, Saúde e Enfermagem** tem como **foco a** saúde ambiental aplicada à Enfermagem. O **objetivo geral** do módulo é conhecer e aplicar os fundamentos da microbiologia, da parasitologia humana e do saneamento ambiental para a prática de Enfermagem na promoção de ambientes saudáveis e na prevenção e controle de doenças infecciosas e parasitárias. **Ementa:** Bases da microbiologia, da parasitologia e do saneamento ambiental para a prevenção e controle de agravos transmissíveis. Técnicas de isolamento e identificação de agentes infecciosos e parasitários. Estratégias de saneamento ambiental.

Esse módulo é composto pelas áreas de conhecimento: microbiologia, parasitologia e fundamentos de saneamento ambiental, que são ministrados por docentes dos departamentos de Microbiologia e de Parasitologia, do Instituto de Ciências Biomédicas, e do departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública.

O Quadro 2 mostra a distribuição dos Módulos e carga horária do segundo semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem.

Quadro 2 - Distribuição da carga horária dos Módulos do segundo semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem

Segundo Semestre	
MÓDULOS	Carga horária
Bases para ação educativa em saúde Ações Educativas na Prática de Enfermagem (90h) Fundamentos do Relacionamento Interpessoal em Enfermagem (30h) Psicologia do Desenvolvimento (30h)	150
Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos articulados II Ciências Básicas Integradas para a Enfermagem II (180h) Biologia molecular (30h)	210
Ambiente, Saúde e Enfermagem Fundamentos de Saúde Ambiental (45h) Microbiologia (90h)	135
Disciplinas optativas	15
Total	510

5.1.3 Terceiro Semestre

O terceiro semestre do **Ciclo das Necessidades** tem como **eixo** a avaliação de indivíduos e famílias. É composto pelos **módulos** Avaliação de Indivíduos e Famílias; Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos Articulados III; Biossegurança e Saúde do Trabalhador em Enfermagem. Nesse semestre inicia-se o oferecimento de disciplinas optativas, que possibilitam ao estudante complementar sua formação com temas que atendem seus interesses e necessidades individuais.

O Módulo **Avaliação de Indivíduos e Famílias** tem como **foco** a Avaliação de Indivíduos e Famílias nos diferentes cenários de prática da(o) enfermeira(o). Seu **objetivo geral** é instrumentalizar o estudante nos aspectos conceituais, procedimentais e atitudinais para a compreensão e a prática de avaliação de indivíduos e família. **Ementa:** Bases teóricas e conceituais para a avaliação de indivíduos e de famílias como etapa do processo de Enfermagem. Métodos e Instrumentos para a avaliação da criança, do adulto, do idoso e da família. Avaliação fisiológica, funcional e psicossocial de indivíduos e avaliação estrutural, funcional e de desenvolvimento de famílias para a identificação dos focos de intervenção de Enfermagem no processo saúde-doença. Introdução ao raciocínio clínico.

Esse Módulo é conduzido por docentes dos Departamentos ENC, ENP e ENS da EEUSP.

A Prática Integrada do terceiro semestre está vinculada a esse módulo. O estudante desenvolve ações de avaliação integral de crianças, adultos, idosos, bem como de famílias.

O Módulo **Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos Articulados III** tem como **foco** o conhecimento articulado da estrutura e do funcionamento dos sistemas orgânicos, dos processos patológicos e da herança genética para a compreensão das necessidades de saúde do indivíduo. Seu **objetivo geral** é propiciar aos estudantes os fundamentos gerais da macro e micro-

organização dos sistemas e órgãos do corpo humano, sua fisiologia, patologia, imunologia, genética e farmacologia, para a compreensão do funcionamento do organismo em condições normais e patológicas, necessários à abordagem clínica da(o) enfermeira(o). **Ementa:** Farmacologia aplicada aos sistemas, efeitos dos fármacos/medicamentos nas doenças, farmacodependência. Anatomia topográfica da cabeça, pescoço, tórax, abdome, dorso, membros, da pelve e do períneo. Sistema imune. Resposta imune humoral e celular. Regulação do sistema imune. Reações de hipersensibilidade. Autoimunidade. Transplante. Tumores. Vacinas. Adaptação e lesão celular; inflamação. Alterações circulatórias e respiratórias. Neoplasias. Genética bioquímica e farmacogenética. Transmissão e expressão dos genes. Cromossomos. Doenças genéticas e aconselhamento. Evolução e diversidade humana, efeito fundador, consanguinidade, origem do Homo sapiens, medicina evolutiva.

Esse Módulo é conduzido por docentes do Instituto de Ciências Biomédicas, da Faculdade de Medicina e do Instituto de Biociências.

O Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) ministra conteúdos relacionados à área de conhecimento de farmacologia, com docentes do departamento Farmacologia. Os conteúdos de Imunologia são ministrados por docente do Departamento de Imunologia do ICB.

A Faculdade de Medicina ministra os conteúdos relacionados às áreas de Anatomia Topográfica e de Patologia, ministrados respectivamente por docentes dos Departamentos de Cirurgia e de Patologia.

Os conteúdos de Genética são ministrados por docente do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva, do Instituto de Biociências.

O Módulo **Enfermagem e Biossegurança** tem como **foco** a prevenção de riscos ocupacionais, com ênfase no risco biológico. Seus **objetivos gerais** são: efetuar práticas de proteção à exposição de agentes infecciosos e transmissíveis, voltadas aos usuários e trabalhadores, particularmente os da área da saúde e reconhecer outros riscos ocupacionais (físicos, químicos e outros). **Ementa:** Bases conceituais e ético-legais no cuidado de Enfermagem no que diz respeito à biossegurança, com enfoque na prevenção do risco biológico.

Esse Módulo é ministrado por docentes dos Departamentos ENS e ENO da EEUSP.

O Quadro 3 mostra a distribuição dos Módulos e carga horária do terceiro semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem.

Quadro 3 - Distribuição da carga horária dos Módulos do terceiro semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem

Terceiro Semestre	
MÓDULOS	Carga horária
Avaliação de Indivíduos e Famílias (inclui a Prática Integrada)	210
Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processo Articulado III Ciências Básicas Integradas para a Enfermagem III (75h) Patologia Geral (30h) Anatomia Topográfica (60h) Imunologia (30h) Genética e Evolução Humana (45h)	240
Enfermagem e Biossegurança	45
Disciplinas optativas	15
Total	510

5.2 Ciclo do Cuidado

O **Ciclo do Cuidado** tem como **eixo** o cuidado de Enfermagem e como **foco** os cuidados progressivos no SUS (cuidado integral e integrado). Seu **objetivo geral** é propiciar o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes da(o) estudante para a implementação dos processos de cuidar e gerenciar em Enfermagem, visando à atenção integral às necessidades de saúde em diferentes cenários de prática no âmbito da Atenção Básica e Especializada.

A seguir são descritos os semestres que compõem o **Ciclo do Cuidado** com seus respectivos Módulos e cargas horárias.

5.2.1 Quarto Semestre

O quarto semestre do **Ciclo do Cuidado** tem como **eixo** o cuidado de Enfermagem na Atenção Básica. É composto pelos **módulos** Enfermagem na Atenção Básica; Enfermagem na Administração de Medicamentos; Fundamentos da Psicanálise e a Enfermagem; Parasitologia e a Enfermagem na Atenção Básica; Enfermagem e Pesquisa em Enfermagem. Nesse semestre há também inserção de disciplinas optativas.

O Módulo **Enfermagem na Atenção Básica** tem como **foco** a intervenção de Enfermagem e o monitoramento de problemas e necessidades de saúde de indivíduos e famílias na Atenção Básica. **Objetivo geral:** Propiciar o desenvolvimento e a integração de conhecimentos, habilidades e atitudes do estudante para o processo de cuidado de Enfermagem, visando à atenção integral e humanizada às necessidades de saúde dos usuários (pessoas, famílias e grupos) em Unidades Básicas de Saúde. **Ementa:** Bases do cuidado na Atenção Básica. Planejamento, implementação e avaliação da assistência de Enfermagem na Atenção Básica. Participação em projetos de promoção da saúde de caráter intersetorial, nas ações voltadas a grupos específicos. Aplicação de conceitos de

promoção e recuperação da saúde, prevenção de doenças e agravos, no cuidado de Enfermagem na Atenção Básica. Monitoramento das necessidades de saúde na Atenção Básica. Aspectos biológicos, patológicos e epidemiológicos da parasitologia. Conhecimentos básicos sobre as principais endemias parasitárias do Brasil. Mecanismos de transmissão e profilaxia das parasitoses. Tratamento e programas de controle integrado das grandes endemias parasitárias no Brasil. Cuidados de Enfermagem a pessoas, famílias e grupos, nos diferentes grupos demográficos e perfis epidemiológicos, pautados no contexto social em que se inserem e nas dimensões clínica, ética e relacional/interacional. Aplicação de conceitos do processo de trabalho gerencial no serviço de saúde e de Enfermagem.

Esse Módulo é ministrado de maneira articulada por docentes dos seguintes Departamentos: ENC, ENP, ENS e ENO da EEUSP, de Biologia Celular e do Desenvolvimento e de Parasitologia do ICB.

O Módulo **Enfermagem na Administração de Medicamentos** tem como **foco** o cuidado de Enfermagem na administração de medicamentos. Seu **objetivo geral** é proporcionar o desenvolvimento e a integração de conhecimentos, habilidades e atitudes do estudante no que diz respeito à administração de medicamentos. **Ementa:** Princípios da administração de medicamentos. Vias de administração de medicamentos. Cuidados no preparo e administração de medicamentos. Protocolos da Atenção Básica.

Esse Módulo é ministrado de maneira articulada por docentes dos Departamentos ENC, ENP, ENS da EEUSP e por docente do Departamento de Farmacologia do ICB.

O Módulo **Fundamentos da Psicanálise e a Enfermagem** tem como **foco** a Psicanálise e a Enfermagem. Seu **objetivo geral** é apresentar a Psicanálise a partir de seus fundamentos conceituais, em torno do tema corpo, de grande relevância para a prática e a pesquisa da Enfermagem. **Ementa:** Principais fundamentos conceituais da Psicanálise. Corpo somático e corpo psíquico. Aplicação dos conceitos da teoria freudiana na prática profissional e pesquisa da Enfermagem.

Esse módulo é ministrado por docente do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do IP.

O Módulo **Pesquisa em Enfermagem** tem como **foco** o consumo e desenvolvimento de pesquisa científica. **Objetivo geral:** Iniciar o processo investigatório com a finalidade de consumir, produzir e divulgar pesquisas, integrando-o ao processo de trabalho do enfermeiro. **Ementa:** Processo histórico do conhecimento, da ciência e da pesquisa. Pesquisa nas vertentes quantitativa e qualitativa. Aspectos éticos e legais da pesquisa.

Esse Módulo é ministrado por docentes do Departamento ENO, da EE.

O Quadro 4 mostra a distribuição dos Módulos e carga horária do quarto semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem.

Quadro 4 - Distribuição da carga horária dos Módulos do quarto semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem

Quarto Semestre	
MÓDULOS	Carga horária
Enfermagem na Atenção Básica Enfermagem na Atenção Básica (300h) Parasitologia aplicada à Enfermagem (45h)	345
Enfermagem na Administração de Medicamentos	45
Fundamentos da Psicanálise e a Enfermagem	30
Pesquisa em Enfermagem	60
Disciplinas optativas	30
Total	510

5.2.2 Quinto, Sexto e Sétimo (primeiro bimestre) Semestres

O quinto e sexto semestres e o primeiro bimestre do sétimo semestre do **Ciclo do Cuidado** têm como **eixo** o cuidado de Enfermagem na Atenção Especializada. É composto pelos **módulos** Ética e Legislação em Enfermagem; Matriz Conceitual Integradora; Enfermagem na Saúde da Mulher, Saúde Materna e Neonatal; Enfermagem no Cuidado à Criança e Adolescente na Experiência de Doença; Enfermagem na Saúde Mental; Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso; Enfermagem em Centro de Material; Enfermagem em Doenças Transmissíveis; Administração aplicada a Enfermagem. Nestes semestres, há inserção de disciplinas optativas.

Os módulos são ministrados por docentes dos Departamentos da EEUSP como descrito a seguir:

- Matriz Conceitual Integradora – Departamentos ENS, ENC e ENP
- Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Clínicos e Cirúrgicos – Departamento ENC
- Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Críticos – Departamento ENC
- Enfermagem em Centro de Material – Departamento ENC
- Enfermagem na Saúde da Mulher, Saúde Materna e Neonatal – Departamento ENP
- Enfermagem no Cuidado à Criança e Adolescente na Experiência de Doença – Departamento ENP
- Enfermagem em Saúde Mental – Departamento ENP
- Ética e Legislação em Enfermagem – Departamento ENO
- Bioética – Departamento ENO
- Enfermagem em Doenças Transmissíveis – Departamento ENS
- Administração Aplicada à Enfermagem – Departamento ENO

O Módulo **Matriz Conceitual Integradora** tem como **objetivo geral**: Oferecer elementos para o estudante organizar um quadro de referência teórico-conceitual e metodológico para orientar as experiências clínicas e as reflexões iniciais sobre essas experiências **Ementa**: O conhecimento de Enfermagem. Conceitos, Modelos e Teorias de Enfermagem. Cuidado Humanizado. Raciocínio Clínico e Pensamento Crítico. Processo de Enfermagem. Princípios da Prática Baseada em Evidências

O Módulos **Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Clínicos e Cirúrgicos** e **Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Críticos** têm como **foco** o cuidado de Enfermagem à pessoa em situação de atendimento ambulatorial e internação hospitalar - adulto e idoso com afecções clínicas e cirúrgicas, agudas e crônicas. **Objetivo geral**: planejar, executar e avaliar a assistência de Enfermagem ao adulto e idoso com enfermidades clínicas e cirúrgicas, crônicas e agudas, prevalentes no estado de São Paulo, tendo por base os diagnósticos de Enfermagem, os preceitos ético-legais e a prática baseada em evidências. **Ementa**: Cuidado de Enfermagem a adultos e idosos com doenças agudas e crônicas, em tratamento clínico e cirúrgico, nos ambulatórios especializados, unidades hospitalares médico-cirúrgicas, incluindo centro cirúrgico, UTI e emergência. Bases teóricas, conceituais e metodológicas do cuidado ao adulto e idoso. Respostas humanas às enfermidades, aos processos de vida e intervenções de Enfermagem; Cuidado de Enfermagem ao adulto e idoso.

O Módulo **Enfermagem em Centro de Material** tem como **foco** a Segurança no processamento de materiais para o cuidado à saúde. **Objetivo geral**: Instrumentalizar o estudante para decidir e julgar as práticas seguras relacionadas ao reprocessamento de materiais reutilizáveis na assistência à saúde. **Ementa**: Avaliação das práticas seguras relacionadas ao reprocessamento de materiais reutilizáveis na assistência à saúde. Conhecimento da dinâmica da unidade de Central de Material e Esterilização e dos processos de trabalho. Observância e cumprimento de parâmetros pré-estabelecidos para o reprocessamento de materiais reutilizáveis (materiais seguramente limpos, desinfectados ou esterilizados, livres de biofilmes, endotoxinas e outros pirógenos e substâncias tóxicas) para a segurança na prática utilizada.

O Módulo **Enfermagem na Saúde da Mulher, Saúde Materna e Neonatal** tem como **foco** o cuidado de Enfermagem à pessoa em situação de atendimento ambulatorial e internação hospitalar - a mulher com afecções ginecológicas, e a mulher e o recém-nascido no parto. Seu **objetivo geral** é planejar, executar e avaliar o cuidado de Enfermagem à mulher com afecções ginecológicas benignas prevalentes no território nacional e local, à parturiente, à puérpera e ao recém-nascido, no contexto hospitalar, com base nas principais causas de morbi-mortalidade materna e neonatal, nos preceitos ético-legais e na prática baseada em evidências. **Ementa**: Cuidado de Enfermagem à mulher com

afecções ginecológicas benignas em tratamento clínico e cirúrgico em unidade hospitalar. Cuidado de Enfermagem à parturiente, com ênfase na fisiologia do parto, à puérpera em alojamento conjunto (AC) e ao recém-nascido no nascimento, no AC e em unidade neonatal. Bases teóricas, conceituais e ético-legais do cuidado à mulher e ao recém-nascido e família.

O Módulo **Enfermagem no Cuidado à Criança e Adolescente na Experiência de Doença** tem como **foco** o cuidado de Enfermagem à pessoa em situação de atendimento ambulatorial e internação hospitalar – a criança e a família na experiência de doença. **Objetivo geral:** compreender a experiência de doença da criança e sua família e instrumentalizar o estudante para o cuidado de Enfermagem à criança e sua família fundamentado em bases teóricas. **Ementa:** Bases teóricas e conceituais do processo de cuidar da criança em situação de doença. Pressupostos que fundamentam o cuidado: a doença como experiência na vida da criança e da família e os princípios do cuidado centrado na criança e na família.

O Módulo **Enfermagem em Saúde Mental** tem como **foco** o cuidado de Enfermagem ao adulto com transtorno mental nos campos psiquiátrico e psicossocial. Seu objetivo geral é contextualizar as políticas de atenção à saúde mental do adulto portador de transtorno mental e desenvolver estratégias do processo de cuidar em Enfermagem em saúde mental nos diversos cenários da rede de atenção à saúde mental (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas; ambulatório especializado; ações integradas a atenção básica, no Programa de Saúde da Família), utilizando as tecnologias do cuidado de Enfermagem em saúde mental. **Ementa:** estudo da construção teórica e prática do campo psiquiátrico e do campo psicossocial, e das tecnologias de cuidados a ele atinentes, fundamentado na contextualização histórica do processo saúde-doença mental para a construção dos processos de trabalho em saúde mental, ou seja, do projeto terapêutico individualizado para usuários de serviços da rede pública de atenção à saúde mental.

O Módulo **Enfermagem em Doenças Transmissíveis** tem como **foco** o Cuidado de Enfermagem relacionado às doenças transmissíveis. Seu **objetivo geral** é interpretar a ocorrência de doenças transmissíveis e promover seu enfrentamento e desenvolver práticas de Enfermagem voltadas às ações de vigilância em saúde, segundo o referencial teórico da determinação social do processo saúde-doença. **Ementa:** Bases teóricas, conceituais e ético-legais na atenção às doenças transmissíveis, no que diz respeito à promoção, prevenção, assistência e reabilitação aos indivíduos e suas famílias; experiências de aprendizagem nos serviços de saúde de atenção especializada (ambulatórios, centros de referência e hospitais).

O Módulo **Administração Aplicada à Enfermagem** tem como **foco** o gerenciamento de unidades de Enfermagem. **Objetivo geral:** compreender e exercitar o gerenciamento de unidades de Enfermagem, fundamentado nas bases teóricas e conceituais da administração. **Ementa:** Bases

teóricas e conceituais da administração. Processo de trabalho gerencial em Enfermagem. Gerenciamento de unidades de Enfermagem. Missão, visão e estrutura organizacional. Modelos de gestão. Planejamento e organização da assistência. Recursos humanos, físicos e ambientais e materiais.

O Módulo **Ética e Legislação da Enfermagem** tem como **foco** as dimensões ética e legal da prática profissional de Enfermagem. **Objetivo geral:** analisar os aspectos éticos e legais envolvidos na prática de Enfermagem. **Ementa:** Dimensão ética da atuação profissional. Instrumentos e princípios éticos e legais da prática profissional da Enfermagem. Temas da Bioética relativos à profissão.

O Quadro 5 a seguir mostra a distribuição da carga horária dos Módulos do quinto, sexto e primeiro bimestre do sétimo semestres do curso de Bacharelado em Enfermagem.

Quadro 5 - Distribuição da carga horária dos Módulos do quinto, sexto e primeiro bimestre do sétimo semestres do curso de Bacharelado em Enfermagem.

5º e 6º semestres e primeiro bimestre do 7º semestre	
MÓDULOS	Carga horária
Matriz Conceitual Integradora	45
Ética e Legislação em Enfermagem	30
Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Clínicos e Cirúrgicos	210
Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Críticos	195
Enfermagem em Centro de Material	30
Enfermagem em Saúde da Mulher, Saúde Materna e Neonatal	90
Enfermagem no Cuidado à Criança e Adolescente na Experiência de Doença	90
Enfermagem em Saúde Mental	165
Bioética	45
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	120
Administração Aplicada à Enfermagem	90
Disciplinas Optativas	90
Total	1.200

O oferecimento destes módulos está previsto para ocorrer da seguinte maneira:

- Serão alternados no 5º e 6º semestres dois conjuntos de módulos: um formado por Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Clínicos e Cirúrgicos, Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Críticos e Enfermagem em Centro de Material e o outro composto por Enfermagem na Saúde da Mulher, Saúde Materna e Neonatal, Enfermagem no Cuidado à Criança e Adolescente na Experiência de Doença e Enfermagem na Saúde Mental. Estes conjuntos serão oferecidos para metade da turma de estudantes em cada semestre, alternadamente.
- O módulo Matriz Conceitual Integradora será oferecido ao início do 5º semestre, para todos os estudantes do 3º ano, reunidos em uma única turma.
- O módulo Ética e Legislação em Enfermagem formado pelas disciplinas Ética e Legislação em Enfermagem e Bioética serão oferecidos no 3º ano, 5º e 6º semestre, respectivamente, para todos os estudantes, reunidos em uma única turma.
- Os módulos Enfermagem em Doenças Transmissíveis e Administração aplicada à Enfermagem serão ministrados no sétimo semestre para todos os estudantes, reunidos em uma única turma.

O Quadro 6 a seguir mostra a distribuição dos Módulos da Enfermagem na Atenção Especializada no quinto e sexto semestres do curso de Bacharelado em Enfermagem, para as turmas de estudantes A e B.

Quadro 6 - Distribuição dos Módulos da Enfermagem na Atenção Especializada no quinto e sexto semestres do curso de Bacharelado em Enfermagem

MÓDULOS	5º semestre	6º semestre	Carga horária
Matriz Conceitual Integradora	Turmas A*+ B* (45h)		45
Ética e Legislação em Enfermagem	Turmas A* + B* (30h)		30
Enfermagem na Saúde da Mulher, Saúde Materna e Neonatal Cuidado à Criança em Situação de Doença Enfermagem na Saúde Mental	Turma A* (345 h)	Turma B* (345 h)	345
Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Clínicos e Cirúrgicos Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Críticos Enfermagem em Centro de Material	Turma B* (435 h)	Turma A* (435 h)	435
Bioética		Turmas A* + B* (45h)	45
Disciplinas Optativas	Turma A* (90 h)	Turma B* (90 h)	90
Carga horária total	Turma A* (510h) Turma B* (510h)	Turma A* (480 h) Turma B* (480 h)	990

* As turmas serão compostas pela metade do número de estudantes matriculados no semestre.

O Quadro 7 mostra a distribuição da carga horária dos Módulos da Enfermagem na Atenção Especializada do primeiro bimestre do sétimo semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem.

Quadro 7 - Distribuição da carga horária dos Módulos da Enfermagem na Atenção Especializada no primeiro bimestre do 7º semestre do curso de Bacharelado em Enfermagem

7º Semestre (Primeiro Bimestre)	
MÓDULOS	Carga horária
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	120
Administração Aplicada à Enfermagem	90
Total	210

5.3 Ciclo da Prática Profissional

O **Ciclo da Prática Profissional** tem como **eixo a prática profissional da(o) enfermeira(o)** e como **foco** as práticas de cuidado e de gerenciamento de unidades de Enfermagem nos diferentes níveis de complexidade do SUS. O **objetivo geral** é favorecer o desenvolvimento da autonomia do estudante para buscar o conhecimento, projetar sua vida profissional com compromisso e responsabilidade e propor um plano de ação com acompanhamento pedagógico e respaldo da Universidade. **Os objetivos específicos** deste Ciclo são:

- Desenvolver atividades que possibilitem a transição entre o “mundo acadêmico” (formação inicial) e o “mundo do trabalho” (prática profissional);
- Propiciar maior aproximação com a prática profissional;
- Integrar os conhecimentos apreendidos, vinculando-os às diferentes áreas da prática profissional;
- Planejar e realizar o cuidado nos diferentes cenários de atendimento à saúde;
- Propor e participar da implementação de projetos de cuidado;
- Identificar perspectivas e tendências de atuação do enfermeiro no cuidado e no gerenciamento;
- Aprimorar competências para identificação e satisfação de necessidades de aprendizagem para formação profissional contínua do enfermeiro.

5.3.1 Sétimo (segundo bimestre) e Oitavo Semestres

O Ciclo da Prática Profissional é constituído pelo **Estágio curricular**, que ocorrerá em dois períodos. No 7º semestre, o Estágio Curricular tem como **foco** o Gerenciamento de Unidades de Enfermagem. **Objetivo geral**: analisar e exercitar o processo de trabalho gerencial em Enfermagem,

relacionando-o com a estrutura e dinâmica organizacional do serviço de saúde e de Enfermagem.

Ementa: Conceitos, metodologias e instrumentos do processo de trabalho gerencial em Enfermagem. Planejamento, organização e avaliação da assistência/serviço. Gerencialmente de recursos humanos e financeiros. No 8º semestre, o **foco** é a Prática profissional da(o) enfermeira(o) nos diferentes cenários de atendimento à saúde. **Objetivo geral:** Desenvolver a autonomia do estudante para o exercício profissional orientado pelo SUS de forma responsável, compromissada e ética, considerando a prática nos diversos cenários como locus de geração de questões de aprendizagem, contemplando a especificidade e as inovações da prática de Enfermagem. **Ementa:** Conceitos, metodologias e instrumentos dos processos de trabalho em Enfermagem. Planejamento, organização, execução e avaliação do cuidado de Enfermagem. Prática do cuidado e do gerenciamento do cuidado de Enfermagem.

O Estágio Curricular representa uma articulação efetiva entre teoria e prática, com vistas ao aprofundamento da compreensão da realidade encontrada e à formação da identidade profissional do graduando em Enfermagem, com estratégias que favorecem o desenvolvimento da autonomia, preparando sua transição do mundo acadêmico para o mundo do trabalho.

As parcerias e articulações com os campos de prática são de responsabilidade da EE e das áreas envolvidas. Serão desenvolvidos seminários no decorrer do Estágio Curricular para discussão de temas específicos à luz das experiências vivenciadas nos diferentes campos de prática, por meio de vídeo-conferência, encontros programados dos grupos, com mediação do docente, entre outros.

A coordenação de Estágio Curricular será realizada por docentes dos vários departamentos da EE. Visa identificar e propor parcerias e articulações com os campos de prática e acompanhar o credenciamento de instituições para realização do estágio e organizar a distribuição dos estudantes nos campos de prática, na atenção hospitalar e não hospitalar.

O Quadro 8 mostra a distribuição da carga horária do Estágio Curricular no 7º (segundo Bimestre) e 8º Semestres do Bacharelado em Enfermagem.

Quadro 8 - Distribuição da carga horária do Estágio Curricular do curso de Bacharelado em Enfermagem

Sétimo (2º bimestre) e Oitavo Semestre	
Estágio Curricular	Carga horária
Administração em Enfermagem	300
Enfermagem na Atenção Hospitalar e Pré-Hospitalar (255h) Enfermagem na Atenção Básica, Atenção Psicossocial e Ambulatórios de Especialidades (255h)	510
Total	810

5.4 - Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Atendendo as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, é exigida a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de todos os estudantes como um requisito básico para a formação.

Neste curso, o TCC assume a modalidade de iniciação científica, realizado sob orientação docente. É desenvolvido a partir do quinto semestre do curso de forma contínua até sua finalização. Tem como objetivo incrementar a qualificação do profissional em formação para o alcance do perfil profissiográfico pretendido. À sua finalização, são creditadas 120 horas ao estudante.

Entende-se que a atividade de pesquisa possibilita o desenvolvimento de atitude investigativa em relação à realidade que, por sua vez, contribui para a formação do sujeito crítico, reflexivo e criativo. Propicia também o desenvolvimento de autonomia para a busca e construção do conhecimento, bem como a produção científica que fundamenta e qualifica a prática profissional.

Na atualidade, muitos projetos são financiados por agências de fomento à pesquisa, apoiando o estudante e estimulando o desenvolvimento da iniciação científica.

5.5 Atividade Acadêmica Complementar (AAC) e Disciplinas Optativas

Para completar seu percurso formativo, o estudante cursará 10 créditos em Atividade Acadêmica Complementar (AAC) e/ou disciplinas optativas oferecidas pela EE e por outras unidades da USP. Considera-se relevante a realização dessas disciplinas e atividades no âmbito da universidade ou fora dela, uma vez que têm como objetivo ampliar as dimensões dos componentes curriculares relacionados à Enfermagem, como meio de complementar a formação profissional. A EE e a USP reconhecem, disponibilizam e estimulam a participação estudantil em uma ampla gama de AAC, a saber: monitorias, estágios extracurriculares, projetos de iniciação científica e atividades de extensão universitária, publicações, grupos de pesquisa, cursos de atualização, ligas acadêmicas,

cursos de línguas estrangeiras, eventos científicos e culturais, representação discente em entidades estudantis, colegiados e comissões, entre outras.

No caso de participação em disciplinas optativas, a integralização se fará por meio de créditos aula e/ou trabalho, conforme estabelecido no plano de ensino disciplinar. Já as AAC, denominadas neste projeto curricular “Estudos Independentes”, serão integralizadas no currículo como créditos trabalho, atribuídos a partir da carga horária total declarada em documento comprobatório da participação do estudante na atividade (certificado, relatório, declaração etc) e das normas estabelecidas pela Comissão de Graduação para tal fim.

6. CAMPOS DE PRÁTICA

O ensino de graduação na EEUSP é privilegiado no que diz respeito aos diversos cenários oferecidos para as atividades teórico-práticas e estágios curriculares e extracurriculares. A visão da integralidade e de cuidados progressivos na rede de serviços do SUS vem sendo aprofundada com o novo currículo, o que tem promovido a intensificação de atividades práticas em unidades de atenção básica, especializada e no domicílio.

Os campos de prática são escolhidos considerando seu potencial de aprendizagem para os estudantes. São eleitos serviços que têm o profissional enfermeiro atuante, cujo trabalho está estruturado e possibilita a inserção de estudantes na condição de estagiários.

A EE tem convênios assinados para realização de estágios curriculares com as seguintes instituições:

- Hospital das Clínicas da FMUSP.
- Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira.
- Secretaria Municipal de Saúde.
- Hospital Alemão Oswaldo Cruz.
- Hospital do Câncer A.C. Camargo.
- Hospital Israelita Albert Einstein.
- Hospital e Maternidade São Luiz.
- Hospital Sírio Libanês.
- Casa da AIDS.
- Centro Comunitário da Criança e do Adolescente.

- Centro de Referências de Álcool, Tabaco e Outras Drogas (CRATOD).
- Centro de Referência e Treinamento DST/AIDS.
- Centro de Vigilância Sanitária – OPAS (Organização Pan-americana de Saúde).
- Creche Fraternidade Maria de Nazaré.
- Creche da CEAGESP – Nossa Turma.
- FUNDAP – Fundação do Desenvolvimento Administrativo.
- Instituto Clemente Ferreira.
- Serviço Especial de Saúde de Araraquara.

A integração com a rede de serviços do SUS, em especial aqueles alocados na Coordenadoria de Saúde Centro-Oeste da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo ocorre por meio de convênios e projetos de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidos em parceria com os profissionais de saúde das instituições envolvidas.

6.1 Coordenadoria de Saúde Centro-Oeste

Nessa Coordenadoria, as atividades práticas em campo concentram-se no Distrito de Saúde do Butantã e da Lapa-Pinheiros, que possuem uma ampla rede integrada de serviços que inclui unidades básicas de saúde, centros de atenção psicossocial, serviços residenciais terapêuticos, um ambulatório de especialidades e dois hospitais (incluídos o Centro de Saúde-Escola Samuel Barnsley Pessoa da USP e o Hospital Universitário da USP)

A área de abrangência do Distrito conta ainda com equipamentos sociais e instituições de ensino responsáveis pela formação de recursos humanos em saúde, dentre as quais se destaca a USP. O trabalho cooperativo e de parceria entre a Universidade e a estrutura regular de saúde, que vem sendo desenvolvido por mais de uma década, está direcionado para:

- A implementação de modelos de assistência correspondentes às necessidades locais, operacionalizadas por meio da participação de múltiplas categorias da saúde e que resultem em práticas de saúde de qualidade diferenciada;
- A realização de projetos de investigação voltados para o reconhecimento dos problemas da população local e o estudo de temas que se concretizem em alternativas de respostas a suas necessidades;

- A adoção de práticas de ensino de graduação e pós-graduação que constituam alternativas a serem reproduzidas em outras experiências em âmbito nacional;
- O desenvolvimento de práticas de Enfermagem emancipatórias que superem os modelos tradicionalmente adotados. Para tanto, o entendimento da participação da comunidade segue as diretrizes do SUS, o que resultará em projetos que fortaleçam o controle social;
- A construção conjunta de diretrizes para a implementação de ações específicas de saúde, por meio da participação dos trabalhadores de saúde da região, dos docentes responsáveis pela gestão do distrito e da representação da comunidade.

6.1.1 Centros de Atenção Psicossocial (CAPS)

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), entre todos os dispositivos de atenção à saúde mental, têm valor estratégico para a Reforma Psiquiátrica Brasileira. É função dos CAPS prestar atendimento clínico em regime de atenção diária, evitando assim as internações em hospitais psiquiátricos; promover a inserção social das pessoas com transtornos mentais por meio de ações intersetoriais; regular a porta de entrada da rede de assistência em saúde mental na sua área de atuação e dar suporte à atenção à saúde mental na rede básica. É função, portanto, e por excelência, dos CAPS organizar a rede de atenção às pessoas com transtornos mentais nos municípios. Os CAPS são os articuladores estratégicos desta rede e da política de saúde mental num determinado território.

A integração das atividades de ensino de Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica com a Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo ocorre por meio de atividades de ensino (estágio supervisionado), pesquisa e extensão nos Centros de Atenção Psicossocial: CAPS do Itaim Bibi, CAPS de Perdizes, CAPS Lapa, CAPS Butantã⁷.

6.2 Hospital Universitário (HU-USP)

O HU-USP destina-se ao ensino, à pesquisa e à extensão de serviços à comunidade. Tem por missão oferecer assistência multidisciplinar, de média complexidade, com base no perfil epidemiológico da região. Para a consecução de seus objetivos, o HU-USP estimula e promove o ensino e a pesquisa, desenvolve atividades assistenciais de prevenção e tratamento de doenças, de proteção e recuperação da saúde, e colabora com as instituições de ensino no desenvolvimento de tecnologias assistenciais, educativas e operacionais.

⁷ Disponível em: http://189.28.128.100/portal/saude/visualizar_texto.cfm?idtxt=29797&janela=1 Acesso em 12/05/09.

A integração institucional com a EEUSP efetiva-se por meio da Direção do Departamento de Enfermagem do HU-USP, exercida por docente da Escola, da participação do Diretor do Serviço de Apoio Educacional do Departamento de Enfermagem do HU-USP na Comissão de Graduação (CG) da EEUSP e na participação da presidente da CG na Câmara de Ensino da Comissão de Ensino e Pesquisa do HU-USP.

6.3 Centro de Saúde-Escola “Samuel Barnsley Pessoa” (CSE Butantã)

O CSE Butantã é uma unidade de saúde vinculada à Universidade de São Paulo e articulada à Secretaria de Estado da Saúde e à Coordenadoria de Saúde Centro-Oeste da Prefeitura Municipal de São Paulo. Desde 1977, desenvolve ações de ensino, pesquisa e atenção à saúde da criança, da mulher, do adulto e do idoso, atenção em saúde mental e vigilância epidemiológica, realizadas por uma equipe multiprofissional.

A assistência está dirigida às necessidades de saúde relativas à promoção e proteção da saúde, prevenção de agravos e diagnóstico precoce e tratamento de problemas de saúde, além de suporte para condições que afetam a qualidade de vida e a sobrevivência. Está orientada a propiciar a detecção de necessidades de saúde que transcendem os motivos imediatos de demanda por atendimento e oferecer formas ampliadas de atenção à saúde. Constitui campo de prática fundamental para o ensino de graduação em Medicina e Enfermagem.

6.4 Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP

O HC-FMUSP é uma autarquia vinculada administrativamente à Secretaria de Estado da Saúde e associada à FMUSP para fins de ensino, pesquisa e prestação de serviços de saúde de alta complexidade. Integra o SUS, mediante convênio. O Complexo HC ocupa uma área total de 352 mil m², com cerca de 2.200 leitos distribuídos entre os seus dois hospitais auxiliares, uma divisão de reabilitação, um hospital associado e seis institutos especializados: Central, de Ortopedia e Traumatologia, do Coração, de Psiquiatria, da Criança e de Radiologia⁸. Desde a sua criação, a EEUSP desenvolve uma parceria com o HC-FMUSP que envolve a utilização de seus diversos Institutos como campos de prática e de estágio curricular dos estudantes de graduação, a realização de pesquisas conjuntas e a qualificação de enfermeiras dos serviços em programas de pós-graduação senso lato e estrito.

⁸ Disponível em http://www.hcnet.usp.br/instituicao/quem_somos.htm Acesso em 06/06/2009.

6.5 Instituto do Câncer do Estado de São Paulo (ICESP)

Inaugurado em maio de 2008, o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira é uma Organização Social de Saúde, criada pelo Governo do Estado, em parceria com a Fundação Faculdade de Medicina para ser o maior hospital especializado em tratamento de câncer da América Latina⁹.

A cooperação técnica da EE com o ICESP tem como objeto a integração no âmbito de suas áreas de atuação e capacidade técnica, no planejamento e operacionalização das ações de ensino, pesquisa e extensão universitária na área de Enfermagem e na definição dos princípios que fundamentam o cuidado de Enfermagem do ICESP.

7. LABORATÓRIOS DE ENFERMAGEM

Atualmente, a EE conta com o Centro dos Laboratórios de Enfermagem em Ensino, Habilidades, Simulação e Pesquisa (CELAB), inaugurado em 2011. O CELABB é integrado pelos laboratórios de habilidades, simulação, modelos animais, microbiologia, recursos lúdicos e tele-Enfermagem. Instalados prédio principal e em prédio anexo ao prédio principal, esses laboratórios ocupam área de aproximadamente 700 m². São utilizados, permanentemente, por cerca de 300 estudantes de graduação, em disciplinas ministradas pela Unidade.

A aquisição de novos materiais e equipamentos vem sendo feita com recursos da Pró-Reitoria de Graduação e do **PRÓ-SAÚDE** - Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde. Com o apoio do PRÓ-SAÚDE e da USP, a Escola elaborou projetos para reforma das áreas físicas e compra de novos equipamentos, que proverão a EEUSP de ambientes de simulação, com possibilidade de filmagem, observação e análise pelos pesquisadores; ambientes para testes clínicos de novas abordagens comportamentais e cognitivas, individuais e grupais, e central de monitorização e edição audiovisual.

O CELAB tem como principais objetivos disponibilizar recursos para a capacitação técnico-científica na área de Enfermagem para estudantes de graduação e pós-graduação em diferentes áreas, para o desenvolvimento de habilidades procedimentais, cognitivas e atitudinais.

Recursos adequados em um ambiente seguro e com baixo potencial de “stress” favorecem o processo ensino-aprendizagem à medida que reduzem a ansiedade dos estudantes, pois facilitam a aquisição e desenvolvimento de habilidades. Por essa razão, o laboratório se constitui um importante recurso para o estudante de Enfermagem.

⁹ Disponível em <http://www.icesp.org.br/Institucional//Sobre-o-Icesp//Histórico/> Acesso em 19/10/2011

Cada vez mais, pretende-se tornar o CELAB um centro de aprendizagem interdisciplinar onde estudantes de Enfermagem e profissionais de outras disciplinas se desenvolvam em ambiente altamente técnico e integrado que possibilite:

- A demonstração e o exercício de realização de procedimentos técnicos e outras intervenções de Enfermagem;
- O elo entre a teoria e a prática;
- A aprendizagem auto-dirigida envolvendo os diversos recursos de mídia instrucional;
- O acompanhamento sistematizado da aprendizagem dos estudantes em procedimentos técnicos por meio de um “diário de aprendizagem” individual;
- O desenvolvimento de pesquisas.

O Centro de Estudos em TeleEnfermagem (CETENF-EEUSP), parte integrante do CELAB, é um laboratório virtual de natureza acadêmica, interdisciplinar. O Centro de Produção Digital da Coordenadoria de Tecnologia da Informação (CTI) e da Pró-Reitoria de Graduação da USP está integrado ao CETENF-EEUSP.

Os objetivos do CETENF-EEUSP consistem em propiciar o uso das telecomunicações e das tecnologias computacionais na pesquisa, educação, gerenciamento e assistência em Enfermagem e criar materiais didático de apoio ao ensino à distância e aprendizado eletrônico.

Competem ao CETENF-EEUSP as seguintes atividades:

- Desenvolver pesquisas nas áreas de TeleEnfermagem e Telesaúde;
- Socializar produtos e processo de investigação, propiciando intercâmbio com centros de estudos e pesquisa nas áreas de TeleEnfermagem e Telesaúde;
- Desenvolver metodologias de Teleeducação, educação a distância e aprendizado eletrônico;
- Desenvolver metodologias de produção de materiais didático e objetos de aprendizagem para o ensino à distância e aprendizado eletrônico em Enfermagem;
- Promover a Teleeducação e o ensino à distância e o aprendizado eletrônico em Enfermagem
- Promover a educação permanente por meio de cursos, seminários ao público especialista, estudantes de graduação, pós-graduação e profissionais da saúde atendendo as demandas específicas e gerais na área de TeleEnfermagem;
- Capacitar os docentes para a utilização da TeleEnfermagem no âmbito educacional e assistencial;
- Promover a formação de uma rede de facilitadores/formadores em Enfermagem;
- Estabelecer parcerias entre instituições de ensino e de saúde, nacionais e internacionais que desenvolvem projetos nessa área;
- Criar e agregar grupos de estudos com a participação de pesquisadores nacionais e internacionais;

- Monitorar as informações da estação de trabalhos do núcleo de estudos e pesquisa sobre recursos humanos da EEUSP-NEPRH/EE/USP vinculada à rede de observatório de recursos humanos em saúde da OPAS/OMS-MS/SEGETES.

8. METODOLOGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Decidiu-se pela utilização da metodologia dialética¹⁰ como balizadora do processo de ensino-aprendizagem, o que exige do professor uma nova concepção de sujeito, conhecimento e processo ensino-aprendizagem, com a ampliação das formas de ensinar, nas quais o estudante tem papel ativo. Embora as metodologias tradicionais de ensino ainda sejam predominantes na EEUSP, em pesquisas realizadas identificou-se a intencionalidade dos docentes de investir na formação pedagógica e a crença de que a mudança curricular possibilite melhorias no processo ensino-aprendizagem^{11,12}.

Iniciativas já vêm ocorrendo nessa direção, por meio do desenvolvimento profissional de docentes no campo da pedagogia universitária e, no novo currículo, o avanço tem se dado em direção à utilização da metodologia dialética no processo de ensino-aprendizagem visando ao desenvolvimento do sujeito crítico, reflexivo, criativo e autônomo, de acordo com o perfil profissiográfico que se deseja alcançar.

Na metodologia dialética, proposta por Vasconcellos¹⁰, o conteúdo precisa ser trabalhado, refletido e re-elaborado pelo estudante, para poder se constituir em seu conhecimento. Para tanto, os docentes desenvolvem formas de ensinar em que os estudantes têm papel ativo no processo.

A metodologia dialética se expressa em três momentos, a serem considerados pelo educador no trabalho pedagógico, a saber: a mobilização para o conhecimento, a construção do conhecimento e a elaboração da síntese do conhecimento.

A mobilização do conhecimento é a primeira etapa do processo e supõe o interesse do estudante em conhecer, ou seja, em estabelecer vínculo significativo com o objeto do conhecimento, o que deverá constituir-se em desafio para a elaboração das primeiras representações mentais do objeto a ser conhecido. O professor nesse momento deve ajudar o estudante a construir essa representação.

Na construção do conhecimento, o educador colabora na construção da representação mental do objeto em estudo e o educando penetra no objeto para compreendê-lo em suas relações

¹⁰ Vasconcellos CS. Metodologia dialética em sala de aula. Revista AEC, 1992 abr/jun; 21(83):28-55.

¹¹ Püschel VAA, Rocha FM, Lourenço MB. A prática pedagógica da professora de Enfermagem: características, desafios e perspectivas. Relatório de pesquisa. Programa Ensinar com Pesquisa da Pró-Reitoria de Graduação da USP. 2008.

¹² Silva EMR, Püschel VAA. A prática pedagógica do professor de Enfermagem: a perspectiva do estudante. Sinergia. 2010;11(1):38-44,

internas e externas e captar-lhe a essência. A construção do conhecimento propriamente dita dá-se pela abordagem significativa do estudante ao objeto de conhecimento, voltada para a análise das múltiplas relações que o compõem. Neste momento, deve ocorrer o aprofundamento do tema em estudo e o papel do professor é apontar como pode ser feita a abordagem do objeto, por meio da exposição dialogada, pesquisa teórica ou de campo, experimentação etc.

Na elaboração da síntese do conhecimento, o educando deve ter oportunidade de sistematizar o conhecimento que vem adquirindo e de expressá-lo concretamente, seja de forma oral, gestual, escrita ou prática. Tais momentos promovem a sistematização e a expressão da síntese pessoal dos conhecimentos adquiridos ao longo do processo de construção do conhecimento percorrido pelo estudante. Cabe ao docente proporcionar vários momentos para os estudantes exporem suas sínteses provisórias, para possibilitar a concretização de uma síntese conclusiva, ainda que provisória, e a socialização desta.

No presente PPP pode-se perceber a inserção de conhecimentos específicos da ciência da Enfermagem e da Saúde de forma articulada desde o início do curso, com o objetivo de promover a aprendizagem significativa. Outro elemento observável é o aumento da relação teoria-prática, presente na prática profissional de campo e oportunizada aos estudantes desde o primeiro semestre, refletindo a preocupação em avançar para um modelo curricular inovador e mais efetivo em termos de seu potencial formativo e ancorado nos projetos de ação a serem desenvolvidos para as realidades identificadas, visando à sua transformação.

Nos Programas de Aprendizagem são apresentados um conjunto de estratégias de ensino que prevêem maior e melhor articulação dos conteúdos, visando à participação ativa dos estudantes em seu processo de aprendizagem, como exposição dialogada, resolução de problema, estudo de caso, seminário, oficina, entre outras.

Finalmente, cabe acrescentar que o ensino de Enfermagem proposto processa-se fundamentalmente por meio de atividades presenciais, havendo utilização de estratégias de comunicação virtual em caráter complementar. Assim, propõe-se a realização de vídeo-conferências e *chats*, quando da necessidade de comunicação entre estudantes atuando em diferentes serviços (campos de prática) ou com especialistas situados em localidades distantes. Também tem sido utilizadas ferramentas virtuais para organização de algumas disciplinas ou módulos, como Moodle¹³.

¹³ O Moodle é um pacote de software para a produção de sítios Web e disciplinas na Internet. Disponível em http://docs.moodle.org/pt/Sobre_o_Moodle Acesso em 07/05/09.

9. GESTÃO DO CURSO

Introduz-se nesse PPP este capítulo relativo à gestão do curso do Bacharelado em Enfermagem, o que constitui um desafio tendo em vista que representa uma nova maneira de gerir, de forma sistematizada, o curso, e que, portanto, é um processo em construção.

A gestão do curso do bacharelado busca o estabelecimento e o cumprimento de metas, visando ao acompanhamento da implementação do PPP, para garantir que os objetivos dos ciclos e dos seus respectivos módulos sejam alcançados e que as atividades pedagógicas estejam sendo conduzidas para atender ao perfil profissiográfico definido.

A Comissão Coordenação do Curso (CoC) do bacharelado é a instância que mais diretamente faz a gestão do curso. Em 2009, foi assinada pela Pró-Reitoria de Graduação a Resolução¹⁴ que estabelece as normas e funcionamento das CoCs, cujas atribuições encontram-se reunidas no Artigo 7º, em consonância com as diretrizes estabelecidas pela CG a qual está vinculada:

- I - coordenar a implementação e a avaliação do projeto político pedagógico do curso considerando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as Diretrizes Curriculares vigentes e, no caso de cursos de licenciatura, o Programa de Formação de Professores da Universidade;
- II - encaminhar propostas de reestruturação do projeto político pedagógico e da respectiva estrutura curricular (disciplinas, módulos ou eixos temáticos) à CG da Unidade à qual o curso ou habilitação está vinculado, ouvidos, quando for o caso, os Departamentos;
- III - coordenar o planejamento, a execução e a avaliação dos programas de ensino/aprendizagem das disciplinas, módulos ou eixos temáticos;
- IV - elaborar a proposta de renovação de reconhecimento do curso;
- V - analisar a pertinência do conteúdo programático e carga horária das disciplinas, módulos ou eixos temáticos, de acordo com o projeto político pedagógico, propondo alterações no que couber;
- VI - promover a articulação entre os docentes envolvidos no curso ou habilitação com vistas à integração interdisciplinar ou interdepartamental na implementação das propostas curriculares;
- VII - acompanhar a progressão dos estudantes durante o curso ou habilitação, propondo ações voltadas à prática docente ou à implementação curricular, quando for o caso;
- VIII - propor à CG alterações do número de vagas do curso ou habilitação, ouvidos, quando for o caso, os Departamentos envolvidos;
- IX - submeter a proposta global do respectivo currículo à CG da Unidade, à qual o curso ou habilitação está vinculado;

¹⁴ USP – Pró-Reitoria de Graduação. Resolução CoG – 5.500, de 13-1-2009. Estabelece normas para o funcionamento das Comissões de Coordenação de Cursos. Publicada no D.O.E de 29/1/2009. Seção I – fls.39. Disponível em: <http://leginf.uspnet.usp.br/resol/r5500m.htm>

X - outras funções que lhe forem atribuídas pelo CoG ou que lhe forem delegadas pela CG da Unidade responsável pelo oferecimento do curso ou habilitação.

10. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO DO CURSO E DE MÓDULOS/DISCIPLINAS

A avaliação do processo ensino e aprendizagem é parte importante do PPP e deve ser um processo constante ao longo do curso. Num currículo em matriz integrativa concebe-se a avaliação como um acompanhamento processual, de caráter formativo, uma vez que “abarca a análise dos avanços efetivados no processo de ensino-aprendizagem: do estudante em direção à profissão; do professor, como tradutor dos elementos do quadro científico para o nível de apreensão crescente dos estudantes; e dos conteúdos, sejam cognitivos, procedimentais e atitudinais, propostos e sistematizados”¹⁵.

Foi constituída a **Comissão de Avaliação do Projeto Político-Pedagógico dos Cursos de Bacharelado e de Licenciatura** por meio da Portaria EE 29/10, de 20 de julho de 2010, com a competência de “orientar e acompanhar o processo de avaliação do PPP dos cursos de Bacharelado e de Licenciatura em Enfermagem da EEUSP, bem como formular diretrizes referentes à avaliação do curso”.

Essa Comissão está desenvolvendo suas atividades e contando com assessoria externa para atender aos seguintes objetivos gerais e específicos apresentados a seguir.

Objetivo geral:

- Orientar o processo de construção de metodologia de avaliação do currículo, nos aspectos relacionados ao desenvolvimento do corpo discente e docente.
- Quanto ao corpo discente - elementos que possam avaliar: o grau de autonomia e de participação; a capacidade de trabalhar em grupo, de modo colaborativo; a interação com equipe de saúde, com colegas e usuários dos serviços de saúde e docentes; atitudes éticas e humanísticas; aprendizagem de conhecimentos em Enfermagem.
- Quanto ao corpo docente - elementos que possam avaliar: adesão à proposta curricular; participação e ação colaborativa; integração interdepartamental no desenvolvimento da proposta curricular; formação no campo pedagógico; ação docente em consonância à proposta curricular e ao perfil profissiográfico.

15 Anastasiou LGC. Avaliação, ensino e aprendizagem: anotações para um começo de conversa. In: Cordeiro TSC, Melo MMO (org.). Formação pedagógica e docência do professor universitário: um debate em construção. Recife: Universitária; 2008. p,356.

Objetivos específicos:

1) Elaborar a avaliação da matriz de avaliação curricular fundamentada nas diretrizes curriculares nacionais de Enfermagem e perfil profissiográfico da EEUSP e instrumentos e critérios de avaliação do PPP quanto à:

- Integração e articulação da proposta curricular;
- Avaliação da evolução do estudante ao longo do curso;
- Coerência entre objetivos do curso, diretrizes e estrutura curricular, organização didático-pedagógica, conforme perfil profissiográfico;
- Articulação dos conteúdos que compõem os Ciclos das Necessidades de saúde, do Cuidado e da Prática profissional, considerando o eixo central do currículo: *o Cuidado de Enfermagem em seus diferentes sentidos, significados e dimensões*;
- Aprendizagem de conteúdos cognitivos, procedimentais e atitudinais.

2) Colaborar na análise da pertinência das questões avaliativas do conhecimento de Enfermagem em relação à matriz curricular

3) Construir instrumento de avaliação do ambiente educacional no ensino de graduação em Enfermagem.

4) Analisar os resultados quantitativos obtidos pela aplicação dos instrumentos de avaliação discente (ambiente educacional e auto-avaliação em cada ciclo).

As atividades desenvolvidas pela referida Comissão de Avaliação têm sido apresentadas e discutidas nas reuniões regulares do GAP.

As reuniões do GAP têm se constituído espaço de discussão e de avaliação da implementação do novo currículo. Tem possibilitado o acompanhamento das disciplinas e módulos, de modo a cuidar para que a articulação dos conteúdos, a aprendizagem dos estudantes e a formação conforme o perfil profissiográfico definido seja tomada como referência.

Além disso, são utilizados os indicadores definidos pela Pró-Reitoria de Graduação, por meio do Sistema Integrado de Indicadores da Graduação (SIGA)¹⁶, para avaliação de cursos na USP: perfil do ingressante, tempo médio de integralização do curso, evasão, transferências. Estão sendo construídos indicadores, pelo SIGA, que permitirão avaliar também: estudantes concluintes segundo ano de ingresso/conclusão; estrutura curricular; aprovação e reprovação; evasão por características

¹⁶ O SIGA – Sistema Integrado de Indicadores da Graduação –, consiste no meio pelo qual estudantes, professores e gestores avaliam aspectos do ensino de graduação da Universidade, no âmbito do curso e da Unidade em que participam, deixando registradas suas opiniões a respeito de cada disciplina e, sobretudo, acerca das condições gerais (estruturais e didáticas) sob as quais o curso se desenvolve <http://143.107.209.33/frmApresentacao.aspx?Tipo=IN>

do estudante; índice de conclusão no período ideal; rendimento acadêmico; tempo médio de integralização por características do estudante, dentre outros.

10.1 Perfil dos Ingressantes

Para a caracterização dos estudantes tomou-se como fonte as estatísticas da Fuvest, dos anos de 2008 a 2011, considerando-se o total de estudantes que efetivaram sua matrícula no curso de Enfermagem.

Foram selecionadas as seguintes variáveis socioeconômicas: estado civil; instituição de ensino em que realizou o ensino médio; grau de instrução do pai e da mãe. Nos quatro anos considerados houve predomínio de estudantes solteiros, com percentuais de 97,5% (em 2008), 96,2% (em 2009) e 95% (em 2010 e 2011).

Em 2008, 70% dos ingressantes realizou o ensino médio exclusivamente em escola particular, enquanto 26,3% em escola pública. Em 2009, os percentuais foram 62% e 29,1%, respectivamente. Em 2010, 55% dos ingressantes realizou o ensino médio exclusivamente em escola particular, enquanto 16,25% em escola pública. Em 2011, 77,5% realizou o ensino médio exclusivamente em escola particular, enquanto 18,75% em escola pública.

Quanto ao grau de instrução do pai houve aumento do percentual daqueles com nível universitário completo entre 2008 e 2009 (de 36,5% para 43%). No ano de 2010 observa-se queda nesse percentual, sendo registrado 32,5% de pais com ensino superior completo. Em 2011, nota-se uma pequena elevação do índice, sendo os pais com ensino superior completo 33,75%. Em relação ao ensino médio, temos o seguinte quadro: em 2008, observa-se 25% de pais com ensino médio completo, em 2009 o índice é de 13,9%, em 2009, em 2010 o índice é de 36,25% e em 2011 o índice corresponde a 27,5%. Em relação à escolaridade das mães, percebe-se que houve um aumento, considerando-se os quatro anos de análise. Em 2008, o índice de mães com ensino universitário completo era de 12,5%, em 2009 o índice era de 34,2%, em 2010 o índice era de 37,5% e em 2011 o índice é de 38,7%. Em relação ao ensino médio, em 2008 26,3% das mães tinham essa etapa da formação como nível máximo de instrução, em 2009 o índice era de 27,8%, em 2010 e 2011 o índice correspondia a 27,5%.

A renda familiar em salário mínimo correspondeu, respectivamente, em 2008, 2009 e 2010 a: dois a cinco salários mínimos (37,6%, 44,4% e 33,75%), cinco a dez (35%, 27,8% e 43,75%), dez a vinte (18,8%, 11,4% e 11,25%) e maior que vinte (7,5%, 2,5% e 7,5%). Para o ano de 2011 os índices ainda encontram-se em fase de processamento.

10.2 Acompanhamento de Egressos

Pesquisa¹⁷ realizada com o objetivo de caracterizar os egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da EEUSP no período de 2000 a 2005, mostrou que dos 465 formados no período pesquisado, 175 (37,6%) responderam ao instrumento de coleta de dados. A inserção no mercado de trabalho no município de São Paulo deu-se majoritariamente em instituições hospitalares privadas, por meio de processo seletivo voltado para a área de assistencial. A maioria permaneceu nos primeiros empregos de um a seis meses. A faixa salarial predominante no primeiro emprego variou de cinco a oito salários mínimos. No momento da coleta de dados, grande parte dos participantes possuía um vínculo empregatício estável e estava inserida em instituições hospitalares privadas, com média salarial de sete salários mínimos e meio.

Os resultados da pesquisa evidenciam que houve rápida inserção dos egressos no mercado de trabalho. As maiores facilidades para tanto estavam relacionadas à formação obtida no curso de graduação, à indicação de pessoas e ao bom desempenho no processo seletivo. As maiores dificuldades citadas pelos participantes relacionavam-se à falta de especialização ou experiência, à idade e ao baixo desempenho no processo seletivo.

A EE acompanha também a inserção dos recém-formados no mercado de trabalho mediante os processos seletivos para ingresso de enfermeiros no HU-USP, por meio da realização de provas e da avaliação dos resultados obtidos em conjunto com a instituição.

Ressalta-se que está sendo discutido na USP o desenvolvimento de um sistema para acompanhamento de egressos.

11. VAGAS OFERECIDAS E FUNCIONAMENTO

O Curso de Bacharelado em Enfermagem oferece 80 vagas anuais, com entrada através do vestibular da Fuvest e do SiSU (Sistema de Seleção Unificada). A matrícula em disciplinas é semestral. Funciona em período integral.

¹⁷ Püschel VAA, Inácio MP, Pucci PPA. Inserção dos Egressos da Escola de Enfermagem da USP no mercado de trabalho: facilidades e dificuldades. Rev Esc Enferm. USP. 2009;43(3):535-42.

MATRIZ CURRICULAR – CÓDIGO DE CURSO: 7012

BACHARELADO - INÍCIO DA VIGÊNCIA: 2010

DISCIPLINAS

MÓDULOS	DISCIPLINAS		CRÉDITOS			CARGA HORÁRIA	SEMESTRE IDEAL
	Código	Nome	C.A. (15h)	C.T. (30h)	TOTAL		
1º SEMESTRE							
Enfermagem como Prática Social	0701201*	Enfermagem como Prática Social	4	-	4	60h	1º
	FSL0107	Introdução à Sociologia	4	-	4	60h	1º
Necessidades de Saúde nos Grupos Sociais	0701202*	Necessidades de Saúde dos Grupos Sociais e Enfermagem	7	-	7	105h	1º
	HEP0170	Estatísticas de Saúde	4	-	4	60h	1º
	HEP0136	Epidemiologia	3	-	3	45h	1º
Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos Articulados I	0420127*	Ciências Básicas Integradas para a Enfermagem I	6	-	6	90h	1º
	QBQ0106	Bioquímica	6	-	6	90h	1º
Total			34	-	34	510h	
2º SEMESTRE							
Bases para Ação Educativa em Saúde	0701203*	Ações Educativas na Prática de Enfermagem	6	-	6	90h	2º
	ENP0155	Fundamentos do Relacionamento Interpessoal em Enfermagem	2	-	2	30h	2º
	PSA0183	Psicologia do Desenvolvimento	2	-	2	30h	2º
Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos Articulados II	0420128*	Ciências Básicas Integradas para a Enfermagem II	12	-	12	180h	2º
	QBQ0107	Biologia Molecular	2	-	2	30h	2º
Ambiente, Saúde e Enfermagem	HSA0106	Fundamentos de Saúde Ambiental	1	1	2	45h	2º
	BMM0400	Microbiologia Básica	6	-	6	90h	2º
Disciplinas optativas			1	-	1	15h	3º
Total			32	1	33	510h	

3º SEMESTRE							
Avaliação de Indivíduos e Famílias	0701204*	Avaliação de Indivíduos e Famílias	14	-	14	210h	3º
Fundamentos Biológicos do Ser Humano em Processos Articulados III	0420129*	Ciências Básicas Integradas para a Enfermagem III	5	-	5	75h	3º
	MPT1152	Patologia Geral	2	-	2	30h	3º
	MCG0103	Anatomia Topográfica	4	-	4	60h	3º
	BMI0468	Imunologia	2	-	2	30h	3º
	BIO0119	Genética e Evolução Humana	3	-	3	45h	3º
Enfermagem e Biossegurança	0701205*	Enfermagem e Biossegurança	3	-	3	45h	3º
Disciplinas optativas	-	-	1	-	1	15	7º
Total			34	-	34	510h	
4º SEMESTRE							
Enfermagem na Atenção Básica	0701206*	Enfermagem na Atenção Básica	20	-	20	300h	4º
	BMP0220	Parasitologia Aplicada à Enfermagem	3	-	3	45h	4º
Enfermagem na Administração de Medicamentos	0701207*	Enfermagem na Administração de Medicamentos	3	-	3	45h	4º
Fundamentos da Psicanálise e a Enfermagem	PSA0293	Fundamentos da Psicanálise e a Enfermagem	2	-	2	30h	4º
Pesquisa em Enfermagem	ENO0221	Pesquisa em Enfermagem	4	-	4	60h	4º
Disciplinas optativas			2	-	2	30h	4º
Total			34	-	34	510h	

5º e 6º SEMESTRES							
Matriz Conceitual Integradora	0701208*	Matriz Conceitual Integradora	3	-	3	45h	5º
Enfermagem na saúde do adulto e do idoso em cuidados críticos	ENC0250	Enfermagem na saúde do adulto e do idoso em cuidados críticos	13	-	13	195h	5º ou 6º
Enfermagem na saúde do adulto e do idoso em cuidados clínicos e cirúrgicos	ENC0240	Enfermagem na saúde do adulto e do idoso em cuidados clínicos e cirúrgicos	14	-	14	210h	5º ou 6º
Enfermagem em Centro de Material	ENC0229	Enfermagem em Centro de Material	2	-	2	30h	5º ou 6º
Enfermagem em Saúde da Mulher, Saúde Materna e Neonatal	ENP0375	Enfermagem em Saúde da Mulher, Saúde Materna e Neonatal	6	-	6	90h	5º ou 6º
Enfermagem no Cuidado à Criança e Adolescente na Experiência de Doença	ENP0382	Enfermagem no Cuidado à Criança e Adolescente na Experiência de Doença	6	-	6	90h	5º ou 6º
Enfermagem em Saúde Mental	ENP0253	Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica	11	-	11	165h	5º ou 6º
Ética e Legislação em Enfermagem	ENO0301	Ética e Legislação em Enfermagem	2	-	2	30h	5º
Bioética	ENO0302	Bioética	3	-	3	45h	6º
Disciplinas optativas	-	-	6	-	6	90h	5º e 6º
Total			66	--	66	990h	
7º SEMESTRE							
Enfermagem em Doenças Transmissíveis	ENS0425	Enfermagem em Doenças Transmissíveis com Enfoque na Saúde Coletiva	8	-	8	120h	7º
Administração Aplicada à Enfermagem	ENO0400	Administração Aplicada à Enfermagem	6	-	6	90h	7º
Estágio Curricular I	ENO0500	Estágio Curricular I (Administração em Enfermagem)	2	9	11	300	7º
Total			16	9	25	510h	
8º SEMESTRE							
Estágio Curricular II	0701209*	Estágio Curricular II (Enfermagem na Atenção Básica, Atenção Psicossocial ou Ambulatórios de Especialidades)	1	8	9	255	8º
Estágio Curricular III	0701210*	Estágio Curricular III (Enfermagem na Atenção Hospitalar ou Pré-Hospitalar)	1	8	9	255	8º
Total			2	16	18	510h	

C.A.: Crédito-aula = 15 horas

C.T.: Crédito-trabalho = 30 horas

*disciplina interdepartamental

DISCIPLINAS OPTATIVAS LIVRES

CÓDIGO	DISCIPLINAS	CRÉDITOS			CARGA HORÁRIA	SEMESTR E IDEAL
		C.A	C.T.	TOTAL		
0701250*	Comunicação para a Clínica Ampliada na Prática de Enfermagem em Atenção Básica	2	0	2	30h	A partir do 4º
0701251*	Prevenção e Controle de Infecções Relacionadas à Assistência a Saúde	1	0	1	15h	A partir do 5º
0701255*	Práticas, formação e educação interprofissional em saúde.	3	0	3	45h	A partir do 3º
ENC0110	Enfermagem nas Práticas Complementares de Saúde	3	-	3	45h	A partir do 3º
ENC0111	Interpretação de Exames Laboratoriais para Enfermagem	1	-	1	15h	A partir do 5º
ENC0112	Enfermagem em Primeiros Socorros	2	-	2	30h	A partir do 6º
ENC0113	Assistência de Enfermagem em Cuidados Paliativos na Área de Oncologia	2	-	2	30h	A partir do 4º
ENC0115	Assistência em Estomaterapia: o Estomizado	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENC0132	Assistência de Enfermagem em Gerontologia	1	1	2	45h	A partir do 3º
ENC0155	Assistência em Estomaterapia Voltada para a Prevenção e Tratamento de Feridas	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENC0165	Bioética e Saúde no Cinema: Reflexão e Debate	1	-	1	15h	A partir do 3º
ENC0170	A Prática Assistencial na Hipertensão Arterial	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENC0185	Reabilitação na Lesão Medular	1	-	1	15h	A partir do 3º
ENO0150	Saúde do Trabalhador de Enfermagem	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENO0165	Processo Histórico da Enfermagem e as Práticas Atuais	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENP0105	Práticas Obstétricas na Assistência ao Parto	1	-	1	15h	A partir do 3º
ENP0110	Introdução à Pesquisa Clínica em Enfermagem	1	-	1	15h	A partir do 3º
ENP0115	Procedimentos Terapêuticos no Cuidado à Criança e ao Adolescente na Experiência de Doença	2	-	2	30h	A partir do 4º
ENP0132	Brincar como cuidado à criança	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENP0133	Dor no recém-nascido e na criança: aspectos essenciais para o cuidar	2	-	2	30h	A partir do 3º

ENP0141	Concepções de Sexualidade na Sociedade Ocidental	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENP0160	Métodos Anticoncepcionais	1	-	1	15h	A partir do 3º
ENP0175	A Criança em Situação de Violência: Subsídios para a Atuação do Profissional de Saúde	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENP0191	A Experiência da Pessoa e da Família no Processo de Morrer	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENS0101	Promoção da Saúde e a pratica de enfermagem	1	1	2	45h	A partir do 3º
ENS0102	Serviços de saúde: financiamento e custos no processo de produção	1	-	1	15h	A partir do 3º
ENS0160	A Sistematização das Ações Educativas em Saúde Coletiva	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENS0172	Drogas Psicoativas: educação e redução de danos	3	-	3	45h	A partir do 3º
ENS0180	A Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS (DST/Aids) no Contexto da Enfermagem em Saúde Coletiva: a Incorporação do Conceito de Vulnerabilidade	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENS0185	A Intervenção de Enfermagem em Saúde Coletiva e a Política Nacional de Humanização da Atenção Básica no SUS	2	-	2	30h	A partir do 3º
ENS0190	Um olhar de Gênero sobre a Saúde das Mulheres	3	-	3	45h	A partir do 3º
ENS0191	Sistematização da Abordagem de Questões Éticas na Atenção Primária: Introdução ao Método da Deliberação	3	-	3	45h	A partir do 3º
ENS0192	Saúde do Adolescente na Atenção Básica	2	-	2	30h	A partir do 5º
HSM0125	Saúde e Ciclos de Vida II	4	-	4	60h	A partir do 6º
HSM0130	Ciclos de Vida II	3	-	3	45h	A partir do 5º
HSM0134	Introdução à Pesquisa Científica em Saúde Pública, Ciclos de Vida e Sociedade - O Projeto de pesquisa	2	2	4	90h	A partir do 3º
HSM0135	Introdução à Pesquisa Científica em Saúde Pública, Ciclos de Vida e Sociedade – Disseminação de Resultados	2	2	4	90h	A partir do 4º
0700010	Estudos Independentes* 1	0	1	1	30h	A partir do 1º
0700011	Estudos Independentes 2	0	1	1	30h	A partir do 2º
0700014	Estudos Independentes 3	0	1	1	30h	A partir do 3º
0700015	Estudos Independentes 4	0	1	1	30h	A partir do 4º
0700016	Estudos Independentes 5	0	1	1	30h	A partir do 5º

0700017	Estudos Independentes 6	0	1	1	30h	A partir do 3º
0700018	Estudos Independentes 7	0	1	1	30h	A partir do 3º
0700019	Estudos Independentes 8	0	1	1	30h	A partir do 3º
0700020	Estudos Independentes 9	0	1	1	30h	A partir do 3º
0700021	Estudos Independentes 10	0	1	1	30h	A partir do 3º

C.A.: Crédito-aula = 15 horas

C.T.: Crédito-trabalho = 30 horas

*disciplina interdepartamental

OBSERVAÇÃO: A carga horária das disciplinas “Estudos Independentes” distribui-se ao longo do curso, a partir do 1º semestre, sendo computado **até um crédito-trabalho por semestre**. Os alunos deverão cumprir 10 créditos em disciplinas optativas. Desse total, 10 créditos poderão ser apresentados na forma de “Estudos Independentes”. São consideradas atividades de “Estudos Independentes: cursos de difusão cultural, atualização e outras, Eventos: semanas de estudos, congressos, seminários, mesas-redondas, simpósios, encontros, jornadas, palestras, conferências, Iniciação científica; Participação em grupos de estudos e pesquisa, Diretoria de Centro Acadêmico e outro tipo de representação estudantil, Representação discente em comissões estatutárias na Unidade, órgãos centrais e outros; Monitoria, Publicações, Cursos de Línguas, Estágio Extracurricular; Eventos Científicos e Eventos e práticas esportivas.

CRÉDITOS E CARGA HORÁRIA NECESSÁRIOS PARA CONCLUSÃO DO CURSO	C.A.	C.T.	TOTAL	Nº DE HORAS
Disciplinas Obrigatórias	208	26	234	3.900
Disciplinas Optativas Livres	10	-	10	150
Trabalho de Conclusão de Curso	-	4	4	120
Carga Horária Total do Curso	218	30	248	4.170

C.A.: Crédito-aula = 15 horas

C.T.: Crédito-trabalho = 30 horas

- Estágio Curricular Supervisionado com carga horária de 810 horas (7º e 8º semestres) corresponde a 20% da carga horária em disciplinas.
- A carga horária de 120 horas, dedicada à elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso será computada ao final do curso, quando da entrega e apresentação do trabalho e avaliação pelo tutor/orientador.

**EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA
DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS****0701201 – Enfermagem Como Prática Social****Ementa**

Trajetória histórica das práticas de saúde, do cuidado e da enfermagem. Reorganização do hospital sob égide do capitalismo. Enfermagem profissional e transformações sócio-políticas e econômicas. Influências inglesa, francesa e americana na profissionalização da enfermagem brasileira e entidades de classe. Distinção entre Ética e moral. Fundamentos da ética. Responsabilidade e regulação do trabalho da equipe de enfermagem. Direitos humanos. Código de ética dos profissionais de enfermagem. Antropologia e enfermagem. Dinamicidade dos conceitos historicidade, comunicação e comunidade. Divisão social e técnica do trabalho. Processo de trabalho em saúde e enfermagem. Processo de trabalho em enfermagem: dimensões assistencial e gerencial.

Bibliografia Básica

1. Almeida MCP, Rocha JSY. O saber de enfermagem e sua dimensão prática. São Paulo: Cortez; 1986.
2. Ayres JRCM. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. Saúde e Sociedade. 2004; 13(3):16-29.
3. Boehs AE et al. A interface necessária entre enfermagem, educação em saúde e o conceito de cultura. Texto e Contexto Enfermagem. 2007; 16(2):307-14.
4. Bozzi AR. O estudo da filosofia. In: Bozzi AR. Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem. 23ª ed. Petrópolis: Vozes; 1995. cap.8, p.177-97.
5. Ferreira MA. A comunicação no cuidado: uma questão fundamental na enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem. 2006; 59(3):327-30.
6. Freitas GF, Luongo J. Ética nas relações de trabalho. In: Freitas GF, Luongo J.(org.). Enfermagem do trabalho. São Paulo: Editora Rideel, 2012. p.91-110.
7. Freitas GF, Oguisso T. Ética na prática cotidiana de enfermagem. Rio de Janeiro: Med Book; 2009.
8. Frigotto Gaudêncio. Trabalho. In: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e Observatório dos Técnicos de Saúde (organizadores). 2ªed. Dicionário de educação profissional em saúde. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz; 2009. p.399-404.
9. Geovanini T, Moreira A, Schoeller SD, Machado WCA. O desenvolvimento histórico das práticas de saúde. In: Geovanini T, Moreira A, Schoeller SD, Machado WCA (org). História da Enfermagem: Versões e Interpretações. 3ªed. Rio de Janeiro: Revinter; 2010. p. 5-27.
10. Liedke ER. Processo de trabalho. In: Cattani AD (organizador). Trabalho e tecnologia: dicionário crítico. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Editora da UFRGS; 1997. p.181-3
11. Liedke ER. Trabalho. In: Cattani AD (organizador). Trabalho e tecnologia: dicionário crítico. Petrópolis: Vozes; Porto Alegre: Editora da UFRGS; 1997. p.1268-74.
12. Moreira A, Oguisso T. Profissionalização da enfermagem brasileira. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005.
13. Peduzzi M, Silva AM, Lima MADS. Enfermagem como prática social e trabalho em equipe. In: Soares CB, Campos CMS (orgs.). Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. Barueri, SP: Manole, 2013. Cap. 7, p. 217-43.
14. Pires DE. Divisão social do trabalho. Divisão técnica do trabalho em saúde. In: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e Observatório dos Técnicos de Saúde. (organizadores). 2ªed. Dicionário de educação profissional em saúde. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz; 2009. p.125-35.
15. Rabuske E.A. Antropologia filosófica. 6. ed. Petrópolis: Vozes; 2008.
16. Rampazzo L. Antropologia, religiões e valores cristãos. São Paulo: Loyola; 1986. cap.1, p.23-66.

Bibliografia Complementar

1. Collière MF. Promover a vida. Lisboa: Printipo; 1989.
 2. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. Documentos básicos de enfermagem: principais leis e resoluções que regulamentam o exercício profissional de Enfermeiros, Técnicos e Auxiliares de Enfermagem. São Paulo; 2007.
 3. Fortes PAC. Ética e saúde: questões éticas, deontológicas e legais, tomada de decisões, autonomia e direitos do paciente, estudo de casos. São Paulo: EPU; 1998.
 4. Hoga LAK. Illness care at home or in health institutions: the decision process in a low income community. Rev Latino-am Enfermagem. 2008; 16(1):115-21.
 5. Leopardi MT. Por que filosofia em enfermagem? Texto Contexto Enferm 1993; 2(1):5-12.
 6. Mandú ENT, Peduzzi M, Carvalho BG, Silva AMN. Literatura brasileira sobre o trabalho de enfermagem fundamentada em categorias marxianas. Rev Bras Enferm 2011; 64(4): 766-73.
 7. Oguisso T, Zoboli LCPE (orgs.). Ética e bioética: desafios para a enfermagem e saúde. Barueri: Manole; 2006.
 8. Oguisso T (org). Trajetória histórica e legal da enfermagem. São Paulo: Manole; 2007.
-

0701202 - Necessidades de Saúde dos Grupos Sociais e Enfermagem

Ementa

Necessidades de saúde de indivíduos e famílias dos diferentes grupos sociais de um determinado território. Elementos fundamentais: necessidades de saúde; políticas de saúde; estatística vital, bioestatística e epidemiologia; saúde ambiental e bases teórico-práticas da Enfermagem em Saúde Coletiva.

Bibliografia Básica

1. Brasil. Lei n.8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. [on line] Brasília (DF), 1990. Disponível em : <http://bdtextual.senado.gov.br> (29 jan. 1998).
2. Brasil. Lei n.8.142, de 28 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. [on line] Brasília (DF), 1990. Disponível em: <http://bdtextual.senado.gov.br> (19 jan. 1998).
3. Campos CMS. Reconhecimento das necessidades de saúde dos adolescentes. In: Borges ALV, Fujimori E. (organizadoras). Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole; 2009. p.142-167.
4. Soares CB, Campos CMS (organizadoras). Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. Barueri: Manole; 2013.

Bibliografia Complementar

Sabroza PC. Concepções sobre saúde e doença. [on line]. Disponível em: (20 mar. 2014).

FSL0107 - Introdução à Sociologia

Ementa

O programa da disciplina "Introdução à Sociologia" tem por objetivo desenvolver um enfoque sociológico para temas e problemas do campo da enfermagem e da saúde em geral. Com essa diretriz em vista, selecionou-se uma série de temas e/ou complexos temáticos, que são tratados a partir da perspectiva das Ciências Sociais em geral e da Sociologia em particular.

Bibliografia Básica

- Azize, Rogério L. e Araújo, Emanuelle S. "A pílula azul: uma análise de representação sobre masculinidade em face do Viagra" in *Antropolítica*, no. 14, 2003, pp. 133-151.
- Biehl, João. "Antropologia no campo da saúde global" in *Horizontes antropológicos*, ano 17, no. 35, 2011, pp. 257-296.
- Desclaux, Alice. "O medicamento, um objeto de futuro na antropologia da saúde" in *Mediações*, vol. 11, no. 2, 2006, pp. 113-130.
- Diniz, Debora e Medeiros, Marcelo. "Itinerários e métodos do aborto ilegal em cinco capitais brasileiras" in *Ciência & saúde coletiva*, vol. 17, n. 7, 2012, pp. 1671-1681.
- Fiore, Maurício. "O lugar do estado na questão das drogas: o paradigma proibicionista e as alternativas" in *Novos estudos*, no. 92, 2012, pp. 9-21.
- Fleischer, Soraya. "Treinamentos de deus e treinamentos da terra: parteiras e cursos de capacitação em Melgaço, Pará" in *Mediações*, vol. 11, no. 2, 2006, pp. 225-246.
- Geest, Sjaak v.d. e Whyte, Susan R. "O encanto dos medicamentos: metáforas e metonímias" in *Sociedade e cultura*, vol. 14, no. 2, 2011, pp. 457-472.
- Grisotti, Márcia. "Sistemas médicos: percepção e comportamento em relação ao processo saúde-doença em uma comunidade de Florianópolis (SC)" in *Política & trabalho*, n. 20, 2004, pp. 117-139.
- Guimarães, Nadya et. alii. "Cuidado e cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão" in *Sociologia & antropologia*, vol. 1, no. 1, 2011, pp. 151-180.
- Haak, Hildebrando. "Padrões de consumo de medicamentos em dois povoados da Bahia (Brasil)" in *Revista de saúde pública*, vol. 23, no. 2, 1989, pp. 145-151.
- Heilborn, Maria L. et. alii. "Gravidez imprevista e aborto no Rio de Janeiro, Brasil: gênero e geração nos processos decisórios" in *Sexualidad, salud y sociedad*, n. 12, 2012, pp. 224-257.
- Herzlich, Claudine. "Saúde e doença no início do século XXI: entre a experiência privada e a esfera pública" in *Physis*, vol. 14, n. 2, 2004, pp. 383-394.
- Langdon, Esther J. e Wiik, Flávio B. "Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde" in *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, V. 18, Nr. 3, 2010, pp. 450-466.
- Lopes, Andréia A.F. "O gênero do cuidado de si: as implicações da dieta alimentar na comensalidade de diabéticos" in *Cadernos Pagu*, no. 36, 2011, pp. 345-374.
- Lopes, Marta J.M. e Leal, Sandra M.C. "A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira" in *Cadernos Pagu*, no. 24, 2005, pp. 105-125.
- Luna, Naara. "Maternidade desnaturalada: uma análise da barriga de aluguel e da doação de óvulos" in *Cadernos Pagu*, no. 19, 2002, pp. 233-278.
- Luna, Naara. "Embriões geneticamente selecionados: usos do diagnóstico genético pré-implantação e o debate antropológico sobre a condição de pessoa" in *Política & trabalho*, n. 20, 2004, pp. 61-79.
- Nogueira, Oracy. *Voices de Campos do Jordão*. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2009.
- Perrusi, Artur e Franch, Mónica. "Carne com carne. Gestão do risco e HIV/Aids em casais sorodiscordantes no Estado da Paraíba" in *Política & trabalho*, n. 37, 2012, pp. 179-200.
- Rabelo, M. C. "Religião e cura: algumas reflexões sobre a experiência religiosa das classes populares urbanas" in *Cadernos Saúde Pública*, vol. 9, n. 3, 1993, pp. 316-325.
- Santos, Luiz A.C. e Faria, Lina. "As ocupações supostamente subalternas: o exemplo da enfermagem brasileira" in *Saúde e sociedade*, v. 17, n. 2, 2008, pp. 35-44.
- Santos, Maria Clara B.G. e Pinho, Marcelo. "Estratégias tecnológicas em transformação: um estudo da indústria farmacêutica brasileira" in *Gestão & produção*, vol. 19, no. 2, 2012, pp. 405-418. [www.scielo.br]
- NOTA: A bibliografia obrigatória será indicada pelo professor no cronograma fornecido no respectivo semestre.

Bibliografia Complementar

ADAM, Philippe; HERZLICH, Claudine. *Sociologia da Doença e da Medicina*. Bauru: EDUSC, 2001.

- ALMEIDA FILHO, N. "Transdisciplinaridade e o Paradigma Pós-Disciplinar na Saúde" in *Saúde e Sociedade*, Vol. 14, n. 03, 2005, pp. 30-50.
- ALVES, Paulo C. "A experiência da enfermidade: considerações teóricas" in *Cadernos de Saúde Pública*, vol. 9, n. 3, 1993, pp. 263-271.
- AYRES, J. R. C. M. 2005. *Hermenêutica e Humanização das Práticas de Saúde*. *Ciência & Saúde Coletiva*, nº 10, vol. 03, p. 549-560.
- BARRY, Anne-Marie & YUILL, Chris. *Understanding the Sociology of Health: An Introduction*. London, Sage, 2002.
- BIEHL, João. "Antropologia do devir: psicofármacos – abandono social – desejo" in *Revista de Antropologia*, v.51,n.2, 2008, pp. 413-449.
- BIEHL, João e PETRYNA, Adriana. "Bodies of Rights and Therapeutic Markets" in *Social Research*, Vol. 78 : No. 2, 2011, pp.359-386.
- BIRD, Chloe E. etc. *Handbook of Medical Sociology*. 6th. ed., Nashville, Vanderbilt UP, 2010.
- BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- BRADBY, Hannah. *Medical Sociology. An Introduction*. Los angeles etc., Sage, 2009.
- BROWN, Phil. *Perspectives in Medical Sociology*. 4th. ed., Waveland, 2007.
- BURY, Michael & GABE, Jonathan (Eds.). *The Sociology of Health and Illness: A Reader (Routledge Student Readers)* Abington. Routledge, 2004.
- CANESQUI, A. M. 2003. "Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil da década de 1990" in *Ciência & Saúde Coletiva*, nº 08, vol. 01, pp. 109-124.
- CAPRARA, A. "Uma abordagem hermenêutica da relação saúde-doença." in *Cadernos de Saúde Pública*, nº 19, Vol. 04, 2003, pp. 923-931.
- CARVALHAES, Flavio A.O. *Ciclo de vida e posição socioeconômica: contribuições sociológicas para o entendimento da relação entre desigualdade social e saúde no Brasil*. Tese de doutoramento, UERJ, 2013.
- COCKERHAM, William C. *Medical Sociology*. 12th Ed., Boston etc., Prentice Hall, 2012.
- COCKERHAM, William C. (Ed.). *The New Blackwell Companion to Medical Sociology*.(Blackwell Companions to Sociology) Chichester, Wiley-Blackwell, 2010.
- COOKE, Hannah & PHILPIN, Susan. *Sociology in Nursing and Healthcare*. Edinburgh etc., Elsevier, 2008.
- DENNY, Elaine & EARLY, Sarah (Eds.). *Sociology for Nurses*. Cambridge, Polity, 2009.
- DUARTE, L. F. D. "Indivíduo e Pessoa na Experiência da saúde e da doença." in *Ciência & Saúde Coletiva*, nº 08, vol. 01, 2003, pp. 173-183.
- ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.
- EPSTEIN, S. *Impure Science: AIDS, activism, and the politics of knowledge*. Berkeley, California UP, 1996.
- FARMER, Paul et. ellii. *Reimagining Global Health*. Berkeley etc. Caifornia UP, 2013.
- FINKLER, Kaja. "The Kin in the Gene: The Medicalization of Family and Kinship in American Society" in *Current Anthropology*, vol. 42(2), 2001, pp.235-249.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- GABE, Jonathan et. allii. *Key Concepts in Medical Sociology*. London etc., Sage, 2004.
- GAZZINELLI, M. F. "Educação em saúde: conhecimentos, representações sociais e experiências da doença" in *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, nº 21, vol. 01, 2005, pp. 200-206.
- GEOVANINNI, T. e MOREIRA, A. *História da enfermagem: versões e interpretações*. Rio de Janeiro, Revinter, 2010.
- GIBBON, Sahra. "Re-examinando a 'genetização': árvores familiares na genética do câncer de mama" in *Política e Trabalho*, no. 20, 2004, pp. 35-60.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos. As características das instituições totais*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- KLAWITER, Maren. *The Biopolitics of Breast Cancer: Changing Cultures of Disease and Activism*. Minnesota, Minnesota UP, 2008.

LANGDON, J. "Dialogando sobre o processo saúde-doença com a antropologia" in Revista Brasileira de Enfermagem, nº 62, Vol. 02, 2009.

LANGDON, E. J., WIIK, Flávio B. "Aspectos Socio-Antropológicos da Saúde e da Doença: Uma breve introdução ao conceito de cultura aplicada as ciencias de Saúde" in Revista Latino-Americana de Enfermagem, v. 18, 2010, pp. 450-466.

LANGDON, E. J. ; FOLLER, Maj-Lis ; MALUF, Sonia Weidner. "Um balanço da antropologia da saúde no Brasil e seus diálogos com as antropologias mundiais" in Anuário Antropológico, v. 2011-12, 2012, pp. 51-89.

LINDBERG, Claire etc. On The Edge: Nursing In The Age Of Complexity. Bordentown, Plexus, 2008.

MANICA, Daniela Tonelli. "A desnaturalização da menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência" in Horizontes Antropológicos, v. 17, n. 35, 2011, p. 197- 226.

NELSON, Sioban & GORDON, Suzanne (Eds.). The Complexities of Care: Nursing Reconsidered. Ithaca, Cornell UP, 2006.

PORTER, Roy. The Greatest Benefit to Mankind: A Medical History of Humanity from Antiquity to Present. London, Fontana, 1999.

RAYNAUT, C. "Interfaces entre a antropologia e a saúde: em busca de novas abordagens conceituais" in Revista Gaúcha de Enfermagem, no. 27, vol. 02, 2006, pp. 149-165.

HEP0170 - Estatísticas de Saúde

Ementa

Fundamentos e instrumentos da Estatística Vital. Técnicas de estatística para análise exploratória de dados.

Bibliografia Básica

1. Ruy Laurenti e col. Estatísticas de Saúde, São Paulo, EPU, 1987.
 2. Armitage P; Berry G, Statistical Methods in Medical research. Backwell Scientific Publications, 1987.
 3. Berquó, ES; Souza JMP; Gotlieb SLD. Bioestatística. EPU, 1981.
 4. Hoel PG. Estatística Elementar. John Wiley & Sons, Inc. 1961.
 5. Hulley SB et al. Delineando a pesquisa clínica. Uma abordagem epidemiológica. Artmed, 2003.
 6. Johnson R and Bhattacharyya. Statistics Principles and Methods. John Wiley & Sons. 1987
 7. Lopes AP. Probabilidades e Estatística. Reichmann & Affonso Editores. 2000.
 8. Motulsky H. Intuitive Biostatistics. Oxford University Press, 1995
 9. Murray R Spiegel. Estatística. 3a edição (Coleção Schaum). Macron Books Ltda. 1993.
 10. Silva NN. Amostragem Probabilística. Edusp, 1998.
 11. Triola MF. Elementary Statistics. The Benjamin Cummings Publishing Company, Inc. 1989
 12. Vieira S. Introdução à bioestatística. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1980.
 13. Daniel WW. Biostatistics: a foundation for analysis in the health sciences. John Wiley & Sons. 1987.
-

HEP0136 - Epidemiologia

Ementa

Introdução à epidemiologia. Transição demográfica e epidemiológica. Medidas de ocorrência e de associação. Epidemiologia das doenças transmissíveis e crônicas. Ações antrópicas e saúde humana. Testes de diagnóstico. História natural das doenças. Delineamento de estudos epidemiológicos. Ensaio clínico e de campo. Inferência.

Bibliografia Básica

FORATTINI, O.P. Epidemiologia Geral. São Paulo: Ed. Artes Médicas, 1996

LESER, W. et al. Elementos de Epidemiologia Geral. São Paulo: Atheneu, 1988.

ALMEIDA Fº, N., ROUQUAYROL, M.Z. Introdução a epidemiologia moderna. Rio de Janeiro, 1992

ROUQUAYROL, M.Z. Epidemiologia e saúde. Rio de Janeiro: Ed. Medsi, 1988
 MALETTA MUDADO, C.H. Epidemiologia e saúde pública. São Paulo: Ed Atheneu, 1988

0420127 - Ciências Básicas Integradas para a Enfermagem I

Ementa

Este programa engloba a morfologia macro- e microscópica das células, tecidos, órgãos e sistemas, necessários à compreensão do funcionamento do organismo em condições normais, ressaltando os principais aspectos de interesse clínico do(a) enfermeiro(a) e preparando o estudante para a compreensão da Fisiologia e Farmacologia que serão ministradas em bloco subsequente.

Bibliografia Básica

- Fundamentos de Neuroanatomia. Ramon M Cosenza. 3a Ed. RJ, Guanabara Koogan, 2005.
- Anatomia & Fisiologia. Edith Applegate. Ed. Elsevier, 2012
- Anatomia Humana Básica: Spence, P. Alexander, 2ª edição. São Paulo. Editora Manole
- SOBOTTA - Atlas de anatomia humana. 22 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- Neuroanatomia, Texto e Atlas, John H Martin, Artes Médicas, 1998.
- Anatomia voltada para a Clínica, Moore, KL 2006 - Leslie P. Gartner & James Hiatt - Ed. Guanabara-Koogan

Online

M.O.L. (Microscopia on line- atlas teórico-prático interativo de Histologia) -www.icb.usp.br/mol
http://minerva.ufpel.edu.br/~mgrheing/cd_histologia/index.htm
http://www2.claretiano.edu.br/da/biologia/atlas_virtual/index.htm
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ur000002.pdf>
<http://www.icb.ufg.br/histologia/incapa.htm>
<http://histologiaufrn.blogspot.com/>
<http://antares.ucpel.tche.br/atlas/histologia/>
<http://www.micron.uerj.br/atlas/Menu.htm>

VÍDEOS E SOFTWARES

A Biblioteca do ICB, dispõe de excelente e interessante material para estudo in loco em Biologia Celular e Tecidual.

QBQ0106 - Bioquímica

Ementa

Água e tampões biológicos. Estrutura e propriedades de aminoácidos, proteínas, enzimas, lipídios, carboidratos e membranas biológicas. Visão geral e integrada do metabolismo celular. Glicólise. Fermentações láctica e alcoólica. Gliconeogênese. Beta-oxidação de ácidos graxos. Acetil-CoA: formação e destino. Ciclo de Krebs. Cadeia de transporte de elétrons e fosforilação oxidativa. Metabolismo do Glicogênio e Via das Pentoses-Fosfato. Síntese de ácidos graxos. Metabolismo de aminoácidos. Regulação metabólica, ação hormonal no controle do metabolismo (insulina, glucagon e epinefrina). Alterações metabólicas fisiológicas e patológicas (jejum, diabetes).

Bibliografia Básica

- Português (Edições recentes)
- Bioquímica Básica - A. Marzocco & B.B. Torres
- Princípios de Bioquímica - A.L. Lehninger, D.L. Nelson & M.M. Cox
- Bioquímica - L. Stryer - Ed. Guanabara Koogan
- Fundamentos de Bioquímica – D. Voet, J. G. Voet & C. W. Pratt

Inglês (Edições recentes)

Principles of Biochemistry – A. Lehninger, D.L. Nelson & M.M. Cox, Worth Publishers.

Biochemistry - D. Voet & J.G. Voet, John Wiley & Sons.

0701203 - Ações Educativas na Prática de Enfermagem

Ementa

Educação em saúde na prática da enfermagem. Ações educativas na prática da enfermagem.

Bibliografia Básica

1. Almeida AH, Trapé CA, Soares CB, Educação em saúde no trabalho de enfermagem. In: Soares CB, Campos CMS. Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013, p. 293-322.
2. Bastable SB. O enfermeiro como educador. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
3. Gil AC. Didática no ensino superior. São Paulo: Atlas, 2008.
4. Hockenberry MJ (editor). Wong: fundamentos de enfermagem pediátrica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.
5. Leite MMJ, Prado C; Peres HHC. Educação em saúde: desafios para uma prática inovadora. São Paulo: Difusão Editora, 2010.
6. Leonello VM ; Oliveira MAC . Construindo competências para ação educativa da enfermeira na atenção básica. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 41, p. 847, 2007.
7. Paro VH. A natureza do trabalho pedagógico. In: Paro VH. Gestão democrática da escola pública. 3a ed. São Paulo: Ática; 2006. p.29-37.
8. Ribeiro MO, Sigaud CHS, Rezende MA, Veríssimo MLÓR. Desenvolvimento infantil: a criança nas diferentes etapas de sua vida. In: Fujimori E, Ohara CVS (ogs). Enfermagem e a saúde da criança na atenção básica. Barueri: Manole, 2009. cap 04, p. 61-90.
9. Stotz EN, David HMS. Educação popular e saúde. In: Soares CB, Campos CMS. Fundamentos de saúde coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole; 2013. p. 75-105.

Bibliografia complementar

1. Borges ALV, Fujimori E (Org.). Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri - SP: Manole, 2009.
 2. Chiesa AM. Veríssimo MLOR. A educação em saúde na prática do PSF. In: IDS; USP; MS. (Org.). Manual de Enfermagem. Programa de Saúde da Família. Brasília: Ministério da Saúde, 2001, p. 34-42. Disponível em: http://www.ee.usp.br/doc/manual_de_enfermagem.pdf
 3. Libaneo JC. Didática. São Paulo: Cortez; 1994.
 4. Maldonado MT. Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir. São Paulo: Saraiva; 2004.
 5. Oliveira MAC. Educação em saúde: uma estratégia no processo ensino-aprendizagem. Rev. Bras de Saúde. 1994; 3(1/4):130-34.
 6. Prado C. Práticas pedagógicas em enfermagem: processo de reconstrução permanente. São Caetano do Sul: Difusão editora; 2013.
 7. Rezende MA. Uso do brinquedo terapêutico por enfermeiros. Sistema integrado de apoio ao ensino. São Paulo; 2002.
 8. Vasconcelos EM. Educação popular nos serviços de saúde. São Paulo: HUCITEC; 1989.
-

ENP0155 - Fundamentos do Relacionamento Interpessoal em Enfermagem

Ementa

O processo de comunicação, o relacionamento interpessoal em enfermagem, o processo grupal em enfermagem, as funções psíquicas.

Bibliografia Básica

- Stefanelli MC. Conceitos básicos de comunicação. In: Stefanelli MC. Comunicação com paciente: ensino e pesquisa. 2.ed. São Paulo: Robe Editorial; 1993. 200p.
- Furegato ARF, Morais MC. Bases do relacionamento interpessoal em enfermagem. In: Leite MMJ. Programa de Atualização em Enfermagem: saúde do adulto (PROENF)/ Associação Brasileira de Enfermagem (org); diretoras acadêmicas: Martini JG, Feli VEA. Porto Alegre: Artmed/Panamericana Editora; 2006. 152p.
- Munari DB; Rodrigues ARF. Enfermagem e grupos. Goiânia: AB; 2003.
- Pichon-Rivière E. Processo Grupal. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CHAUÍ, M. Unidade 04: O conhecimento. In CHAUÍ, M. Convite à Filosofia, São Paulo, 13a. ed., Ática, 2003. p.172-224.
-

PSA0183 - Psicologia do Desenvolvimento

Ementa

Concepções de desenvolvimento como processo ao longo da vida.

Bibliografia Básica

- 1 - ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. Adolescência Normal. Porto Alegre: Artes Médicas, 3ª Ed., 1984.
 - 2 - AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J.G. Diferenças e preconceito na escola. São Paulo: Summus, 1998.
 - 3 - ERIKSON, E. H. Infância e Sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.
 - 4 – KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, L. C. e KRAMER, S. Infância, educação e direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2003.
 - 5 – KOVÁCS, M. J. e VAICIUNAS, N. Ciclo da existência: envelhecimento, desenvolvimento humano e autoconhecimento. In: KOVÁCS, M. J. (coord.) Morte e Existência Humana. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
 - 6 – OLIVIERA, M. K. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 30, n. 2, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>
 - 7 – OLIVEIRA, M. K.; TEIXEIRA, E. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico. In: OLIVEIRA, M.K.; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.
-

0420128 - Ciências Básicas Integradas para a Enfermagem II

Ementa:

O Programa Integrado de Fisiologia e Biofísica e Farmacologia objetiva propiciar aos estudantes os fundamentos gerais da funcionalidade dos sistemas e órgãos do corpo humano e dos princípios fundamentais farmacológicos. Neste contexto, o estudante poderá compreender o funcionamento do organismo em condições normais e patológicas, necessário para a abordagem clínica da (o) enfermeiro (a). Os tópicos de Farmacologia fazem a integração desses conceitos ao abordar o organismo como um todo nas suas respostas aos fármacos/medicamentos.

Bibliografia Básica

Fisiologia

- Fisiologia, Linda S. Costanzo, Tradução da 3ªed., Elsevier, 2007
- Fisiologia, Margarida de Mello Aires, 3ªed., Guanabara Koogan, 2008
- Neurociências: Desvendando o Sistema Nervoso, Mark F. Bear, Barry W. Connors, MA. Paradiso, 3ªed., Artmed, 2008

Farmacologia

Farmacologia na Prática de Enfermagem – 13a Ed. Bruce D. Clayton, Yvonne N. Stock; Ed. Elsevier. 2006.

Farmacologia Moderna Craig C.R. & Stitzel, R.E., 5ª ed., Guanabara-Koogan, Rio de Janeiro, 2005.

Basic and Clinical Pharmacology, Katzung, G.B. 9ª ed., Lange Medical Books, 2008.

Pharmacology. Rang, H.P., Dale, M.M., Ritter J.M. & Gardner P. – 5ª ed., Elsevier, New York, 2008.

Bibliografia Complementar

Fisiologia

Review of Medical Physiology W. F. Ganong McGraw-Hill Companies, 2003

VÍDEOS E SOFTWARES

A Biblioteca do ICB, dispõe de excelente e interessante material para estudo in loco.

QBQ0107 - Biologia Molecular

Ementa

Estoque, fluxo e organização da informação gênica. Estrutura de ácidos nucleicos; replicação de DNA; transcrição e processamento de RNA; tradução e síntese proteica; bases moleculares de carcinogênese; tecnologia de DNA recombinante e transgenia; técnicas moleculares aplicadas ao diagnóstico (PCR e técnicas imunológicas)

Bibliografia Básica

Fundamentos de Bioquímica – D. Voet, J. G. Voet & C. W. Pratt

Biologia Molecular Básica – A. Zaha. Editora Mercado Aberto

A. L. LEHNINGER; D. L. NELSON e M. M. COX - Princípios de Bioquímica, Ed. Sarvier, 1995.

HSA0106 - Fundamentos de Saúde Ambiental

Ementa

Inter-relação entre saúde e ambiente. Poluição dos recursos hídricos, do ar e do solo: impacto ambiental e efeitos à saúde, prevenção e controle. Gestão e controle dos resíduos sólidos urbanos e resíduos de serviços de saúde. Prevenção e controle de roedores e artrópodes vetores de doenças.

Bibliografia Básica

FUNASA. Manual de Saneamento – Orientação técnica. Brasília, 2006. Disponível em URL.

DIAS. GF. Educação ambiental: princípios e práticas (8ª. ed.). São Paulo: Gaia, 2003.

PHILIPPI Jr, A. (Organizador). Saneamento do Meio. Ed. Fundacentro, São Paulo, 1982.

PHILIPPI Jr, A. (Organizador). Saneamento, Saúde e Ambiente – Fundamentos para um desenvolvimento sustentável. Ed. Fundacentro, São Paulo, 2005.

ROCHA. AA. & César, C.L.G. (Editores). Saúde Pública: Bases Conceituais. Atheneu, São Paulo, 2008.

ROSEN, G. Uma história da saúde pública (2ª. ed.). Rio de Janeiro: Hucitec/Editora da Universidade Estadual Paulista/ABRASCO, 1994.

SCHNEIDER, VE., Rego, RCE., Caldart, V., Orlandin, SM. Manual de Gerenciamento de Resíduos Sólidos de Serviços de Saúde. Ed. CLR Baleiro, São Paulo, 2001.

BMM0400 - Microbiologia Básica

Ementa

Conduzir o aluno a reconhecer a importância dos microrganismos no meio ambiente e nos agravos à saúde humana; a relacionar os microrganismos entre si e com os demais seres vivos. Despertar o aluno para o papel do profissional de enfermagem na prevenção e controle de doenças infecto-contagiosas. Fornecer noções básicas sobre técnicas de isolamento e identificação de microrganismos e de controle de populações microbianas. Transmitir informações sobre os principais agentes causadores de infecções humanas e seus respectivos mecanismos de controle.

Bibliografia Básica:

- Tortora, G.J.; Funke, B. R.; Case, C.L. Microbiologia. Artmed Editora, 6a. Edição, 2000
Trabulsi, L.R. Microbiologia. Livraria Atheneu Editora. 3o ed. 1999.
Jawetz, E. et al. Microbiologia Médica. Ed. Guanabara Koogan, 18o. ed. 1991.
Santos, Norma Suely de Oliveira - Romanos, Maria Teresa Villela - Wigg, Marcia Dutra Introdução à Virologia Humana, Editora Guanabara-Koogan, 1ª Edição, 2002

0701204 - Avaliação de Indivíduos e Famílias**Ementa**

Bases teóricas e conceituais para a avaliação de indivíduos e de famílias como etapa do processo de enfermagem. Métodos e Instrumentos para a avaliação da criança, do adulto, do idoso e da família. Avaliação fisiológica, funcional, nutricional e psicossocial de indivíduos e avaliação estrutural, funcional e de desenvolvimento de famílias para a identificação de necessidades para a intervenção de enfermagem no processo saúde-doença. Introdução ao raciocínio clínico.

Bibliografia Básica

1. Bickley LS. Bates propedêutica médica. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.
2. Potter PA, Perry AC. Fundamentos de enfermagem. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2009.
3. Seidel HM, Ball JW, Dains JE, Benedict GW. Mosby guia de exame físico. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2007.
4. Barros ALB, organizadora. Anamnese e exame físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
5. Jarvis C. Guia de exame físico para a enfermagem. 2ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012
6. Pierin AMG. Hipertensão arterial: uma proposta para o cuidar. Barueri: Manole ; 2004.
7. Fujimori, E, Silva, CV, organizadoras. Enfermagem e a saúde da criança na atenção básica. Barueri: Manole; 2009.
8. Hockenberry MJ, editora. Wong: fundamentos de enfermagem pediátrica. 8ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2011.
9. Wright LM, Leahey M. Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família. 5ª ed. São Paulo: Roca; 2012.
10. Motta T, Wang Y-P, Del Sant, R. Funções psíquicas e sua psicopatologia. In: Louzã Neto MR, et al. Psiquiatria básica. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 2007

Bibliografia Complementar

1. Pierin AMG, et al. Medida da PA no consultório e auto medida da pressão: técnicas e equipamentos. In: Mion Júnior D, Nobre F. Medida da PA: da teoria à prática. São Paulo: Lemos Editorial; 1997. p.23-35.
 2. Potter PA, Perry AC. Fundamentos de enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier; 2005.
 3. Taylor C.; Lillis C.; LeMone P. Fundamentos de Enfermagem – a arte e a ciência do cuidado de enfermagem. 5.ed. Porto Alegre, Artmed.2007.
 4. Hockenberry MJ, Wilson D, Winkelstein ML. Wong: Fundamentos de enfermagem pediátrica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.
-

5. Seidl HM, Ball JW, Dains JE, Benedict GW. Guia de exame físico. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.
 6. Alexander MM, Brown MS. Diagnóstico na enfermagem pediátrica. São Paulo, Andrei, 1978.
 7. Luecknotte A. Avaliação em gerontologia. 3ª ed. São Paulo: Reichmann & Affonso; 2002.
 8. CIF: classificação internacional de funcionalidade e saúde. São Paulo: EDUSP; 2003.
 9. Taylor C, Lillis C, LeMone P. Fundamentos de enfermagem: a arte e a ciência do cuidado de enfermagem. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2007.
 10. Carter B, McGoldrick M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas; 2001.
 11. Rezende MA, Piccolo J. Crescimento, desenvolvimento e avaliação física da criança e do adolescente. In: Programa de Atualização em Enfermagem Saúde da Criança e do Adolescente (PROENF). S.n.t.; 2007. p. 27-56. (Ciclo 1, módulo 3)
-

0420129 - Ciências Básicas Integradas para a Enfermagem III

Ementa

Este programa busca integrar, rever e analisar os conceitos de Anatomia, Biologia Celular e Fisiologia e Biofísica com a Farmacologia entendendo o organismo como um e como alvo de ações farmacológicas, necessários à compreensão do funcionamento do organismo em condições normais, ressaltando os principais aspectos de interesse clínico do (a) enfermeiro (a). Neste momento do curso é integrado o conhecimento detalhado da Anatomia, Biologia celular e dos Sistemas, Fisiologia e Farmacologia dos vários sistemas do organismo e a repercussão deste conhecimento na saúde, na doença e no cuidado com o paciente.

Bibliografia Básica

Farmacologia na Prática de Enfermagem – 13a Ed. Bruce D. Clayton, Yvonne N. Stock; Ed. Elsevier. 2006.

Farmacologia Moderna Craig C.R. & Stitzel, R.E., 5ª ed., Guanabara-Koogan, Rio de Janeiro, 2005.

Basic and Clinical Pharmacology, Katzung, G.B. 9ª ed., Lange Medical Books, 2008.

Pharmacology. Rang, H.P., Dale, M.M., Ritter J.M. & Gardner P. – 5ª ed., Elsevier, New York, 2008.

Vídeos e Softwares

Biblioteca do ICB, dispõe de excelente e interessante material para estudo in loco.

MTP1152 – Patologia Geral

Ementa

Conceito de doença; conceito de mecanismos fisiológicos e patológicos; o entendimento da doença em termos evolutivos e culturais.

Lesão celular reversível e irreversível; conceito de necrose e apoptose.

Adaptação celular; conceito de hipertrofia, atrofia, hiperplasia e metaplasia.

Alterações circulatórias; edemas, trombozes, embolias, enfartos, hemorragias e choque.

Neoplasias benígnas e malignas; nomenclatura, conceito de diferenciação e anaplasia; mecanismo metastático, noções sobre carcinogênese.

Inflamação crônica e aguda; fenômenos vasculares na inflamação; o papel dos mediadores químicos; células inflamatórias e suas funções; o granuloma inflamatório; os processos de reparação tecidual.

Bibliografia Básica

Fornecida bibliografia atualizada a cada ano.

MCG0103 - Anatomia Topografica Humana Aplicada a Enfermagem

Ementa

Anatomia topográfica da cabeça, pescoço, tórax, abdômen, membros, pelve e períneo.

Bibliografia Básica

Moore, KL. Anatomia orientada para a clínica. Rio de Janeiro, 3ª ed. Guanabara - Koogan, 1994.
Costacurta, L. Anatomia médico-cirúrgica da pelve humana. São Paulo. Atheneu: EDUSP, 1982.
Sobotta, J. Atlas de Anatomia Humana. Rio de Janeiro. 19ª ed., Guanabara-Koogan, 1990. Netter, FH. Atlas de Anatomia Humana. Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.

BMI0468 - Imunologia

Ementa

Fornecer aos alunos da Escola de Enfermagem os conhecimentos básicos que fundamentam a organização e o funcionamento do sistema imune. O conhecimento dos fenômenos imunológicos permitirão aos estudantes a compreensão de alguns temas de doenças humanas, que serão abordados no terço final do curso, especialmente as reações de hipersensibilidade e doenças auto-imunes.

Bibliografia Básica

Fornecida bibliografia atualizada a cada ano.

BIO0119 - Genética e Evolução Humana

Ementa

Aconselhamento genético. Diagnóstico pré-natal. Cromossomos e cromossomopatias. Genes e padrões de herança monogênica. Herança multifatorial. Genética e as populações. Farmacogenética. Aspectos evolutivos das doenças.

Bibliografia Básica

Thomson & Thomson. Genética Médica. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan Ltda.
Gelehrter, Collins & Ginsburg. Principles of Medical Genetics. Williams & Wilkins.
Pereir, LV. Sequenciaram o Genoma... e agora? Editora Moderna.
Genes And Disease: ssw.ncbi.nlm.nih.gov.
www.genetics4nurses.com.
your genes your health: www.ygyh.org
Capítulos selecionados de: JURMAIN R; NELSON H; KILCOREL, TREVATHAN W (2003) Introduction to Physical Anthropology Wadsworth: Thomson.

0701205 - Enfermagem e Biossegurança

Ementa

Compreende as bases conceituais e ético-legais no cuidado de enfermagem no que diz respeito à biossegurança, com enfoque na prevenção do risco biológico.

Bibliografia Básica

1. ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Curso básico de Controle de infecção hospitalar. Caderno C: métodos de proteção anti-infecciosa. s/d. disponível em: <http://www.cvs.saude.sp.gov.br/pdf/CIHCadernoC.pdf> [acesso em 29/04/09]
2. ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Manual de segurança do paciente: higienização das mãos. s/d. disponível em http://www.anvisa.gov.br/servicosade/manuais/paciente_hig_maos.pdf. [acesso em 29/04/09]

3. Associação Paulista de Estudos e Controle de Infecção Hospitalar. APECIH. Andreoli ER. (coordenação). Precauções e isolamento. São Paulo: APECIH. 1999.
4. Ayub EBS, Ayub MA, Ribeiro FN. Abordagem integrada das técnicas de isolamento. In: Fernandes A. Infecção hospitalar em suas interfaces na área da saúde. Atheneu, , p.1020-25.
5. Bálsamo AC, Felli VEA. Estudo sobre acidentes de trabalho com exposição líquidos corporais humanos em trabalhadores da saúde de um hospital universitário. RLAENF 2006, v.14, p. 346-53.
6. Brasil. Ministério do trabalho e emprego. Portaria n. 485, de 11 de novembro de 2005. Aprova o texto da nova Norma Regulamentadora de Segurança e Saúde no Trabalho em Estabelecimentos de Saúde, doravante denominada NR-32. DOU de 16 de novembro de 1005. Seção 1.
7. Cassettari, VC, Balsamo, AC, Rodrigues I. Manual para prevenção das infecções hospitalares 2009. Hospital Universitário da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
8. Felli VEA, Marziale MHP, Robazzi MLC, Alexandre NMC. Assistência à saúde do trabalhador no contexto da saúde do adulto. Programa de Atualização em Enfermagem:saúde do adulto-PROENF. Porto Alegre:Artmed/Panamericana Editora, 2007. p.9-44
9. Felli VEA, Tronchin DM. A qualidade de vida no trabalho e a saúde do trabalhador de enfermagem. In: Kurcgant P. Gerenciamento em enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005. p.75-88.
10. Gir E, Takahashi RF, Oliveira MA, Nichiata LYI, Ciosak SI. Biossegurança em DST/Aids: condicionantes da adesão do trabalhador de enfermagem às precauções. Ver Esc Enf USP, 2004, 38(3):245-53. Disponível em <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/133.pdf>.
11. São Paulo. Secretaria Municipal da Saúde. Coordenação da Atenção Básica. Risco Biológico – biossegurança na saúde: Recomendações básicas. 2007.
12. Takahashi RF, Oliveria MAC, Ciosak SI, Helene LMF, Nichiata LYI. Intervenções de enfermagem em Infectologia. In: Veronesi R. Tratado de Infectologia. Rio de Janeiro: Ateneu; 1996. p;1535-40. Disponível na biblioteca da EEUSP.

Bibliografia Complementar

1. Armond GA, Oliveira A, Siqueira EJD. Precações por vias de transmissão e biossegurança. In Oliveira A. infecções hospitalares. Medsi, 2005. p. 455-87.
2. Boletim de atualização da Sociedade Brasileira de Infectologia. Infectologia Hoje. Riscos biológicos e segurança dos profissionais de saúde, 2006, 1(2).
3. Centers for Disease Control - www.cdc.gov
4. Lobo RD et al (coord). Manual prático de procedimentos; assistência segura para o paciente e para o profissional de saúde. São Paulo: HCFMUSP, 2009.
5. Prevention of Hospital-acquired infections. A practical guide. 2nd edition. World Health Organization. WHO/CDS/CSR/EPH/2002.12.[www.who.org]
6. Risco Biológico - www.riscobiologico.org
7. Siegel JD, Rhinehart E, Jacckson M, Chiarello L. Guideline for isolation precautions: preventing transmission of infectious agents in healthcare settings 2007. CDC, USA, 2007.

0701206 - Enfermagem na Atenção Básica

Ementa

Bases do cuidado na Atenção Básica. Planejamento, implementação e avaliação da assistência de enfermagem na Atenção Básica. Participação em projetos de promoção da saúde de caráter intersetorial, nas ações voltadas a grupos específicos. Aplicação de conceitos de promoção e recuperação da saúde, prevenção de doenças e agravos, no cuidado de enfermagem na Atenção Básica. Monitoramento das necessidades de saúde na Atenção Básica. Cuidados de enfermagem a pessoas, famílias e grupos, nos diferentes grupos demográficos e perfis epidemiológicos, pautados no contexto social em que se inserem e nas dimensões clínica, ética e relacional/interacional. Aplicação de conceitos do processo de trabalho gerencial no serviço de saúde e de enfermagem.

Bibliografia Básica

1. Barros SMO (org). Enfermagem no ciclo gravídico-puerperal. Barueri (SP): Manole; 2006.
2. Brasil. Instituto para o Desenvolvimento de Saúde – IDS. Universidade de São Paulo – USP. Ministério da Saúde – MS. Manual de Enfermagem. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://www.ee.usp.br/doc/manual_de_enfermagem.pdf
3. Brasil. Lei n.8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em (14 set 2009).
4. Brasil. Ministério da Saúde. Atenção Básica e a Saúde da Família. Disponível em <http://dtr2004.saude.gov.br/dab/atencaobasica.php> [último acesso em 18/05/09]
5. Brasil. Ministério da Saúde. Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS. Brasília: Ministério da Saúde; 2004.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. 4ª edição. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. Disponível em http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/publicacoes/pactos/pactos_vol4.pdf
7. Brasil. Ministério da Saúde. Organização Panamericana de Saúde. Dez passos para uma alimentação saudável. Guia alimentar para crianças menores de 2 anos. Um guia para o profissional da saúde na atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2002.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. Pré-natal e puerpério: atenção qualificada e humanizada. Brasília (DF); 2006.
9. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diabetes Mellitus. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 64 p. (Cadernos de Atenção Básica, n. 16) (Série A. Normas e Manuais Técnicos) http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd16.pdf[1]
10. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Prevenção clínica de doenças cardiovasculares, cerebrovasculares e renais. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 56 p. (Cadernos de Atenção Básica; 14) (Série A. Normas e Manuais Técnicos) http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd14.pdf[2]
11. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Hipertensão arterial sistêmica para o Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 58 p. (Cadernos de Atenção Básica; 15) (Série A. Normas e Manuais Técnicos) http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd15.pdf[3]
12. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Agenda de compromissos para a saúde integral da criança e redução da mortalidade infantil / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
13. Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Secretaria de Vigilância em Saúde. Manual de vigilância epidemiológica de eventos adversos pós-vacinação. Organizado pelo Programa Nacional de Imunizações. Brasília: Ministério da Saúde; 2007.
14. Chiesa AM, Fujimori E, Verissimo MLOR, Rezende MA, Bertolozzi MR, Sigaud CHS. AIDPI: Bases técnicas da Estratégia de Atenção Integrada às Doenças Prevalentes da Infância. São Paulo: SIAE – Pró-reitorias de Graduação e de Pós-graduação, 2002. (CD-Rom)
15. Duncan BB, Schmidt MI, Giugliani ERJ. Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
16. Egry EY, Cubas MR. CIPESC: o trabalho da enfermagem em saúde coletiva no cenário CIPESC. Guia para pesquisadores. Curitiba: ABEN; 2006
17. Fernandes RAQ, Narchi NZ (org). Enfermagem e saúde da mulher. Barueri (SP): Manole; 2007.
18. Fujimori E, Ohara CVS, organizadoras. Enfermagem e a saúde da criança na atenção básica. 1. ed. Barueri: Manole, 2009.

19. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado da Saúde. Coordenadoria de Controle de Doenças. Centro de Vigilância epidemiológica “Prof. Alexandre Vranjac”. Norma técnica do programa de imunização/Brigada Kemps [et al.]—São Paulo: CVE,2008.68p.:il.
20. Hockenberry MJ. Wong Fundamentos de enfermagem pediátrica. 7ed. Trad. Danielle Corbett et al. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.
21. Ministério da Saúde (BR). Organização Mundial da Saúde. Organização Pan-americana da Saúde. Atenção integrada às doenças prevalentes na infância. Brasília; 1999.
22. Protocolos de Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/departamento/ens/selecao.htm>
23. Secretaria Municipal de Saúde (SP). Programa Saúde da Família. Toda hora é hora de cuidar. [Manual de apoio do Projeto Nossas crianças: Janelas de Oportunidades] 2002. Disponível online em: <http://unicef.org.br> [desenvolvimento infantil]
24. Starfield, B. Atenção Primária: equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia. Brasília: UNESCO Brasil, Ministério da Saúde, 2004. 726 p.
25. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria Nº 3088, de 23 de dezembro de 2011. Instituiu a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental, incluindo aquelas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF; 2011.
26. Brasil. Ministério da Saúde. A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.
27. Saraceno B; Asioli F; Tognoni G. Manual de saúde mental: guia básico para atenção primária. São Paulo: Hucitec; 1994.
28. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Caderno de Atenção Básica nº 34: Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

Bibliografia Complementar

01. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Pacto nacional pela redução da mortalidade materna e neonatal. Brasília (DF); 2004.
02. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Programa Humanização do Parto: Humanização no pré-natal e nascimento. Brasília (DF); 2000.
03. Egrý EY, Fonseca RMGS, Oliveira MAC, Bertolozzi MR, Takahashi RF, Ciosak SI, et al. Políticas e práticas de saúde rumo à equidade: uma abordagem geral. Rev Esc Enferm USP 2007; 41: 762-764. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41nspe/v41nspea02.pdf>
04. Egrý EY, Fonseca RMGS. A família, a visita domiciliária e a enfermagem: revisitando o processo de trabalho da enfermagem em saúde coletiva. Rev. Esc. Enf. USP 2000; 349(3): p.233-9.
05. Enkin M, Keirse MJNC, Neilson J, Crowther C, Duley L, Hodnett E, Hofmeyr J. Guia para atenção efetiva na gravidez e no parto. 3ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2005.
06. Giffin K, Costa SH. Questões de saúde reprodutiva. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 1999. 468p.
07. Gryscek ALFP, Oliveira MAC, Araujo NVDAL, Takahashi RF. Vacinação de Adultos e Idosos. In: Leite MMJ (coordenadora-geral). Martini JG. Felli VEA (diretoras acadêmicas). Programa de Atualização em Enfermagem – Saúde do Adulto (PROENF). Porto Alegre: Artmed; Ciclo 3. Módulo 3. 2008. p. 97 a 118.
08. Ricci SS. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara-Koogan; 2008.
09. Schraiber LB, d’Oliveira AFLP. Violência contra mulheres: interfaces com a saúde. Interface – Comunic, saúde, educ 5 agosto, 1999.
10. Silva IA. Construindo o significado da amamentação a partir da assistência de enfermagem. Rev bras enferm. 1998;51(2):217-30.

BMP0220 – Parasitologia Aplicada a Enfermagem

Ementa

Aspectos biológicos, patológicos e epidemiológicos da Parasitologia. Conhecimentos básicos sobre as principais endemias parasitárias do Brasil. Mecanismos de transmissão e profilaxia das parasitoses. Tratamento e controle integrado das grandes endemias parasitárias.

Bibliografia Básica

Bases da Parasitologia Médica – 2010, 3ª Edição, Luis Rey, Ed. Guanabara Koogan.

Bibliografia Complementar

Além da bibliografia básica, todas as atividades, incluindo aulas teóricas, exercícios e seminários, são complementadas por artigos de revistas científicas e livros especializados que os professores fornecem aos alunos ou indicam as fontes de acesso.

0701207 - Enfermagem na Administração de Medicamentos

Ementa

Princípios da administração de medicamentos. Vias de administração de medicamentos. Cuidados no preparo e administração de medicamentos. Protocolos da Atenção básica.

Bibliografia Básica

1. Administração de medicamentos. Revisão técnica de Ivone Evangelista Cabral. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso Editores; 2002.
2. Asperheim MK. Farmacologia para enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.
3. Banton J, Brady C, Kelley SD. Terapia intravenosa. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Diabetes Mellitus. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 64 p. (Cadernos de Atenção Básica, n. 16) (Série A. Normas e Manuais Técnicos) http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad16.pdf
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Prevenção clínica de doenças cardiovasculares, cerebrovasculares e renais. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 56 p. (Cadernos de Atenção Básica; 14) (Série A. Normas e Manuais Técnicos) http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad14.pdf
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Hipertensão arterial sistêmica para o Sistema Único de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 58 p. (Cadernos de Atenção Básica; 15) (Série A. Normas e Manuais Técnicos) http://dtr2004.saude.gov.br/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcad15.pdf
7. Cassiani SHB. Administração de medicamentos. São Paulo: EPU; 2000.
8. Clayton BD, Stock YN. Farmacologia na prática de enfermagem. Rio de Janeiro; Elsevier, 2006.
9. Elsen I, Patrício ZM. Assitência à criança hospitalizada: tipos de abordagens e suas implicações para a enfermagem. In: Schmitz, EMR et al. Enfermagem em pediatria e puericultura. Rio de Janeiro: Atheneu; 2005. p. 169-179.
10. Phillips LD. Manual da Terapia Intensiva. Porto Alegre: Artmed; 2000.
11. Potter PA, Perry AG. Grande tratado de enfermagem prática: clínica e prática hospitalar. Rio de Janeiro : Elsevier; 2006.

Bibliografia Complementar

1. Harada MJCS; Rego RC. Manual de terapia intravenosa em pediatria. São Paulo: Maria Harada, 2005.
2. Netto PS, Secoli SR. Flebite enquanto complicação local da terapia intravenosa: um estudo de revisão. Rev Paul Enf 2005; 23: 254-259.

3. Padilha KG, Secoli SR Erros na administração de medicamentos. *Prática Hosp* 2002; 4: 24-29.
-

PSA0293 - Fundamentos da Psicanálise e a Enfermagem

Ementa

- I) Corpo e Sexualidade
- II) Corpo e Linguagem

Bibliografia Básica

- DOLTO, F. A Imagem Inconsciente do Corpo. São Paulo: Perspectiva, 1984
- FREUD, S. Três Ensaio Sobre uma Teoria da Sexualidade. In: Obras Completas de Sigmund Freud (v. VII). Rio de Janeiro: Imago, 1980
- FREUD, S. (1916-1917). Conferencias Introductorias à Psicanálise. In: Obras Completas de Sigmund Freud (v. XV). Rio de Janeiro: Imago, 1980
- SZEJER, M. Palavras Para Nascer. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999

Bibliografia Complementar:

- BUSNEL, M-C. A Linguagem dos Bebês. São Paulo: Escuta, 1997
 - FREUD, S. (1923). O Ego e o Id. In: Obras Completas de Sigmund Freud (v. XIX). Rio de Janeiro: Imago, 1980
-

ENO0221 - Pesquisa em Enfermagem

Ementa

Processo histórico do conhecimento, da ciência e da pesquisa. Pesquisa nas vertentes quantitativa e qualitativa. Aspectos éticos e legais da pesquisa.

Bibliografia Básica

1. Appolinário F. Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thompson Learning; 2006.
2. Bardin N L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 2000.
3. Chizzotti A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 7ª ed. São Paulo: Cortez; 2005. Parte I.
4. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96. Dispõe sobre normas de pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética* 1996; 4(2 supl.): 15-25.
5. Demo P. Metodologia científica em ciências sociais. 3ª ed. São Paulo: Atlas; 1995.
6. Lobiondo-Wood G, Haber J. Pesquisa em enfermagem: métodos, avaliação crítica e utilização. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2001.
7. Marconi MA, Lakatos EM. Fundamentos de metodologia científica. 5ª ed. São Paulo: Atlas; 2003.
8. Merighi MAB, Praça NS. Abordagens teórico-metodológicas qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.
9. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 9ª ed. São Paulo: Hucitec; 2006.
10. Polit DF, Beck CT, Hungler BP. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: métodos, utilização e avaliação. 5ª ed. Porto Alegre: Art Med, 2004.
11. Rudio FV. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis: Vozes; 1986.
12. Severino AJ. Metodologia do trabalho científico. 21ª ed. São Paulo: Cortez; 2000.

Bibliografia Complementar

1. Aranha MLA, Martins MHP. Filosofando: introdução à filosofia. 3ª ed. São Paulo: Moderna; 2003.
-

2. Ciampone MHT, Chiesa AM. Princípios gerais para abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupos focais. In: Antunes MJ, Egry EY et al, organizadoras. Série Didática: Enfermagem no SUS – A classificação Internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva. – CIPESEC. Brasília, 1999, v 3, p. 306-24.
 3. Felli VEA, Kurgcant P. A saúde do trabalhador de enfermagem: um estudo no enfoque do materialismo histórico e dialético. RevPaulEnf 2000; 19(3):41-8.
 4. Massarollo, MCKB, Spinetti SR, Fortes PAC. Ética e pesquisa em saúde. In: Oguisso T, Zoboli ELCP (Org.). Ética e Bioética: desafios para a enfermagem e a saúde. Barueri: Manole; 2006. cap.10 p.170-186.
 5. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Manual operacional para Comitês de Ética em Pesquisa. Brasília: Ed. MS, 2002.
-

0701208 - Matriz Conceitual Integradora

Ementa

O conhecimento de enfermagem. Conceitos, Modelos e Teorias de Enfermagem. Cuidado Humanizado. Raciocínio Clínico e Pensamento Crítico. Processo de Enfermagem. Sistemas de classificação de enfermagem. Princípios da Prática Baseada em Evidências.

Bibliografia Básica

1. CIPE® Versão 1 - Classificação Internacional para a Prática de Enfermagem Versão 1.0. São Paulo, Algor Editora, 2007.
2. Gaidzinski RR, Soares AVN, Lima AFC et al. Diagnóstico de enfermagem na prática clínica. Porto Alegre: Artmed, 2008.
3. Horta WA. Processo de enfermagem. São Paulo: EDUSP, 1979.
4. Johnson M, Bulechek G, Butcher H et al. Ligações entre NANDA, NIC e NOC. Porto Alegre: Artmed, 2007.
5. McEwen M, Wills EM. Bases teóricas para a enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2008.
6. NANDA – International. Diagnósticos de enfermagem – classificação e definições 2009-2011. Porto Alegre: Artmed, 2009.
7. Saraceno, Benedetto. Libertando Identidades: da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Te Corá editora/Instituto Franco Basaglia, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 1999,176p.
8. Travelbee J. Intervención en enfermería psiquiátrica: El proceso de La relación de persona a persona. Washington: OPS/OMS; 1979.
9. Hockenberry MJ, Wilson D, Winkelstein ML. Wong Fundamentos de Enfermagem Pediátrica. 8.ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2011.
10. Franck LS, Callery P. Re-thinking family-centred care across the continuum of children's healthcare. Child Care Health Dev. 2004;30(3):265-77.
11. Saraceno, Benedetto. Manual de saúde mental: guia básico para atenção primária: São Paulo: Hucitec; 1997.

Bibliografia Complementar

1. Chinn P, Kramer MK. Integrated theory and knowledge development in nursing. Elsevier, 2010.
 2. Lunney M. Pensamento crítico e diagnósticos de enfermagem: estudo de casos e análises. Porto Alegre: Artmed, 2003.
-

ENC0250 - Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Críticos

Ementa

Bases teóricas, conceituais e metodológicas do cuidado ao adulto e idoso em situações críticas no centro-cirúrgico, na terapia intensiva (UTI) e na emergência; respostas humanas aos processos de

vida; resultados do paciente sensíveis às intervenções de enfermagem; cuidado de enfermagem ao adulto e idoso com enfermidades e agravos agudos e graves, em tratamento clínico e cirúrgico em unidades de terapia intensiva, centro cirúrgico e em urgência e emergência.

Bibliografia Básica

American Heart Association. Destaques da American Heart Association 2015 – atualização das diretrizes de RCP e ACE. . [homepage na Internet] 2015. [cited 2016 Jan. 30]. Available from: <https://eccguidelines.heart.org/wp-content/uploads/2015/10/2015-AHA-Guidelines-Highlights-Portuguese.pdf> Auler Junior JOC, Carmona MJC, Torres MLA, Ramalho AS. Anestesiologia básica. Manual de anestesiologia, dor e terapia intensiva. São Paulo: Atheneu; 2011. Baird MS, Bethel S. Manual de enfermagem no cuidado crítico: intervenções em enfermagem e condutas colaborativas. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2012 Bergeron JD, Bizjak G, Krause GW, Baudour CL. Primeiros socorros. 2ª ed. São Paulo: Atheneu; 2007 Sallum AMC, Paranhos WY. O Enfermeiro e as situações de emergência. Atheneu, 2ª ed., São Paulo, 2010. Carvalho R, Bianchi ERF. Enfermagem em centro cirúrgico e recuperação. 2ª ed. São Paulo: Manole; 2016. Meeker MH, Rothrock JC. Alexander: cuidados de enfermagem ao paciente cirúrgico. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2010. Padilha KG, Vattimo MF, Silva SC, Kimura M. Enfermagem em UTI: cuidando do paciente crítico. São Paulo: Manole; 2010. Sociedade Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Pós-Anestésica e Centro de Material e Esterilização. Práticas recomendadas - SOBECC. São Paulo: SOBECC; 2013. Sousa RMC, Calil AM, Paranhos WY, Malvestio MA. Atuação no trauma: uma abordagem para a enfermagem. São Paulo: Atheneu; 2009. Viana RAPP, Whitaker IY. Enfermagem em terapia intensiva: práticas e vivências. Porto Alegre: Artmed; 2010.

Bibliografia Complementar

As melhores práticas de enfermagem: procedimentos baseados em evidências. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2010. Barash PG, Cullen BF, Stoelting RK. Anestesiologia clínica. 4ª ed. São Paulo: Manole; 2004.

Bates B, Hoekeman RA. Propedêutica médica. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2001.

Bottino CMC, Laks J, Blay SL. Demência e transtornos cognitivos em idosos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.

Carvalho CRR. Ventilação mecânica: básico. São Paulo: Astra Zeneca; 2000.

Center for Disease Control. Guideline for hand hygiene in health care settings. Recommendations of the healthcare infection control practices advisory committee and the HICPAC/SHEA/APIC/IDSA hand hygiene task force. MMWR Morb Mortal Wkly Rep [serial on the Internet] 2002. [cited 2010 Mar. 30]51(RR-16). Available from: <http://www.cdc.gov/mmwr/pdf/rr/rr5116.pdf> Clayton BD, Stock YN. Farmacologia na prática de enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.

Dealey C. Cuidando de feridas: um guia para as enfermeiras. 3ª ed. São Paulo: Atheneu; 2008.

Diretrizes práticas para terapia intravenosa. São Paulo: Marketing Solutions;

Guyton AC, Hall JE. Tratado de fisiologia médica. 12ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2012.

Goffi FS.

Técnica cirúrgica: bases anatômicas, fisiopatológicas e técnicas de cirurgia. 4ª ed. São Paulo: Atheneu; 2000.

Hudak CM, Gallo BM. Cuidados intensivos de enfermagem: uma abordagem holística. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1997.

Knobel E. Condutas no paciente grave. 3ª ed. São Paulo: Atheneu; 2006.

Koizumi MS, Diccini S. Enfermagem em neurociência: fundamentos para a prática clínica. São Paulo: Atheneu; 2006.

Lacerda RA. Controle de infecção em centro cirúrgico: fatos, mitos e controvérsias. São Paulo: Atheneu; 2003.

Lopes AC. Tratado de clínica médica. 2ª ed. São Paulo: Roca; 2010.

- Lopes JL, Silva RCG. Interpretação de exames laboratoriais. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2015.
- Martins HS, Damasceno MCT, Awada SB. Pronto-Socorro: medicina de emergência. 3ª ed. São Paulo: Manole; 2013
- Parra OM, Saad W. Noções básicas das técnicas operatórias. São Paulo: Atheneu; 1998.
- Riella MC. Princípios de nefrologia e distúrbios hidroeletrólíticos. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.
- Sociedade de Anestesiologia do Estado de São Paulo, organizador. Anestesiologia. 5ª ed. São Paulo: Atheneu; 2001.
- Taylor PL. Habilidades de enfermagem clínica. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
- Woods SL, Froelicher ESS, Motzer SJ. Enfermagem em cardiologia. 4ª ed. São Paulo: Manole; 2005.

ENC0240 - Enfermagem na Saúde do Adulto e do Idoso em Cuidados Clínicos e Cirúrgicos

Ementa

Bases teóricas, conceituais e metodológicas do cuidado ao adulto e idoso em situações clínicas e cirúrgicas; respostas humanas às enfermidades e aos processos de vida; resultados do paciente sensíveis às intervenções de enfermagem; intervenções de enfermagem; cuidado de enfermagem ao adulto e idoso em situações clínicas e cirúrgicas. Cuidado de enfermagem a adultos e idosos com doenças crônicas, em tratamento clínico e cirúrgico, nos ambulatórios, unidades hospitalares médico-cirúrgicas e reabilitação.

Bibliografia Básica

- Johnson M et al. Ligações entre NANDA, NOC e NIC : diagnósticos, resultados e intervenções de enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- Miller O. Laboratório para o clínico. 8ª ed. São Paulo: Atheneu; 1999.
- NANDA Internacional. Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificações 2009-2011. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- Smeltzer SC, Bare BG. Brunner & Suddarth: tratado de enfermagem médico-cirúrgica. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2009.
- Taylor C, Lillis C, LeMone P. Fundamentos de enfermagem: a arte e a ciência do cuidado de enfermagem. São Paulo: Artmed; 2007

Bibliografia Complementar

- Bates B, Hoekeman RA. Propedêutica médica. 6ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2001.
- Bottino CMC, Laks J, Blay SL. Demência e transtornos cognitivos em idosos. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006.
- Clayton BD, Stock YN. Farmacologia na prática de enfermagem. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.
- Dealey C. Cuidando de feridas: um guia para as enfermeiras. 3ª ed. São Paulo: Atheneu; 2008.
- Diretrizes da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia para o Manejo da Asma – 2012
- Diretrizes práticas para terapia intravenosa. São Paulo: Marketing Solutions; 2008
- Faro ACM, Monteiro CR, Leite CS, Itami LT. Assistência de enfermagem em ortopedia e traumatologia. São Paulo: Difusão; 2009.
- Faro ACM; Souza LA. Enfermagem na reabilitação de pessoas com lesão medular: bases para o gerenciamento. In: Malagutti W; Caetano KC. Gestão do Serviço de Enfermagem no Mundo Globalizado. Rubio, Rio de Janeiro, 2009, p.221-32.
- Faro ACM. Educação em saúde para pessoas com lesão medular. In: Miranda SMRC; Malagutti W. Educação em Saúde. Phorte, São Paulo, 2010, p.187-95.
- Freitas EV, Py L, Doll J, Gorzoni M. Tratado de geriatria e gerontologia. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2011.

- GOLD Committees. Global Strategy for the Diagnosis, management and prevention of Chronic Obstructive Pulmonary Disease (GOLD) – Revised 2011. The Global Initiative for Chronic Obstructive Pulmonary Disease Inc. Disponível em <http://www.goldcopd.org/>
- Guyton AC, Hall JE. Tratado de fisiologia médica. 10ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2006.
- Hebert S, Barros Filho TEP, Xavier R, Pardini Junior AG. Ortopedia e traumatologia- princípios e práticas. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
- Koizumi MS, Diccini S. Enfermagem em neurociência: fundamentos para a prática clínica. São Paulo: Atheneu; 2006.
- Lopes AC. Tratado de clínica médica. 2ª ed. São Paulo: Roca; 2010.
- Pierin AMG. Hipertensão arterial: uma proposta para o cuidar. São Paulo: Manole; 2004.
- Pimenta CAM, Mota DDCM, Cruz DALM. Dor e cuidados paliativos. São Paulo: Manole; 2006.
- Porth CM, Matfin G. Fisiopatologia. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2010. 2v.
- Quilici AP et al. Enfermagem em Cardiologia. São Paulo: Atheneu, 2009.
- Riella MC. Princípios de nefrologia e distúrbios hidroeletrólíticos. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.
- Santos VLCG, Cesaretti IUR. Assistência em estomaterapia: cuidando do ostomizado. São Paulo: Atheneu; 2001.
- Silva MJP. Comunicação tem remédio. 13ª ed, São Paulo: Loyola; 2007.
- Silva ERR, Lucena AF. Diagnósticos de enfermagem com base em sinais e sintomas. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- As melhores práticas de enfermagem: procedimentos baseados em evidências. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
- Tarasoutchi F, Montera MW, Grinberg M, Barbosa MR, Piñeiro DJ, Sánchez CRM, Barbosa MM, Barbosa GV et al. Diretriz Brasileira de Valvopatias - SBC 2011 / | Diretriz Interamericana de Valvopatias - SIAC 2011. Arq Bras Cardiol 2011; 97(5 supl. 1): 1-67.
- Taylor PL. Habilidades de enfermagem clínica de Taylor: uma abordagem ao processo de enfermagem. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
- Timby BK. Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem. 8ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2007.
- Timerman A, Ferreira JFM, Bertolami M. Manual de Cardiologia. São Paulo, Atheneu, 2012.
- Wilkins RL, Stoller JK, Kacmarek RM. Egan Fundamentos da terapia respiratória. Rio de Janeiro: Mosby Elsevier. 2009.
- Woods SL, Froelicher ESS, Motzer SJ. Enfermagem em cardiologia. 4ª ed. São Paulo: Manole; 2005.

ENC0229 - Enfermagem Em Centro de Material

Ementa

Conhecimento da dinâmica da Unidade de Central de Material e Esterilização (CME), das tecnologias para o processamento e dos processos de trabalho. Observância e cumprimento de parâmetros pré-estabelecidos para o processamento de materiais reutilizáveis - materiais seguramente limpos, desinfetados ou esterilizados, livres de biofilmes, endotoxinas e outros pirógenos e substâncias tóxicas.

Bibliografia Básica

- Associação Paulista de Estudos e Controle de Infecção Hospitalar (APECIH). Limpeza, desinfecção e esterilização de artigos em serviços de saúde. São Paulo; 2010.
- Baffi SH de O, Lacerda RA. Reprocessamento e reutilização de produtos odonto-médico-hospitalares originalmente de uso único. In: Lacerda RA (coord). Controle de infecção em centro cirúrgico: fatos, mitos e controvérsias. São Paulo: Atheneu; 2003. cap. 13, p.213-38.
-

Graziano KU, Silva A, Bianchi ERF. Limpeza, desinfecção e esterilização de artigos e anti-sepsia. In: Fernandes AT. Infecção hospitalar e suas interfaces na área da saúde. São Paulo: Atheneu; 2000. cap. 11, p. 266-308.

Graziano KU, et al. Recomendações práticas para processos de esterilização em estabelecimento de saúde – Parte I: Esterilização a calor. Campinas: KOMEDI; 2000.

Graziano KU. Embalagem de artigos odonto-médico-hospitalares. In: Lacerda RA (coord). Controle de infecção em centro cirúrgico: fatos, mitos e controvérsias. São Paulo: Atheneu; 2003. cap. 12, p.197-212.

Pinter MG, Gabrielloni MC. Central de material e esterilização. In: Fernandes AT. Infecção hospitalar e suas interfaces na área da saúde. São Paulo: Atheneu; 2000. cap.57, p.1041-60.

Pinto T de JA, Graziano KU. Reprocessamento de artigos médico-hospitalares de uso único. In: Fernandes AT. Infecção hospitalar e suas interfaces na área da saúde. São Paulo: Atheneu; 2000. cap. 59, p.1070-8.

Bibliografia Complementar

Brasil Decretos, Leis, etc. Portaria n. 2616, de 12 de maio de 1998. Dispõe sobre as normas para o controle das infecções hospitalares. Diário Oficial da União 1998 maio 13; Seção 1; 133-5.

Brasil, Ministério da Saúde e do Trabalho e Emprego. Portaria Interministerial 482 de 16/04/99 que dispõe sobre regulamento técnico dos procedimentos de instalação e uso do gás óxido de etileno e suas misturas em unidades de esterilização. Acesso http://www.anvisa.gov.br/legis/portarias/482_99.htm#

São Paulo (Estado). Secretaria de Estado da Saúde. Centro de Apoio ao Desenvolvimento de Assistência Integral à Saúde. Organização do Centro de Material e noções de esterilização. São Paulo; 1993.

Brasil. Ministério da Saúde. Coordenação de Controle de Infecção Hospitalar. Processamento de artigos e superfícies em estabelecimentos de saúde. Brasília (DF); 1994.

Sociedade Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Pós-anestésica e Centro de Material e Esterilização (SOBECC). Práticas recomendadas da SOBECC. São Paulo: SOBECC; 2009.

BRASIL. ANVISA. RESOLUÇÃO-RDC N°- 35, DE 16 DE AGOSTO DE 2010. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para produtos com ação antimicrobiana utilizado sem artigos críticos e semicríticos. DOU n° 158, de 18 de agosto de 2010 – Seção 1 páginas 44 a 46.

Block SS, editor. Disinfection, Sterilization, and Preservation. 5th ed. Philadelphia, PA: Williams & Wilkins, 2001.

Association for Advancement of Medical Instrumentation (AAMI). Sterilization of health care products – General requirements for characterization of a sterilizing agent and development, validation, and routine control of a sterilization process for medical devices. Arlington; 2009.

ANSI/AAMI/ISO 14937.

Association of Operating Room Nurses (AORN). Standards, Recommended Practices and Guidelines. Denver, 2010.

ENP0375 - Enfermagem na Saúde da Mulher, na Saúde Materna e Neonatal

Ementa

Cuidado de enfermagem à mulher com afecções ginecológicas benignas em tratamento clínico e cirúrgico em unidade hospitalar. Cuidado de enfermagem à parturiente com ênfase na fisiologia do parto, à puérpera em Alojamento Conjunto (AC) e ao recém-nascido no nascimento, no AC e em unidade neonatal. Compreende as bases teóricas, conceituais e ético-legais do cuidado à mulher e ao recém-nascido e família.

Bibliografia Básica

1. Barros SMO (org). Enfermagem no ciclo gravídico-puerperal. São Paulo: Manole, 2005.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações programáticas e Estratégicas. Atenção à saúde do recém-nascido: guia para profissionais de saúde. Cuidados gerais. Brasília: Ministério da Saúde; 2011. (Série A. Normas e Manuais Técnicas, vol 1)
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações programáticas e Estratégicas. Atenção à saúde do recém-nascido: guia para profissionais de saúde. Intervenções comuns, icterícia e infecções. Brasília: Ministério da Saúde; 2011. (Série A. Normas e Manuais Técnicas, vol 2)
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília: Ministério da Saúde; 2003.
5. Fernandes RAQ, Narchi NZ (org). Enfermagem e saúde da mulher. 2ª ed. Barueri (SP): Manole, 2013.
6. Fonseca AS, Janicas RCSV (coord.). Saúde Materna e Neonatal. São Paulo (SP), Martinari, 2014.
7. Lowdermilk DL, Perry SE, Cashion K, Alden KR. Saúde da Mulher e Enfermagem Obstétrica. 10ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
8. Neme B. Obstetrícia básica. 3ª ed. São Paulo: Sarvier; 2008.
9. Ricci SS. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2008.
10. Porto F, Araujo LA, Lemos A, Cardoso TC. Atenção à saúde da mulher: história, aspectos legais e cuidado. Rio de Janeiro, Águia Dourada, 2011.
11. Orsahn SA. Enfermagem na saúde das mulheres, das mães e dos recém-nascidos: o cuidado ao longo da vida. Porto Alegre: Artmed, 2010.
12. Tamez R. Enfermagem na UTI neonatal. 5ªed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2013.

Bibliografia Complementar

1. Bergamasco RB, Kimura AF. Saúde da mulher no curso da vida In: Ministério da Saúde. Manual de enfermagem. São Paulo: Instituto para o Desenvolvimento da Saúde/Ministério da Saúde/Universidade de São Paulo/Fundação Telefônica; 2001. p.82-6.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à saúde. Departamento de Atenção Básica. Atenção ao pré-natal de baixo risco / Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica n 32).
3. Enkin M, Keirse MJNC, Neilson J, Crowther C, Duley L, Hodnett E, Hofmeyr J. Guia para atenção efetiva na gravidez e no parto. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2005.
4. Organização Mundial de Saúde. Assistência ao parto normal: um guia prático. Genebra, 1996 (OMS/SRF/MSM/96.24).
5. Silva IA. Construindo o significado da amamentação a partir da assistência de enfermagem. Rev Bras Enferm 1998; 51(2):217-30.

ENP0382 - Enfermagem no Cuidado à Criança e Adolescente na Experiência de Doença

Ementa

Bases teóricas e conceituais do processo de cuidar da criança e adolescente em situação de doença aguda e crônica. São enfatizados dois pressupostos que fundamentam o cuidado da enfermagem pediátrica: a doença como experiência na vida da criança, do adolescente e da família e o referencial teórico Cuidado Centrado na Família.

Bibliografia Básica

- Hockenberry MJ, Wilson D, Winkelstein ML. Wong Fundamentos da Enfermagem Pediátrica. 8ª ed. São Paulo: Elsevier; 2011.
-

Wright, LM, Leahey, M. Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família. 5ªed. São Paulo: Roca; 2012.

Bowden VR, Greenberg CS. Procedimentos de enfermagem pediátrica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013.

Bibliografia Complementar

Angelo M, Bousso RS. Fundamentos da assistência à família em saúde. In: Ministério da Saúde. Instituto para o Desenvolvimento da Saúde. Programa de Saúde da Família. Manual de Enfermagem. Brasília: MS/IDS/USP/Fundação Telefônica. 2001. p. 14 -17. Disponível em: <http://www.ids-saude.org.br/Enfermagem>

Angelo M. Cultura e cuidado da família. In: Nakamura E, Martin D, Santos JFQ, organizadores. Antropologia para enfermagem. Barueri: Manole, 2009. p.82-99.

Bousso RS, Angelo M. A enfermagem e o cuidado na saúde da família. In: Ministério da Saúde. Instituto para o Desenvolvimento da Saúde. Programa de Saúde da Família. Manual de Enfermagem. Brasília: MS/IDS/USP/Fundação Telefônica. 2001. p. 18-22. Disponível em: <http://www.ids-saude.org.br/Enfermagem>

Bousso RS. A família com um filho entre a vida e a morte. In: Gualda DMR, Bergamasco RB, organizadoras. Enfermagem, cultura e o processo saúde-doença. São Paulo: Ícone. 2004. p.135-145.

Carter B, McGoldrick M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas; 2001. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar; p. 7-29.

Damião EBC, Angelo M. A experiência da família em ter uma criança com doença crônica. In: Gualda DMR, Bergamasco RB, organizadoras. Enfermagem, cultura e o processo saúde-doença. São Paulo: Ícone, 2004. p. 119-34.

Damião EBC, Rossato-Abéde LM. Interação com a família da criança cronicamente doente. In: Ministério da Saúde. Instituto para o Desenvolvimento da Saúde. Programa de Saúde da Família. Manual de Enfermagem. Brasília: MS/IDS/USP/Fundação Telefônica. 2001. p. 113-118. Disponível em: <http://www.ids-saude.org.br/enfermagem>.

Elsen I, Patrício ZM. Assistência à criança hospitalizada: tipos de abordagens e suas implicações para a enfermagem. In: Schmitz, EMR et al. Enfermagem em pediatria e puericultura. Rio de Janeiro: Atheneu; 1984. p. 169-179.

Gilioli G. O pequeno médico. 4ª ed. São Paulo: Clio, 2009.

Rolland, JS. Doença crônica e o ciclo de vida familiar. In: Carter B, McGoldrick M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001. p. 373-392.

Schmitt EE. Oscar e a Senhora Rosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

Schmitz EM. et al. Administração endovenosa de fluidos. In: Schmitz EM, organizadora. Enfermagem em pediatria e puericultura. Rio de Janeiro: Atheneu; 2005. p. 333-42.

ENP0253 - Enfermagem em Saúde Mental e Psiquiátrica

Ementa

Bases para o cuidado em saúde mental: construção do campo psiquiátrico, psicossocial; concepções do processo saúde-doença mental, tecnologias de cuidado; políticas de saúde mental, cenários da prática de enfermagem; relacionamento interpessoal terapêutico: teoria e método; reabilitação psicossocial: teoria e modelos; processo de cuidar em saúde mental e em enfermagem: evolução do cuidado, funções da enfermagem, instrumentos de intervenção: técnicas de comunicação terapêutica, funções psíquicas e suas alterações, psicofarmacologia, processo de cuidado, transtornos mentais severos e persistentes e do uso de álcool e outras substâncias, trabalho da enfermagem, trabalho em equipe no campo da saúde mental.

Bibliografia Básica

1. Brasil. Ministério da Saúde. Caderno de Atenção Básica nº 34. Saúde Mental. Ministério da Saúde: Brasília; 2013.
2. Kaplan HI, Sadock BJ. Compêndio de psiquiatria. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1990.
3. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Organização Mundial da Saúde, 2001.
4. Motta T; Wang YP; DelSant R. Funções Psíquicas e sua psicopatologia. In. Louzão Neto MR; Motta T; Wang YP; Elkis H - Psiquiatria Básica - Psiquiatria Básica. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995..
5. Pitta A, organizadora. Reabilitação psicossocial no Brasil. São Paulo: Hucitec; 1996.
6. Saraceno B, Asioli F, Gianni T. Manual de saúde mental. São Paulo: Hucitec; 1994.
7. Taylor CM. Fundamentos de enfermagem psiquiátrica de Mereness. 13 ed. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Coordenação geral de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas. Saúde Mental em Dados – 11. Ministério da Saúde: Brasília; 2012.

Bibliografia Complementar

1. Organização Mundial da Saúde (BR). Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.
2. Townsend MC. Enfermagem Psiquiátrica -conceitos de cuidados. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. 835 p.
3. Miller, W.R., Rollnick, S. - Entrevista Motivacional: Preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
4. Seibel SD, Toscano Jr A. Dependência de drogas. 1ª ed. São Paulo; Editora Atheneu, 2001.
5. Dalgalarondo P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed; 2000.
6. Vargas D. Cuidados de adultos em situações de abuso de substâncias psicoativas - abordagem geral.. In: Associação Brasileira de Enfermagem. (Org.). Programa de atualização em enfermagem: Saúde do adulto. 1.ed. Porto Alegre: Artmed/Panamericana, 2010, v. 3, p. 127-168.

ENO0301 - Ética e legislação da Enfermagem**Ementa**

Dimensão ético-legal da atuação profissional da enfermagem. Instrumentos e princípios ético-legais da prática profissional da enfermagem.

Bibliografia Básica

1. Brasil. Lei nº 5.905, de 12 de Julho de 1973. Dispõe sobre a criação dos Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 13 jul. 1975.
2. Brasil. Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 26 jun. 1986.
3. Brasil. Decreto nº 94.406, de 08 de Junho de 1987. Regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 09 jun. 1987.
4. Brasil. Lei nº 8.967, de 28 de Dezembro de 1994. Altera a redação do parágrafo único do art. 23 da Lei nº 7.498 de 25 de Junho de 1986, que dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 29 dez. 1994.
5. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN 311/2007. Aprova a reformulação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. In: Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. Principais legislações para o exercício da enfermagem. São Paulo; 2013. p. 47-86.
6. Oguisso, Taka (Org.); Freitas, Genival Fernandes de (Org.). Legislação de Enfermagem e Saúde - Histórico e atualidades. 1a. ed. Barueri-SP: Manole, 2015. 375p.

7. Oguisso T, Schmidt MJ. O exercício da enfermagem: uma abordagem ético-legal. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2007.
 8. Oguisso T, Zoboli E. (org) Ética e bioética: desafios para a enfermagem e saúde. Barueri, SP: Manole, 2006.
-

ENO0302 - Bioética

Ementa

Dimensão ética da atuação profissional. Temas da Bioética relativos à profissão.

Bibliografia Básica

1. Beauchamp TL, Childress JF. Princípios de Ética Biomédica. São Paulo: Loyola, 2002.
2. Bol Oficina Sani Panam. Bioética,1990;(108):5/6.
3. Durand, G. Introdução Geral à Bioética: história, conceitos e instrumentos. São Paulo: Loyola, 2003.
4. Fortes PAC. Bioeticista e a priorização de recursos de saúde no sistema público de saúde brasileiro. Bioética. 2010; 18(2): 413-20.
5. Gracia D. La deliberación moral: el método de la ética clínica. Medicina Clínica. 2001; 117(1): 18-23.
6. Massarollo MCKB, Saccardo DP, Zoboli ELCP. Autonomia, privacidade e confidencialidade. In: Oguisso T, Zoboli L.C.P. E. (orgs.) Ética e bioética: desafios para a enfermagem e saúde. Barueri, SP: Manole, 2006.
7. Villas-Bôas ME. A ortotanásia e o Direito Penal Brasileiro. Bioética. 2008; 16(1): 61-83.

Bibliografia Complementar

1. Brasil. Lei n. 9.434, de 4 de fevereiro de 1997. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano, para fins de transplante, tratamento e dá outras providências.
 2. Brasil. Lei n. 10.211, de 23 de março de 2001. Dispõe sobre a remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano, para fins de transplante, tratamento e dá outras providências.
 3. Brasil. Lei n. 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.
 4. Costa SIF, Garrafa V, Oselka G, organizadores. Iniciação à bioética. Brasília: Conselho Federal de Medicina; 1998.
 5. Drane J, Pessini L. Bioética, medicina e tecnologia: desafios éticos na fronteira do conhecimento humano. São Paulo: Centro Universitário São Camilo: Edições Loyola, 2005.
 6. Ferrer JJ, Alvarez JC. Para fundamentar a Bioética: Teorias e paradigmas teóricos na bioética contemporânea. São Paulo: Loyola, 2005.
 7. Fortes PAC. Ética e saúde: questões éticas, deontológicas e legais, tomada de decisões, autonomia e direitos do paciente, estudo de casos. São Paulo: EPU; 1998.
 8. Massarollo MCKB, Fernandes MFP. Ética e gerenciamento em enfermagem. In: Kurcgant P. (org.) Gerenciamento em enfermagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
 9. Oguisso T, Zoboli L.C.P. E. (orgs.) Ética e bioética: desafios para a enfermagem e saúde. Barueri: Manole; 2006.
 10. UNESCO. Programa Temático - Programa de Educación en Ética. División de Ética de La Ciencia y la Tecnología. Programa de Bioética y Ética de la Ciencia (UNESCO-Montevideo). Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura; 2008.
-

ENO0400 – Administração Aplicada à Enfermagem

Ementa

Bases teóricas e conceituais da administração. Processo de trabalho gerencial em enfermagem. Gerenciamento do cuidado. Missão, visão e estrutura organizacional. Modelos de gestão. Planejamento e organização da assistência. Recursos humanos, físicos, ambientais e materiais.

Bibliografia Básica

1. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução - RDC nº50, de 21 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Brasília: 2002.
2. Brasil. Lei n. 8.080 de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes, e dá outras providências. In: Carvalho GI, Santos L. Sistema Único de Saúde. São Paulo: Hucitec; 1992. p.278-92.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Glossário do Ministério da Saúde: projeto de terminologia em saúde. Brasília; Ministério da Saúde; 2004.
4. Ciampone MHT, Kurcgant P. Gerenciamento de conflito e negociação. In: Kurcgant P. Gerenciamento em enfermagem. 2a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. Cap. 5 p 51-62.
5. Kurcgant P, coordenadora. Administração em enfermagem. São Paulo: EPU; 1991.
6. Kurcgant P, coordenadora. Gerenciamento em enfermagem. São Paulo: Guanabara-Koogan; 2010.
7. Vecina GN, Reinhardt WF. Gestão de recursos materiais e de medicamentos. São Paulo: Fundação Petrópolis; 1998. (Série Saúde e Cidadania).
8. Fleury MTL. As pessoas na organização. São Paulo: Gente; 2002. p. 51-62.
9. Kurcgant P O Poder nas relações multiprofissionais. In: Kalinowski CE (organizadora). Programas de atualização em enfermagem- Saúde do Adulto. São Paulo: Artmed, 2006. Cap.1 p.9-37.
10. Peres HHC, Leite MMJ (coord). Informática em enfermagem e Teleenfermagem: Avanços tecnológicos na prática profissional. In: Kalinowski CE (organizadora). Programas de atualização em enfermagem- Saúde do Adulto. São Paulo: Artmed, 2006. v.1 p.43-92.

Bibliografia Complementar

1. Castilho V. Gerenciamento de custos: análise de pesquisas produzidas por enfermeiras. [tese livre-docência]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2008.
2. Chiavenato I. Introdução à teoria geral de administração. 8ª ed., São Paulo: Campus; 2001.
3. Cianciarullo TI, Gualda DMR, Melleiro MM, Anakubi MH. Sistema de assistência de enfermagem: evolução e tendência. São Paulo: Icone; 2012.
4. Gaidzinski RR, Soares AVN, Lima AFC, Gutierrez BAO, Cruz DALM, Rogenski NMB. Diagnóstico de enfermagem: abordagem prática. Porto Alegre: Artmed; 2008.
5. Mattar Neto JA. Filosofia e administração. São Paulo: Markon Books; 1997.
6. Mota PR. Gestão contemporânea: A ciência e a arte de ser dirigente. 14ª ed. Rio de Janeiro; 2005.
7. Fleury MTL; Fischer RM. Cultura e poder nas organizações. São Paulo: Atlas, 1985.
8. Silva RO. Teorias da administração. São Paulo: Pioneira; 2002.

ENS0425 - Enfermagem em doenças transmissíveis com enfoque na saúde coletiva

Ementa

Bases teóricas, conceituais e ético-legais na atenção às doenças transmissíveis (DT), no que diz respeito à promoção, prevenção, assistência e reabilitação aos indivíduos e suas famílias; experiências de aprendizagem nos serviços de saúde de atenção especializada (ambulatórios, centros de referência, núcleos e serviços de vigilância epidemiológica e hospitalares).

Bibliografia Básica

1. Aguiar ZN, Ribeiro MCS. (Org.). Vigilância e controle das doenças transmissíveis. São Paulo: Martinari, 2006.
2. Bertolozzi MR, Takahashi RF, Nichiata LYI. Vulnerabilidades em saúde do adulto. In: Kalinowski CE (org.). Programas de Atualizações em enfermagem: Saúde do Adulto. Artmed, Porto; 2007. p. 9-24.
3. Brasil, Fundação Nacional de Saúde. Investigação epidemiológica de casos e epidemias. In: Brasil, Fundação Nacional de Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. Brasília, 7 ed. Brasília, 2010.
4. Brasil, Fundação Nacional de Saúde. Sistema de informação em saúde e vigilância epidemiológica. In: Brasil, Fundação Nacional de Saúde. Guia de vigilância epidemiológica. Brasília; 2002.
5. CCD. Vigilância Epidemiológica em âmbito hospitalar. Rev. Saúde Pública 2007; 41(3):487-91.
6. Farhat CK, Wecky LY, Carvalho LHF, Succi RCM. Imunizações: fundamentos e prática. 5 ed. Atheneu, 2008.
7. Nichiata LYI, Gryscek ALFP, Ciosak SI, Takahashi RF. DST e aids. In: Borges AL, Fujimori E (org.). Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Manole. 2009. p. 370-411.
8. Rodrigues VM, Fracoli LA, Oliveira MAC. Possibilidades e limites do trabalho de vigilância epidemiológica no nível local em direção à vigilância em saúde. Rev Esc Enfem USP 2001; 35(4):313-9.
9. Rouquayrol MZ, Façanha MC, Veras FMF. Aspectos epidemiológicos das doenças transmissíveis. In: Rouquayrol MZ, Almeida Filho N. Epidemiologia & Saúde. 6 ed. Rio de Janeiro: MEDSI; 2003. p. 229-288.
10. Takahashi RF, Oliveira MAC. Atuação da equipe de enfermagem na vigilância epidemiológica. In: Brasil. Ministério da Saúde. Programa de Saúde da Família. Manual de Enfermagem. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. p-220-4
11. Teixeira MG, Risi Jr JB, Costa MCN. Vigilância epidemiológica. In: Rouquayrol MZ, Almeida Filho N. Epidemiologia & Saúde. 6 ed. Rio de Janeiro: MEDSI; 2003. p. 313-356.
12. Veronesi R, Focacia R. Tratado de Infectologia. 3ª. Ed. Atheneu, 2008.
13. Waldman EA. A vigilância como instrumento de saúde pública. In: WALDMAN EA. Rosa TEC (col). Série Saúde em Cidadania. Vigilância em Saúde Pública. São Paulo. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. V. 7, 1998. p 91-113.

Bibliografia Complementar

1. Alexandre LBP. Da vigilância epidemiológica à vigilância à saúde. In: Aguiar ZN, Ribeiro MCS. Vigilância e controle das doenças transmissíveis. 2ª. Edição. São Paulo: Martinari, 2006. cap 1. p. 17-38.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Cadernos da Atenção Básica. Vigilância em Saúde: dengue, esquistossomose, hanseníase, malária, tracoma e tuberculose. 2 ed. Brasília, 2008.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Cadernos de Atenção Básica. Vigilância em Saúde. 2ª ed. Brasília, DF, 2008.
4. Hermann EM, Laguardia J. Reflexões sobre a vigilância epidemiológica: mais além da notificação compulsória. Inf. Epidemiol. Sus, Sept. 2000, vol.9, no.3, p.211-219. ISSN 0104-1673.
5. Laguardia et al. Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan): desafios no desenvolvimento de um sistema de informação em saúde. Epidemiol. Serv. Saúde, set. 2004, vol.13, no.3, p.135-146. ISSN 1679-4974.
6. Ribeiro MCS. Doenças transmissíveis no Brasil: situação atual. In: Aguiar ZN, Ribeiro MCS. Vigilância e controle das doenças transmissíveis. 2ª. Edição. São Paulo: Martinari, 2006. cap 1. p. 17-38.
7. Sabroza PC, Toledo LM, Osanai CH. A organização do espaço e os processos endêmico-epidêmicos In: Leal MC, Sabroza PC, Rodriguez RH, Buss PM (orgs.). Saúde, ambiente e desenvolvimento. São Paulo – Rio de Janeiro, v. 2, Hucitet – Abrasco, 1992 p. 57-77.

ENO0500 - Estágio Curricular I (Administração em Enfermagem)

Ementa

Conceitos, metodologias e instrumentos do processo de trabalho gerencial em enfermagem. Ferramentas gerenciais no processo de trabalho do enfermeiro. Planejamento, organização e avaliação da assistência/serviço. Liderança e Supervisão. Gerenciamento de recursos humanos.

Bibliografia Básica

1. Ciampone MHT, Peduzzi M. Trabalho em equipe e trabalho em grupo no Programa de Saúde da Família. Rev Bras Enferm 2000; 53:143-7.
2. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução nº 293, de 21 de setembro de 2004. Fixa e estabelece parâmetros para dimensionamento do quadro de profissionais de enfermagem nas unidades assistenciais das instituições de saúde assemelhadas [on line]. Rio de Janeiro 2004. Disponível em: <http://corensp.org.br/resolucao/resolucao293.htm>
3. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. Principais legislações para o exercício da enfermagem. São Paulo; 2009.
4. Cunha KC. Supervisão em enfermagem. In: Kurcgant P, coordenadora. Administração em Enfermagem. São Paulo: EPU; 1991. p.117-132.
5. Donabedian A. The quality of medical care: how can it be assessed? JAMA 1988; 260 (12): 1743-48.
6. Donabedian A. The role of outcomes in quality assessment and assurance. QRB Qual Rev Bull. 1992; 18 (11) 356-60.
7. Ferrell OC, Fraedrich J, Ferrell L. Ética empresarial: dilemas, tomadas de decisões e casos. Rio de Janeiro: Reichmann & Affonso; 2001.
8. Fugulin FMT; Gaidzinski RR; Kurcgant P. Sistema de classificação de pacientes: identificação do perfil assistencial dos pacientes das unidades de internação do HU-USP. Rev Latino Americana 2005; 13 (1): 72-78.
9. Girardi SN, Carvalho CL. Mercado de trabalho e regulação das profissões de saúde. In: Negri B, Faria R, Viana ALA, organizadores. Recursos Humanos em Saúde: política, desenvolvimento de mercado de trabalho. Campinas: Instituto de Economia/Unicamp; 2002. p.221-256.
10. Kurcgant P. Liderança em enfermagem. In: Kurcgant P, coordenadora. Administração em Enfermagem. São Paulo: EPU; 1991. p.165-178.
11. Kurcgant P, coordenadora. Gerenciamento em Enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.
12. Marquis BL, Huston CJ. Administração e liderança na enfermagem. Porto Alegre: Artmed; 2005.
13. Nogueira PN. Perspectivas da qualidade em saúde. Rio de Janeiro: Qualitymark; 1994.
14. Peduzzi M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia Rev. Saúde Pública 2001; 35(1):103-9.
15. Rodrigues MV; Carâp LJ; El-Warrack LO; Rezende TB. Qualidade e acreditação em saúde. Rio de Janeiro: FGV; 2011.
16. UNESCO. Programa Temático - Programa de Educación en Ética. División de Ética de La Ciencia y la Tecnología. Programa de Bioética y Ética de la Ciencia (UNESCO-Montevideo). Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura; 2008..
17. Gartner FR, Nieuwenhuijsen K, van Dijk FJH, Sluiter JK. The impact of common mental disorders on the work functioning of nurses allied health professional: a systematic review. International Journal Nursing studies 2010;47(8):1047-61.
18. Felli VEA, Baptista PCP. Saúde do trabalhador de enfermagem. Barueri, SP: Manole, 2015.
19. Watcher R M. Compreendendo a segurança do paciente. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Bibliografia Complementar

1. Ciampone MHT, Peduzzi M. Planejamento estratégico como instrumento de gestão e assistência. [online]. In: Ministério da Saúde, Programa Saúde da Família, Brasília; 2000. Disponível em:

2. Dutra JS. Competências: conceitos e instrumentos para gestão de pessoas na empresa moderna. São Paulo: Atlas; 2004.
3. Miguel PAC. Qualidade: enfoques e ferramentas. São Paulo: Artliber; 2001.

0701209 - Estágio Curricular II (Enfermagem na Atenção Básica, Atenção Psicossocial ou Ambulatórios de Especialidades)

Ementa

Conceitos, metodologias e instrumentos dos processos de trabalho em enfermagem. Planejamento, organização, execução e avaliação do cuidado de enfermagem. Prática do cuidado e do gerenciamento do cuidado de enfermagem.

Bibliografia Básica (ENP, ENS, ENP):

1. Barros S, O louco, a loucura e a alienação institucional: o ensino de enfermagem psiquiátrica sub judice. [Tese] São Paulo, 1996.201p.
2. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução –RDC nº50, de 21 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Brasília: 2002.
3. Brasil. Gabinete da Presidência da República. Decreto No 7.508, de 28 de junho de 2011. Diário Oficial da União de 29.06.2011. Disponível em www.saude.mg.gov.br/.../dec-7508-2011-reg-8080-29-6-2011.pdf
4. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria No 2488, de 21 de outubro de 2011. Diário Oficial da União. Seção 1. No 204, pg 48-55. 24 de outubro de 2011.
5. Breilh J. Epidemiologia crítica: ciência emancipadora e interculturalidade. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006. 317 p.
6. Cowley S. Community public health in policy and practice. 2nd. London: Elsevier; 2008. 377p.
7. Egrý EY (org.). As necessidades em saúde na perspectiva da atenção básica: guia para pesquisadores. São Paulo: Dedone; 2008.
8. Egrý EY, Cubas MR (org.). Processo de trabalho da enfermagem em saúde coletiva no cenário Cipesec: guia para pesquisadores. Curitiba: EEUSP/ABEn-Paraná; 2006.
9. Egrý EY. Saúde coletiva: construindo um novo método em enfermagem. São Paulo: Ícone; 1996.
10. Felli VEA, Marziale MHP, Robazzi MLC, Alexandre NMC. Assistência à saúde do trabalhador no contexto da saúde do adulto. Programa de Atualização em Enfermagem: saúde do adulto-PROENF. Porto Alegre:Artmed/Panamericana Editora, 2007. p.9-44.
11. Fujimori E, Ohara CVS (ogs). Enfermagem e a saúde da criança na atenção básica. Barueri: Manole, 2009.
12. Hockenberry MJ, Wilson D, Winkelstein ML. Wong: Fundamentos de enfermagem pediátrica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.
13. Kawata LS, Mishima SM, Chirelli MQ, Pereira MJB. O trabalho cotidiano da enfermeira na saúde da família: utilização de ferramentas da gestão. Texto Contexto Enferm 2009; 18(2): 313-20.
14. Garcia TR, Egrý EY (org). Integralidade da Atenção no SUS e sistematização da assistência de enfermagem. Porto Alegre: Artmed; 2010. 336 p.
15. Kurcgant P. O Poder nas relações multiprofissionais. In: Kalinowski CE (organizadora). Programas de atualização em enfermagem- Saúde do Adulto. São Paulo: Artmed, 2006. cap.1 p.9-37.
16. Kurcgant P, coordenadora. Gerenciamento em enfermagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.
17. Massarollo MCKB, Mira VL, Martins MS, Gregório Neto J. Direitos dos usuários dos serviços de saúde: aspectos da prática profissional de enfermagem na assistência ao adulto. In: Leite MMJ. (organizadora). Programas de atualização em enfermagem- Saúde do Adulto. São Paulo: Artmed, 2008. p.41-64.

18. Marquis BL, Huston CJ. Administração e liderança na enfermagem. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
19. Mendes EV. As redes de atenção à saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2011. 549 p. Disponível em www.conass.org.br/arquivos/file/livro_redes_mendes.pdf
20. Minayo MCS, Campos GWS, Akerman M. Tratado de saúde coletiva. São Paulo: Hucitec; 2009.
21. Organização Pan-Americana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. Relatório sobre a saúde do mundo 2001 - Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: OMS; 2001.
22. Orshan SA. Enfermagem na saúde das mulheres, das mães e dos recém-nascidos: o cuidado ao longo da vida. Porto Alegre: Artmed; 2010.
23. Ricci SS. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008.
24. Saraceno B. Manual de saúde mental: guia básico para atenção primária. 2ª ed. São Paulo: Hucitec; 1997.
25. Sobral F, Peci A. Administração: teoria e prática no contexto brasileiro. São Paulo: Pearson Prentice Hall; 2008.
26. Taylor CM. Fundamentos de enfermagem psiquiátrica de Mereness. 13 ed. porto Alegre: Artes Médicas; 1992.
27. Tronchin DMR, Melleiro MM, Kurcgant P, Garcia AN, Garzin ACA. Subsídios teóricos para a construção e implantação de indicadores de qualidade em saúde. Rev Gaúcha Enferm. 2009;30(3):542-6.
28. Vargas D. Cuidados de adultos em situações de abuso de substâncias psicoativas – abordagem geral. In: Associação Brasileira de Enfermagem. (Org.). Programa de atualização em enfermagem: Saúde do adulto. 1 ed. Porto Alegre: Artmed/Panamericana, 2010, v. 3, p. 127-168.
29. Wachter RM. Compreendo a segurança do paciente. Porto Alegre: Artmed; 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

1. André AM, Ciampone MHT. Competências para a gestão de Unidades Básicas de Saúde: percepção do gestor. RevEsc Enferm USP 2007, 41 (Esp):835-40.
2. Cassiani SHB (organizadora). Hospitais e medicamentos: impacto na segurança dos pacientes. São Caetano do Sul: Yendis; 2010.
3. David HMSL, Mauro MYC, Silva VG, Pinheiro MAS, Silva FH. Organização do trabalho de enfermagem na atenção básica: uma questão para a saúde do trabalhador. Texto & Contexto Enferm 2009;18(2):206-14.
4. Dutra JS. Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna. São Paulo: Atlas; 2008.
5. Fernandes RAQ, Narchi NZ organizadoras. Enfermagem e saúde da mulher. Barueri (SP): Manole; 2007.
6. Fonseca RMGS. Gênero como categoria para a compreensão e a intervenção no processo saúde-doença. PROENF-Programa de atualização em Enfermagem na saúde do adulto. Porto Alegre: Artmed/Panamericana; 2008. p.9-39.
7. Hausmann M, Peduzzi M. Articulação entre as dimensões gerencial e assistencial do processo de trabalho do enfermeiro. Texto & Contexto Enferm 2009;18(2):258-65.
8. Laurell AC. A saúde-doença como processo social. In: Nunes, ED (org.). Medicina social: aspectos históricos e teóricos. São Paulo: Global; 1983.
9. Nakamura E, Martin D, Santos JFQ (org.). Antropologia para a enfermagem. Barueri: Manole; 2009. 144p.
10. Rodrigues MV, Carâp LJ, El-Warrak LO, Rezende TB. Qualidade e acreditação em saúde. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2011.
11. Vecina Neto G, Malik AM. Gestão em saúde. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2011.

0701210 - Estágio Curricular III (Enfermagem na Atenção Hospitalar ou Pré-Hospitalar)

Ementa:

Conceitos, metodologias e instrumentos dos processos de trabalho em enfermagem. Planejamento, organização, execução e avaliação do cuidado de enfermagem. Prática do cuidado e do gerenciamento do cuidado de enfermagem.

Bibliografia Básica(ENO, ENP):

1. Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução –RDC nº50, de 21 de fevereiro de 2002. Dispõe sobre o Regulamento Técnico para planejamento, programação, elaboração e avaliação de projetos físicos de estabelecimentos assistenciais de saúde. Brasília: 2002.
2. Felli VEA, Marziale MHP, Robazzi MLC, Alexandre NMC. Assistência à saúde do trabalhador no contexto da saúde do adulto. Programa de Atualização em Enfermagem:saúde do adulto-PROENF. Porto Alegre:Artmed/Panamericana Editora, 2007. p.9-44
3. Fujimori E, Ohara CVS (ogs). Enfermagem e a saúde da criança na atenção básica. Barueri: Manole, 2009.
4. Hockenberry MJ, Wilson D, Winkelstein ML. Wong: Fundamentos de enfermagem pediátrica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.
5. Kurcgant P O Poder nas relações multiprofissionais. In: Kalinowski CE (organizadora). Programas de atualização em enfermagem- Saúde do Adulto. São Paulo: Artmed, 2006. cap.1 p.9-37.
6. Kurcgant P, coordenadora. Gerenciamento em enfermagem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010.
7. Massarollo MCKB, Mira VL, Martins MS, Gregório Neto J. Direitos dos usuários dos serviços de saúde: aspectos da prática profissional de enfermagem na assistência ao adulto. In: Leite MMJ. (organizadora). Programas de atualização em enfermagem- Saúde do Adulto. São Paulo: Artmed, 2008. p.41-64.
8. Marquis BL, Huston CJ. Administração e liderança na enfermagem. 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed; 2010.
9. Matos E, Pires D. Teorias administrativas e organização do trabalho: de Taylor aos dias atuais, influências no setor saúde e na enfermagem. Texto Contexto Enferm 2006; 15(3): 508-14.
10. Orshan SA. Enfermagem na saúde das mulheres, das mães e dos recém-nascidos: o cuidado ao longo da vida. Porto Alegre: Artmed; 2010.
11. Ricci SS. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008.
12. Sobral F, Peci A. Administração: teoria e prática no contexto brasileiro. São Paulo: Pearson Prentice Hall; 2008.
13. Tronchin DMR, Melleiro MM, Kurcgant P, Garcia AN, Garzin ACA. Subsídios teóricos para a construção e implantação de indicadores de qualidade em saúde. Rev Gaúcha Enferm. 2009;30(3):542-6.
14. Wachter RM. Compreendo a segurança do paciente. Porto Alegre: Artmed; 2010.

11. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

1. Baston H, Hall J. Pós-parto: uma abordagem humanizada. Rio de Janeiro: Elsevier; 2010.
2. Cassiani SHB (organizadora). Hospitais e medicamentos: impacto na segurança dos pacientes. São Caetano do Sul: Yendis; 2010.
3. Dutra JS. Competências: conceitos e instrumentos para a gestão de pessoas na empresa moderna. São Paulo: Atlas; 2008.
4. Hausmann M, Peduzzi M. Articulação entre as dimensões gerencial e assistencial do processo de trabalho do enfermeiro. Texto e Contexto Enferm 2009; 18(2):258-65.
5. Leone CR, Tronchin DMR, Toma E. Assistência integrada ao recém-nascido de baixo risco. 2ª ed. São Paulo: Atheneu; 2011.

6. Rodrigues MV, Carâp LJ, El-Warrak LO, Rezende TB. Qualidade e acreditação em saúde. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2011.
7. Vecina Neto G, Malik AM. Gestão em saúde. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan; 2011.

(ENC)

1. Almeida, Miriam de Abreu et. al. Processo de enfermagem na prática clínica: estudos clínicos realizados no hospital de clínicas de Porto Alegre. Porto Alegre: Artmed; 2011.
2. Auler Junior JO et al (organizador) Anestesiologia básica: manual de anestesiologia, dor e terapia intensiva. Barueri: Manole. 2011
3. Bryant RA, Nix DP. Acute & chronic wounds: current management concepts. 4th. Saint Louis: Elsevier/Mosby; 2012.
4. Calil AM, Paranhos WY. O enfermeiro e as situações de emergência. São Paulo: Atheneu, 2007.
5. Carpenito-Moyet LJ. Diagnósticos de enfermagem: aplicação à prática clínica. 11ed. Porto Alegre: Artmed; 2009.
6. Carvalho R, Bianchi ERF. Enfermagem em centro cirúrgico e recuperação. Barueri: Manole; 2007.
7. Cesaretti IUR, Paula MAB, Paula PR. Estomaterapia: temas básicos em estomas. Taubaté: Cabral; 2006.
8. DeVita VT et. al. (ed.). Cancer: principles and practice of oncology. 7.ed. Philadelphia: Lippincott Williams & Wilkins, 2005.
9. Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificação: 2009-2011. Porto Alegre: Artmed; 2010.
10. Doughty DB. Urinary and fecal incontinence: nursing management. 3rd ed. Saint Louis: Mosby; 2006.
11. Faro ACM Enfermagem em emergências Ortopédicas. Barueri, São Paulo, Manole, 2010.
12. Faro ACM, Monteiro CR, Leite CS, Itami LT. Assistência de Enfermagem em Ortopedia e Traumatologia. São Caetano do Sul, São Paulo, Difusão Editora, 2009.
13. Graziano KU, Silva A, Psaltikidis EM. Enfermagem em centro de material e esterilização. Barueri: Manole; 2011. 417p.
14. Lunney M. et. al. Pensamento crítico para o alcance de resultados positivos em saúde: análises e estudos de caso em enfermagem. Porto Alegre: Artmed; 2011.
15. Miranda SMRC, Malagutti W. Educação em saúde. São Paulo: Phorte; 2010.
16. Nobre M, Bernardo WM. Prática Clínica Baseada em Evidência. Rio de Janeiro, Elsevier, 2006.
17. Padilha KG, Vattimo MF, Kimura M, Silva SC. Enfermagem em UTI: cuidando do paciente crítico. Barueri: Manole; 2010.
18. Pimenta CAM, Mota DDCF, Cruz DALM. Dor e cuidados paliativos: enfermagem, medicina e psicologia. Barueri: São Paulo; 2006.
19. Santos VLGG, Cesaretti IRU. Assistência em Estomaterapia: cuidando do ostomizado. 1ed. São Paulo: Atheneu; 2000.
20. Sousa RMC, Calil AM, Paranhos WY, Malvestio MA. Atuação no trauma: uma abordagem de enfermagem. São Paulo: Atheneu; 2009.
21. Sussman C, Bates-Jensen BM. (eds.) Wound care: a collaborative practice manual for physical therapists and nurses. 3rd ed. Philadelphia: Wolters Kluwer/ Lippincott/ Williams & Williams. 2007.
22. Yarbro CH, Frogge MH, Goodman M. Cancer nursing: principles and practice. 6th. Sudbury: Mass, Jones and Bartlett; 2005.

**EMENTÁRIO E BIBLIOGRAFIA
DISCIPLINAS OPTATIVAS****0701250 - Comunicação para a Clínica Ampliada na Prática de Enfermagem em Atenção Básica****Ementa**

Elementos Básicos da Comunicação. Clínica Ampliada. Atenção Básica. Enfermagem como prática social. Processo de trabalho em saúde. Escuta ativa. Humanização da atenção básica. Saúde Coletiva. Cuidado.

Bibliografia Básica

Ayres JRCM. Cuidado: trabalho e interação nas práticas de saúde. Rio de Janeiro: CEPESC – IMS/UERJ – ABRASCO; 2009. 282 p. (Coleção Clássicos para a Integralidade em saúde)

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. v. 4. 60 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização da Atenção e Gestão do SUS. O HumanizaSUS na atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. 40 p. (Série B. Textos Básicos de Saúde)

Brasil. Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Política nacional de Humanização da atenção e Gestão do SUS. Clínica ampliada e compartilhada. Brasília: Ministério da saúde; 2009. 64 p. (série B. textos Básicos de saúde)

Cunha GT. A construção da clínica ampliada na Atenção Básica. São Paulo: Hucitec; 2005. 209 p.

Domingo-Moratalla A. El arte de cuidar: atender, dialogar y responder. Madrid : Rialp, 2013.

Hadad JGV Machado EP, Neves-Amado J, Zoboli ELCP. A comunicação terapêutica na relação enfermeiro-usuário na Atenção Básica: um instrumento para promoção da saúde e cidadania. O Mundo da Saúde (Centro Universitário São Camilo), v. 35, p. 145-155, 2011.

Juan C, Sánchez A, Balsa C. Técnicas de comunicación y relación de ayuda em ciencias de la salud. Madrid: Elsevier; 2003.

Machado EP, Hadad JGV, Zoboli ELCP. A comunicação como tecnologia leve para humanizar a relação enfermeiro-usuário na Atenção Básica. Bioethikós (Centro Universitário São Camilo), v. 4, p. 447-452, 2010.

Sá AC. O cuidado do emocional em saúde. 2ed. São Paulo: Robe; 2003.

Stefanelli MC, Carvalho EC. (orgs.) Comunicação nos diferentes contextos da enfermagem. Barueri: Manole; 2004.

Valverde C. Comunicación terapéutica en enfermería. Madrid: Difusión Avances en Enfermería; 200

0701251 - Prevenção e Controle de Infecções Relacionadas a Assistência a Saúde**Ementa**

Bases teóricas, conceituais, históricas e ético-legais referentes as Infecções Relacionadas a Assistência a Saúde (IRAS).

Bibliografia Básica

FERNANDES AT, FERNANDES MOV, RIBEIRO FILHO N. Infecção Hospitalares e suas Interfaces na Área de Saúde. São Paulo: Editora Atheneu, 2000.

MAYHALL C. Hospital Epidemiology and Infection Control. Baltimore: Willians & Wilkins, 1996.

PADOVEZE, MC . Enfermagem em infectologia e as inovações tecnológicas. In: Maria Rosa Ceccato Colombrini; Adriana Guzzo Mucke Marchiori; Rosely Morales de Figueiredo. (Org.). Enfermagem em infectologia - Cuidados com o paciente internado. 2 ed. São Paulo - SP: Atheneu, 2010, v. 1, p. 15-56.

Bibliografia Complementar

- CCD. Vigilância Epidemiológica em âmbito hospitalar. Rev. Saúde Pública 2007; 41(3):487-91.
- Takahashi RF, Oliveira MAC. Atuação da equipe de enfermagem na vigilância epidemiológica. In: Brasil. Ministério da Saúde. Programa de Saúde da Família. Manual de Enfermagem. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. p-220-4
- Waldman EA. A vigilância como instrumento de saúde pública. In: WALDMAN EA. Rosa TEC (col). Série Saúde em Cidadania. Vigilância em Saúde Pública. São Paulo. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. V. 7, 1998. p 91-113.

0701255 - Práticas, formação e educação interprofissional em saúde**Ementa**

No cenário atual internacional, a educação interprofissional (EIP) é reconhecida como componente de mudanças preconizadas na formação dos profissionais de saúde e na atenção à saúde, que têm por finalidade aumentar a resolubilidade da rede de serviços e a qualidade da assistência e cuidado à saúde. A literatura sobre EIP aponta que a formação dos profissionais deve contemplar tanto a construção da identidade profissional específica de cada área, quanto o aprendizado compartilhado com estudantes de outras áreas. Assim, a EIP busca desenvolver competências que envolvem conhecimentos, habilidades e atitudes para o trabalho em equipe de saúde, centrado nas necessidades de saúde dos usuários dos serviços e população, com colaboração entre os diferentes profissionais. A EIP está orientada a prática interprofissional e encontra na atenção primária à saúde, caracterizada pela integralidade da saúde, interdisciplinaridade e intersubjetividade profissional – usuário, espaço privilegiado para a introdução precoce da temática na formação profissional em saúde. Assim, a disciplina optativa está voltada, sobretudo aos estudantes dos 10 cursos da área da saúde da USP inseridos no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET – Saúde.

Bibliografia Básica

- Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no. 287 de 08 de outubro de 1990. Relaciona as categorias profissionais de saúde de nível superior. Brasília; 1998.
- Brasil. Ministério da Saúde. Portaria no. 154 de 24 de janeiro de 2008. Núcleos de Apoio à Saúde da Família – NASF. Brasília; 2008.
- Campos GWS, Domitti AC. Apoio matricial e equipe de referencia uma metodologia para gestão do trabalho interdisciplinar em saúde. Cad. Saúde Pública 2007; 23(2): 399-407.
- D'Amour D, Goulet L, Labadie JF, Martín-Rodríguez LS, Pineault R. A model and typology of collaboration between professionals in healthcare organizations. BMC Health Serv. Res 2008; 8 (188): 1-14.
- Frenk et al. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. The Lancet. 2010; 376: 1923-58.
- Iribarry IN. Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho em equipe. Psicol Reflex Crit. 2003;6(3): 483-90.
- Martín-Rodríguez LS, Beaulieu MD, D'Amour D, Ferrada-Videla M. The determinants of successful collaboration: a review of theoretical and empirical Studies. Journal of Interprofessional care 2005; 1: 132-147.
- Peduzzi M. Equipe Multiprofissional de Saúde: conceito e tipologia. Revista de Saúde Pública 2001; 35(1):103-9.
- São Paulo. Assembleia Legislativa. Direitos dos pacientes. Lei n. 10241. Diário Oficial do Estado, 18 de março de 1999.
- Teixeira R. Modelos comunicacionais e práticas de saúde. Interface – Comunic, saúde, Educ 1997; 1(1): 7-40.

World Health Organization. Framework for action on interprofessional education & collaborative practice. Geneva: WHO, 2010.

Bibliografia Complementar

Almeida M, Feuerwerker L, Llanos M. A educação dos profissionais de saúde na América Latina: Teoria e prática de um movimento de mudança. São Paulo: Hucitec; Buenos Aires: Lugar Editorial; Londrina: Ed UEL, 1999.

Barr H, Koppel I, Reeves S, Hammick M, Freeth D. Effective interprofessional education: arguments, assumption & evidence. London: Blackwell; CAIPE, 2005.

Barreto ICH, Lóiola FA, Andrade LOM, Moreira AEMM, Cavalcanti CGCS, Arruda CAM, Silva ALF. Development of interprofessional collaborative practices within undergraduate programs on health: case study on the Family Health alliance in Fortaleza (Ceará, Brazil). *Interface Comunic, Saúde, Educ* 2011; 15(36): 199-211.

Girardi SN, Seixas PH. Dilemas da regulação profissional na área da saúde: questões para um governo democrático e inclusionista. *Formação* 2002; 5: 29-43.

Japiassu H. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Rio de Janeiro: Imago; 1976.

Peduzzi M, Oliveira MAC. Trabalho em equipe multiprofissional. In: Clínica médica. Martins MA, Carrilho FJ, Alves VAF, Castilho EA, Cerri GG, Wen CL (editores) Barueri, SP: Manole, 2009. Cap. 17, p. 171- 178.

Reeves S, Zwarenstein M, Goldman J, Barr H, Freeth D, Hammick M, Koppel I. Interprofessional education: effects on professional practice and health care outcomes. *Cochrane Database of Systematic Review* 2008, Issue 1.

Teixeira R, Cyrino RT. As ciências sociais, a comunicação e a saúde. *Ciência & Saúde Coletiva* 2003; 8(1): 151-172.

Zwarenstein M, Goldman J, Reeves S. Interprofessional collaboration; effects of practice-based interventions on professional practice and healthcare outcomes. *Cochrane Database of Systematic Review* 2009, issue 3.

Organização Mundial da Saúde. Marco para a ação na educação interprofissional e práticas colaborativas. 2012. 64 p. Disponível em: http://new.paho.org/bra/images/stories/documentos/marco_para_acao.pdf Acesso em 26 de nov.2012.

Peduzzi M, Sangaleti CT, Aguiar C, Souza GC, Silva JAM. Trabalho em equipe sob a perspectiva interprofissional. 2012; vol 3: 9-39.

ENC0110 - Enfermagem nas Práticas Complementares de Saúde

Ementa

A disciplina proporciona aos estudantes de enfermagem: espaço para a discussão sobre práticas complementares de saúde; visão ampla e crítica a respeito das práticas mais utilizadas em nosso meio, bases para integração de utilidade comprovada no sistema oficial de saúde, visão da concepção sistêmica da vida e o holístico do processo saúde-doença e a possibilidade de discussão sobre o papel do enfermeiro no referencial teórico holístico.

Bibliografia Básica

Akiyama K. Práticas não convencionais em medicina no município de São Paulo. 2004 [Tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina da USP.

Albuquerque RS. Efeitos da reflexologia na pré eclampsia: estudo experimental. [tese] São Paulo (SP): Universidade Federal de São Paulo – Departamento de Enfermagem Escola de Enfermagem da USP; 2003.

- Barbosa MA. A fitoterapia como prática da saúde: o caso do hospital de terapia ayurvédica de Goiânia. [dissertação] Rio de Janeiro (RJ): Escola de Enfermagem Ana Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1990.
- Barbosa MA. A utilização de terapias alternativas por enfermeiros brasileiros [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1994.
- Berton AF. Intuição – da fenomenologia à Enfermagem – um estudo bibliográfico [dissertação] Ribeirão Preto (RP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 1998.
- Capra F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix; 1986.
- Carneiro MLM. A bionergia como caminho do processo saúde-doença ao processo saúde-enfermidade [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1999.
- Dethlefsen T, Dahlke R. A doença como caminho. São Paulo: Cultrix; 1983.
- Dobbro EL. A música como terapia complementar no cuidado de mulheres com fibromialgia [dissertação] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1998.
- Edde G. Cores para a sua saúde. São Paulo: Pensamento; 1994.
- Gatti MFZ. A Música como intervenção redutora de ansiedade do profissional de saúde no serviço de emergência: utopia ou realidade: 2005 [Dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP.
- Gerber R. Medicina Vibracional uma medicina para o futuro. São Paulo: Cultrix; 1988.
- Krieger D. O toque terapêutico. São Paulo: Cultrix; 1993.
- Medeiros LCM. As plantas medicinais e a enfermagem – a arte de assistir, de curar, de cuidar e de transformar os saberes [tese] Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2001.
- Puggina ACG. O uso da música e de estímulos vocais em pacientes em estado de coma: relação entre estímulo auditivo, sinais vitais, expressão facial e Escalas de Glasgow e Rawsay. 2006. [Dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP.
- Ribeiro MCP. A utilização das terapias complementares de saúde associadas à terapia convencional, por pacientes portadores de patologias oncológicas e onco-hematológicas [dissertação] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP.
- Salles LA. A prevalência de sinais iridológicos nos indivíduos com Diabetes Mellitus. 2006. [Dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP.
- Silva MJP, et al. Entendendo o toque terapêutico. Rev Bras Enferm 1991; 44(4): 69-73.
- Silva MJP, Gimenes ONP. (coord). Florais – uma alternativa saudável. São Paulo: Gente; 1999.
- Souza D de, Silva MJP. O holismo espiritualista como referencial teórico para enfermeiro. Rev Esc Enferm USP 1992; 26(2): 235-42.
- Tisserand R. A arte da aromaterapia. São Paulo: Roca; 1993.
- Weil P. O sentido da mudança e a mudança dos sentidos. Rio de Janeiro: Roda dos Tempos; 2000.

ENC0111 - Interpretação de Exames Laboratoriais para Enfermagem

Ementa

Princípios de biossegurança. Amostras de materiais biológicos. Variáveis pré-analíticas, analíticas e pós-analíticas. Interpretação de exames laboratoriais. Resultados de exames laboratoriais e raciocínio clínico de enfermagem

Bibliografia Básica

- . Fischbach F, Dunning MB. Manual de enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos. 8ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
- . Miller O, Gonçalves RR. Laboratório para o clínico. 8ª ed. São Paulo: Atheneu, 1999.

Bibliografia Complementar

- . Lippincott. Brunner & Suddarth: exames complementares. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
 - . Treseler KM. Clinical laboratory and diagnostic tests: significance and nursing implications. 3ª ed. United States of America: Appleton & Lange, 1995
-

ENC0112 - Enfermagem em Primeiros Socorros**Ementa**

Primeiros Socorros: conceituação e epidemiologia. Segurança da cena no atendimento. Reconhecimento e condutas nas seguintes emergências: lesões musculoesqueléticas, empalamento, hemorragias internas e externas, queimaduras térmica, elétrica e química, feridas fechadas e abertas, acidentes com animais peçonhentos, intoxicação exógena, convulsão e desidratação.

Bibliografia Básica

Bergeron D, Bizjak G, Krause GW et al. Primeiros Socorros. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, 2007. Martins HS, Brandão Neto RA, Scalabrini Neto A, et al. Emergências clínicas: abordagem prática. São Paulo: Manole, 2011. . Nunes TA, Melo MCB, Souza C. Urgência e emergência pré-hospitalar. Belo Horizonte: Folium, 2010. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR. . Chapleau W. Manual de emergências: um guia para primeiros socorros. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. . Grupo de Resgate a Atenção às Urgências e Emergências. Pré-Hospitalar. Barueri, SP: Manole, 2013. . Luongo J. Tratado de Primeiros Socorros. São Paulo: Rideel, 2014. . National Association of Emergency Medical Technicians (NAEMT). Atendimento pré-hospitalar ao traumatizado. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011. . National Association of Emergency Medical Technicians (NAEMT). AMLS – Atendimento Pré-Hospitalar às emergências clínicas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

ENC0113 - Assistência de Enfermagem em Cuidados Paliativos na Área de Oncologia**Ementa**

Atenção à saúde de pacientes oncológicos em cuidados paliativos e a atuação do enfermeiro.

Bibliografia Básica

BONASSA, E.M.A.; GATO, M.I.R. Terapêutica oncológica para enfermeiros e farmacêuticos. São Paulo: Ed. Atheneu, 2012. HOFF, P.M.G. et al. Tratado de oncologia. São Paulo: Ed. Atheneu, 2013. SANTOS, F.S. Cuidados Paliativos: diretrizes, humanização e alívio dos sintomas. São Paulo: Ed. Atheneu, 2011. KHAN AS, GOMES B, HIGGINSON IJ. End-of-life care - what do cancer patients want? Nat Ver Clin Oncol 2014; 11:100-108. MELO, A.G.C.; FIGUEIREDO, M.T.A. Cuidados paliativos: conceitos básicos, histórico e realizações da associação Brasileira de Cuidados Paliativos e da Associação Internacional de Hospice e Cuidados Paliativos. In: PIMENTA, C,B,M.; MOTA, D.D.C.F.; CRUZ, D.A.L.M. Dor e cuidados paliativos. Ed. Manole, 1ª edição, 2006. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Palliative Care. Disponível em: www.who.int/cancer/palliative/en. Consultado em 27.07.07

Bibliografia Complementar

FAULL, C.; CARTER, Y.; WOOF, R. Handbook of palliative care. Blackwell Science, 1ª edição, 1998. PESSINI, L. Cuidados paliativos: alguns aspectos conceituais, biográficos e éticos. Prática hospitalar. Ano VII, n.14, set-out, 2005. SCHRAMM, F.R. Morte e finitude em nossa sociedade: implicações no ensino de cuidados paliativos. Revista Brasileira de Cancerologia. V.43, n.1, p.17-20, 2002. FLORIANI, CA, SCHRAMM, FR. Cuidados paliativos: interfaces, conflitos e necessidades. Ciência & Saúde Coletiva. 2008; 13 (Sup 2): 2123-2132. ANDRADE CG, COSTA SFG, LOPES MEL. Cuidados paliativos: a comunicação como estratégia de cuidado para p paciente em fase terminal. Ciência & Saúde Coletiva. 2013; 18 (9): 2523-2530. CHIBA T, SAPORETTI LA, SOUZA MRB. Cuidados paliativos. In: Martins et al. Clínica Médica, volume 1: atuação da clínica médica, sinais e sintomas de natureza sistêmica. Barueri, SP: Manole, 2009.

ENC0115 - Assistência em Estomaterapia: o Estomizado**Ementa**

Causas da confecção de estomas: aspectos históricos; epidemiológicos e conceituais. Problemática bio-psico-social do ostomizado nas diferentes etapas operatórias. Assistência interdisciplinar junto à clientela ostomizada. Papel do enfermeiro e do ostomaterapeuta. Reabilitação e qualidade de vida. A realidade dos serviços e Programas de Assistência ao Ostomizado. Grupos de auto-ajuda.

Bibliografia Básica

Cesaretti IUR, Paula MAB, Paula PR. Estomaterapia: temas básicos em estomas. 2 ed. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária; 2014. - Santos VLCG, Cesaretti IRU. Assistência em Estomaterapia: cuidando de pessoas com estomia. 2ed. São Paulo: Atheneu; 2015. - WCET. International Ostomy Guidelines. 1ed. 2014. Bibliografia Complementar: - Carvalho RT, Parsos HÁ. Manual de cuidados paliativos ANCP. 2ed. Porto Alegre: Editora Meridional; 2012. - Malagutti W, Katrikara CJ. Curativos estomias e dermatologia. 1ed. São Paulo: Andreoli; 2010. - Forest-Lalande L. Gastrostomias. 1ed. Campinas: Ed Lince; 2011. - Revistas: WCET Journal; WOCN Journal (Guidelines); Ostomy & Wound Management/ Wounds; Estima. Consensos internacionais.

ENC0132 - Assistência de Enfermagem em Gerontologia

Ementa

Aspectos demográficos e epidemiológicos do envelhecimento. Atitudes, mitos e estereótipos relativos ao envelhecimento. Aspectos bio-psico-sociais relacionados ao envelhecimento. Avaliação gerontológica. Assistência de enfermagem em Gerontologia: aspectos teórico-práticos.

Bibliografia Básica

Berger L, Mailloux-Poirier D. Pessoas idosas: uma abordagem global. Lisboa: Lusidacta; 1995.
 Carvalho Filho E, Papaléo Netto M. Geriatria: fundamentos, clínica e terapêutica. São Paulo: Atheneu; 1994.
 Duarte YAO. Princípios da assistência de enfermagem gerontológica. In: Papaléo Netto M. Gerontologia. Atheneu: São Paulo; 1996.
 Duarte YAO. Cuidadores de idosos: uma questão a ser analisada. O mundo da saúde 1997; .21(4): 223-30.
 Duarte YAO. Assistência de enfermagem ao idoso. In: Anais da I Bienal de Enfermagem de Botucatu; 1999 abri. 107-16; Botucatu. Botucatu: UNESP; 1999.
 Duarte YAO, Diogo MJD. Atendimento domiciliário: um enfoque gerontológico. São Paulo: Atheneu; 2000.
 Duarte YAO. Família: rede de suporte ou fator estressor. A ótica de idosos e cuidadores familiares. [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2001.
 Duarte YAO; Lebrão ML. O cuidado gerontológico: um repensar sobre a Assistência em Gerontologia. O mundo da saúde 2006; 29(4): 566-74.
 Duarte YAO; Lebrão ML. O cuidador no cenário assistencial. O mundo da saúde 2006; 29 (5).
 Leite RCBO. O idoso dependente em domicílio. [dissertação] Salvador (Ba): Escola de Enfermagem da UFBA, 1995.
 Leite RCBO. A assistência de enfermagem perioperatória na visão do enfermeiro e do paciente cirúrgico idoso. [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP, 2002.
 Llera FG, MARTIN JPM. Síndromes y cuidados en el paciente geriátrico. Barcelona: Masson; 1994.
 Mendes MRSSB; Gusmão JL; Faro ACM; leite RCBO. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. Acta Paul Enferm. 2005; 18(4): 422-6.
 Newman DK, Smith DAJ. Planes de cuidados en geriatria. Barcelona: Mosby; 1994.
 Papaléo Netto M. Gerontologia. São Paulo: Atheneu; 1996.
 Papaléo Netto M. Urgências Geriátricas. São Paulo: Atheneu; 2001.
 Rodrigues RAP, Diogo MJD. Como cuidar dos idosos. Campinas: Papirus; 1996.

ENC0155 - Assistência em Estomaterapia Voltada para a Prevenção e Tratamento de Feridas
Ementa

Destina-se ao aprofundamento dos conhecimentos acerca da avaliação e princípios gerais específicos do tratamento de feridas agudas e crônicas, como importante papel do enfermeiro e equipe interdisciplinar no enfrentamento do stress.

Bibliografia Básica

- Baranoski S, Ayello EA. Wound care essentials: practice principles. 2nd ed. Philadelphia: Wolters Kluwer/ Lippincott Williams & Wilkins; 2008.
- Blackley P. Practical stoma wound and continence management. 1ª ed. Vermont: Research Publications. 1998.
- Borges EL, Saar SRC, Lima ULAN, Gomes FSL, Magalhães MBB. Feridas: como tratar. 2 ed. Belo Horizonte: Coopmed, 2008.
- Bryant R, Nix DP. Acute & chronic wounds: current management concepts. 3rd ed. Saint Louis: Mosby/ Elsevier; 2007.
- Dealey C. Cuidando de feridas: um guia para as enfermeiras. 3ª ed. São Paulo, Atheneu , 2006.
- Krasner DL, Rodeheaver GT, Sibbald G. Chronic wound care: a clinical source book for healthcare professionals. 4ed. Malvern: HMP Communications; 2007.
- Santos VLCG. Avanços tecnológicos no tratamento de feridas e algumas aplicações em domicílio. In: Duarte YAO, Diogo MJDE. Atendimento domiciliário: um enfoque gerontológico. 1ª ed. São Paulo: Atheneu, 2000. Cap. 21; p. 265-306.
- Sussman C, Bates-Jensen B. Wound care: a collaborative practice manual for health professionals. 3rd ed. Philadelphia: Wolters Kluwer/ Lippincott Williams & Wilkins; 2007.
- Krasner D. Chronic wound care: a clinical source book for health care professionals. Philadelphia, Health Management, 2007.
- Dissertações e teses.
- Revistas: WOCN Journal; Ostomy & Wound Management/ Wounds/ Estima

ENC0165 - Bioética e Saúde no Cinema: Reflexão e Debate

Ementa

Bioética e seus princípios; Aspectos éticos relacionados a temas específicos: morte e morrer; aborto, humanização da assistência, transplante e pesquisa clínica.

Bibliografia Básica

- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de humanização da assistência hospitalar. Série C. Projetos, programas e relatórios. Brasília; 2001.
- Beauchamp TL, Childress JF. Princípios da ética biomédica. São Paulo: Edições Loyola; 2002.
- Fortes, PAC ; Zoboli, ELCP. Bioética e saúde pública. Cadernos. Faculdades Integradas São Camilo, v. 12, p. 41-50, 2006.
- Costa SFI, Garrafa V, Oselka G.(org.) Iniciação à bioética. Brasília: Conselho Federal de Medicina; 1998.
- Freitas GF; Oguisso T; Fernandes MFP; Massarollo MCKB. Direitos do paciente com base nos princípios da bioética principialista. Ver. Esc.Enf.USP, n.24, v.4, p.28-32, 2005.
- Fortes, PAC. A prevenção da distanásia nas legislações brasileira e francesa. Revista Médica Brasileira, v.53, p.195-197, 2007.
- Fortes, PAC; Zoboli, ELCP. Os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) potencializando a inclusão social na atenção saúde. . O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 20-25, 2005.
- Oguisso T; Zoboli, ELCP. Ética e bioética: desafios para a enfermagem e a saúde. Barueri: Manole, 2006.
- Pessini L, Bertachini L. (org) Humanização e cuidados paliativos. São Paulo: Loyola; 2004.

- Pessini L, Barchiofontaine C de P. Problemas atuais de bioética. 6.ed. São Paulo: Loyola; 2002.
- Pessini L. Distanásia: até quando prolongar a vida? São Paulo: Loyola; 2002.
- Piva JP; Carvalho PRA. Considerações éticas nos cuidados médicos do paciente terminal. *Bioética* 1993; 1(2): 129-38.
- Santos M, Massarollo MCKB. Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres. *Ver., Lat-amer Enf*, v.13, n.3, p.382-287, 2005
- Siqueira JE; Zoboli ELP; Kipper JD. *Bioética clínica*. São Paulo: Gaia, 2008.
- Zoboli, ELCP ; Sartório, NA . *Bioética e enfermagem: uma interface no cuidado*. O Mundo da Saúde, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 382-397, 2006.
- Zoboli, ELCP. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 21-7, 2004.
-

ENC0170 - A Prática Assistencial na Hipertensão Arterial

Ementa

A hipertensão arterial como doença crônica e reflexos na saúde do adulto.

Aspectos epidemiológicos da hipertensão arterial.

A prática assistencial à pessoa hipertensa e o papel do enfermeiro nas seguintes situações: prevenção primária, aferição da pressão arterial, tratamento medicamentoso e não medicamentoso, o processo de adesão ao tratamento, prevenção secundária e a ação educativa do enfermeiro.

Bibliografia Básica

- 2003 European Society of Hypertension – European Society of Cardiology guidelines for the management of arterial hypertension. *J Hypertens* 2003; 21(6):1011-53
- Bambirra A P, Assunção J H, Monteiro J M, Pierin AMG, Mion Júnior D et al. Hypertension in employees of a University General Hospital. *Rev Hosp Clin Méd S Paulo* 2004; 59:329-36.
- Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Hipertensão Arterial Sistêmica e Diabetes Mellitus* [on line] Brasília (DF) 2002. Disponível em: <http://www.saude.gov.br>
- V Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial. São Paulo: Sociedade Brasileira de Cardiologia/Sociedade Brasileira de Hipertensão/Sociedade Brasileira de Nefrologia; 2006.
- Heart Disease and Stroke Statistics - 2008 Update: A Report form the American Heart Association Statistics Committee and Stroke Statistic Subcommittee. Disponível em www.circ.ahajournals.org
- Mano GMP, Pierin AMG. Avaliação de pacientes hipertensos acompanhados pelo Programa de Saúde da Família em um Centro de Saúde Escola. *Acta Paul Enferm* 2005; 18(3): 269-75.
- Mion Jr. D, Pierin AMG, Alavarce DC, Vasconcellos JHC. Resultado da campanha de avaliação da calibração e condição de esfigmomanômetros. *Arq Bras Cardiol*. 2000; 74(1):31-34.
- Peres DS, Magna JM, Viana LA. Portador de hipertensão arterial: atitudes, crenças, percepções, pensamentos e práticas. *Rev Saúde Pública* 2003; 37:635-42.
- Pierin AM, Alavarce DC, Gusmão, JL, Halpern A, Mion Jr D. Blood pressure measurement in obese patient: comparison between upper arm and forearm measurements. *Blood Press Monit*. 2004; 9:101-105.
- Pierin AMG, Nobre F, Mion Junior D. Adesão ao tratamento: o grande desafio da hipertensão. São Paulo: Lemos; 2001.
- Pierin AMG. *Hipertensão Arterial: uma proposta para o cuidar*. Ed. Manole, 2004. Barueri-SP.
- Pierin, A M G, Mion Júnior D, Fukushima JT, Pinto A, Kaminaga M. O perfil de um grupo de pessoas hipertensas de acordo com o conhecimento e gravidade da doença. *Rev Esc Enf USP* 2001; 35:11-8
- Rabello C, Mion Jr D, Pierin AMG. O conhecimento de profissionais da área da saúde sobre a medida da pressão arterial. *Rev Escola de Enfermagem da USP*. 2004;38:127-134.
- Sanchez, CG, Pierin AMG. Perfil do paciente hipertenso atendido em pronto socorro: comparação com hipertensos em tratamento ambulatorial. *Rev Esc Enf USP* 2004; 38:90-8.
-

Segre CA, Ueno RK, Warde KRJ, Accorsi TAD, Miname MH, Chi CK, Pierin AMG, Mion Jr. D. Efeito, hipertensão e normotensão do avental branco na Liga de Hipertensão do Hospital das Clínicas, FMUSP. Prevalência, características clínicas e demográficas. *Arq Bras Cardiol*. 2003; 80(2):117-21.

Strelec MAAM, Pierin AMG, Mion Júnior D. A influência do conhecimento sobre a doença e a atitude frente à tomada de remédios no controle da hipertensão arterial. *Arq Bras Cardiol* 2003; 81:349-54.

The Seventh Report of the Joint National Committee on Prevention, Detection, Evaluation, and Treatment of High Blood Pressure: the JNC 7 report. *JAMA* 2003; 289(19):2560-72.

World Health Organization 2003 – Adherence to long-term therapies; evidence for actions. 2003.

ENC0185 – Reabilitação na Lesão Medular

Ementa

Conceitos atuais em reabilitação: deficiências, incapacidades, atividade e participação. Aspectos clínicos e epidemiológicos da lesão medular. Alterações físicas e psicossociais decorrentes da lesão medular. Intervenções e procedimentos de enfermagem na reabilitação da pessoa com lesão medular: prevenção de úlcera por pressão, reeducação da eliminação urinária e intestinal, disreflexia autonômica, disfunção sexual masculina e feminina.

Bibliografia Básica:

- Faro, Ana Cristina Mancussi e; Tuono, Vanessa Luiza. Trauma raquimedular. In: Sousa, Regina Márcia Cardoso de et al. Atuação no trauma uma abordagem para a enfermagem. São Paulo : Atheneu; 2009. p. 289-301.
- Faro, Ana Cristina Mancussi e . Aspectos de Reabilitação. In: Sousa, Regina Márcia Cardoso de et al. Atuação no trauma uma abordagem para a enfermagem. São Paulo : Atheneu; 2009. p. 509-17.
- Faro, Ana Cristina Mancussi e. Aspectos de Reabilitação em situações de emergência que envolvam o adulto e o idoso. In: Calil, Ana Maria; Paranhos, Wana Yeda. O enfermeiro e as situações de emergência. São Paulo: Atheneu; 2007. p. 749-57.
- Faro, Ana Cristina Mancussi e. Traumatismo raquimedular-bases teóricas e intervenções de enfermagem. In: Koizumi, Maria Sumie; Diccini, Solange. Enfermagem em neurociência – fundamentos para a prática clínica. São Paulo; Atheneu ; 2006. p. 233-50.
- Faro ACM. Assistência de enfermagem ao paciente com traumatismo raquimedular. In: Ventura M de F; Faro ACM; Onoe EKN; Utimura M . Enfermagem ortopédica. São Paulo (SP): Ícone; 1996. p. 175-89.
- Faro ACM. Atividades realizadas no domicílio pelo cuidador familiar da pessoa com lesão medular. *Rev Paul Enf* 2001; 20(2):33-42.
- Faro ACM. Enfermagem em Reabilitação: ampliando os horizontes, legitimando o saber. *Rev Esc Enf USP*, São Paulo, 40(1): 128-33, 2006.
- Faro ACM. Fatores de risco para úlcera por pressão: subsídios para a prevenção. *Rev Esc Enf USP*, São Paulo, 33(3):279-283, 1999.
- Faro ACM. Reeducação intestinal. *Rev Esc Enf USP*, São Paulo, 33(especial): 110, 1999.
- Faro ACM. Assistência ao binômio paciente família na situação de lesão traumática da medula espinhal. *Rev lat amer Enf* , Ribeirão Preto , 6(4):67-73, 1998.
- Faro ACM, La rehabilitación de la persona con lesión de la medula espinal: tendencias de la investigación en Brasil. *Enfermería Global* , Espanha , n.3 , noviembre, 2003.
- Faro ACM; Ferreira GR. A enfermagem e o controle da dor no contexto da lesão medular. In: Leão ER; Chaves LD, Dor 5º sinal vital reflexões e intervenções de enfermagem. Editora Maio, São Paulo, 2004, p.225-234.
- Moroóka M; Faro ACM, A técnica limpa do autocateterismo vesical intermitente: descrição do procedimento realizado por pacientes com lesão medular. *Rev Esc Enf USP*, 36(4): 324-321, 2002.
- Bruni DE; Strazzieri KC; Gumieiro MN; Giovanazzi R; Sá VdeG; Faro ACM. Aspectos fisiopatológicos e assistenciais de enfermagem na reabilitação da pessoa com lesão medular. São Paulo. *Rev Esc Enf USP*, 38(1):71-9.

Hora Ec; Jukemura MFM; Faro ACM. Aliando-se ao paciente e à família diante das incapacidades. Rev Paul Enf, São Paulo, 20(2):52-56,2001.

OPAS/OMS, Classificação Internacional de Funcionalidade e Saúde. EDUSP, São Paulo, 2003.

Greve JMD'A; Casalis MEP; Barros Filho TEP de. Diagnóstico e tratamento da lesão da medula espinhal. Editora Roca, São Paulo, 2001.

Amaral LA, Conhecendo a deficiência em companhia de Hércules. Probe Editorial, São Paulo, 1995.

ENO0150 - Saúde do Trabalhador de Enfermagem

Ementa

A disciplina visa instrumentalizar o aluno para a análise das condições de trabalho inseridas no processo saúde-doença vivenciado pelos trabalhadores de enfermagem. Para tanto, caracteriza os riscos ocupacionais e os acidentes de trabalho a que estão expostos esses trabalhadores e propõe a discussão preventiva desses acidentes.

Bibliografia Básica

Bálsamo AC, Felli VEA. Estudo sobre acidentes de trabalho com exposição líquidos corporais humanos em trabalhadores da saúde de um hospital universitário. RLAE 2006, v.14, p. 346-53.

Baptista, Patrícia Campos Pavan; Merighi, Miriam Aparecida Barbosa, Silva, Arlete. Angústia de mulheres trabalhadoras de enfermagem que adoecem por distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho. Rev. bras. enferm. [online]. 2011 64(3):438-444 .

Baptista PCP, Merighi MAB, Freitas GF de. El estudio de la fenomenología como una vía de acceso a la mejora de los cuidados de enfermería. Cultura de los cuidados. 2011; 15(29):p.9-15.

Brasil. Leis, Decretos, etc. Consolidação das leis do trabalho comentada. 37 ed. São Paulo: LTr; 2004. Cap.5 (Da Segurança e da Medicina do Trabalho).

Brasil. Portaria n.1125/GM. Dispõe sobre os propósitos da Política Nacional sobre Saúde do Trabalhador para o SUS. DOU, 06 de julho de 2005.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Legislação em saúde: caderno de legislação em saúde do trabalhador / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – 2. ed. rev. e ampl. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 380 p. - (Série E. Legislação de Saúde).

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. LER/DORT e dor relacionada ao trabalho. Protocolos de atenção integral à saúde do trabalhador de complexidade diferenciada. Brasília, MS, organizado por Maeno M, Salerno V, Rossi DAG, Fuller R. et al.2006. 49p.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. Exposição a materiais biológicos. Protocolos de atenção integral à saúde do trabalhador de complexidade diferenciada. Brasília, MS, 2006. 74p.

Brasil. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil. Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde /Ministério da Saúde do Brasil, Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil; organizado por Elizabeth Costa Dias ; colaboradores Idelberto Muniz Almeida et al. – Brasília: Ministério da Saúde do Brasil, 2001. 580 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos; n.114)

Dejours C. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

Felli VEA, Marziale MHP, Robazzi MLC, Alexandre NMC. Assistência à saúde do trabalhador no contexto da saúde do adulto. Programa de Atualização em Enfermagem:saúde do adulto-PROENF. Porto Alegre:Artmed/Panamericana Editora, 2007. p.9-44

Felli VEA, Tronchin DM. A qualidade de vida no trabalho e a saúde do trabalhador de enfermagem. In: Kurcgant P. Gerenciamento em enfermagem. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2010. p.85-103.

Laurell AC, Noriega M. Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário. São Paulo: Hucitec; 1989.

Mendes R. (Org.). Patologia do trabalho: atualizada e ampliada. 2 ed. São Paulo: Atheneu; 2003.

Oliveira RA, Ciampone MHT. Qualidade de vida de estudantes de enfermagem: a construção de processos e intervenções. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 42, p. 57-65, 2008

Bibliografia Complementar

Centro de Documentação e Informação em Saúde do Trabalhador - www.cvs.saude.sp.gov.br

Ministério da Saúde - www.msaude.gov.br, www.datasus.gov.br

Secr. Estadual de Saúde - , www.saude.sp.gov.br

Rede de Prevenção de Acidentes de Trabalho – REPAT www.eerp.usp.br/repat

Centers for Disease Control - www.cdc.gov

Risco Biológico - www.riscobiologico.org

ENO0165 - Processo Histórico da Enfermagem e as Práticas Atuais

Ementa

As origens das práticas do cuidar da Antiguidade aos dias atuais. Precusores da enfermagem moderna e as práticas de enfermagem. O advento da Enfermagem moderna ou profissional. Movimentos de profissionalização da enfermagem. Órgãos de classe da Enfermagem no Brasil e no mundo. Imaginário social sobre a Enfermagem: a mídia em foco.

Bibliografia Básica

Collière MF. Promover a vida. Lisboa: Printipo; 1989. Geovanini T, Moreira A, Schoeller SD, Machado WCA. História da enfermagem: versões e interpretações. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. Moreira A, Oguisso T. Profissionalização da enfermagem brasileira. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2005. . Freitas GF. Coletividades de enfermagem In: Oguisso T (org). Trajetória histórica da enfermagem. São Paulo: Manole; 2014. Silva GB. Enfermagem profissional: análise crítica. São Paulo: Cortez, 1999. Almeida MCP, Rocha JSY. O saber de Enfermagem e sua dimensão prática. São Paulo: Cortez, 1989. Oguisso T, Freitas GF. Instituições & Práticas de Ensino e Assistência. Rio de Janeiro: Editora Águia Dourada; 2015. Melo C. Divisão social do trabalho e enfermagem. São Paulo: Cortez, 1986. Meyer DE, Waldow VR, Lopes MJM. Marcas da diversidade: saberes e fazeres da enfermagem contemporânea. Porto Alegre: Artmed, 1998. Nightingale F. Notas sobre a enfermagem. São Paulo: Cortez, 1988

ENP0105 - Práticas Obstétricas na Assistência ao Parto

Ementa

Assistência ao parto normal no Brasil. Compreende a evolução histórica dos modelos de assistência ao parto e seus agentes, evidências científicas na assistência ao parto, e papel da enfermeira na assistência ao parto e perspectiva de atuação.

Bibliografia Básica

Diniz SG, Duarte AC. Parto normal ou cesárea? O que toda mulher deve saber (e todo homem também). Rio de Janeiro: Editora UNESP, 2004.

Enkin M et al. Guia para atenção efetiva na gravidez e no parto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Dossiê Parto. v.7, n.1-2, p.399-527.

Lowdermilk DL, Perry SE, Cashion K, Alden KR. Saúde da mulher e enfermagem obstétrica. 10ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

Ministério as Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde da Mulher. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília, 2001.

Porto F, Araujo LA, Lemos A, Cardoso TC. Atenção à saúde da mulher: história, aspectos legais e cuidado. Rio de Janeiro: Águia Dourada, 2011.

Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Dossiê Humanização do Parto. São Paulo; 2002.

Bibliografia Complementar

Fernandes K. Práticas assistenciais no atendimento imediato ao recém-nascido em centro de parto normal. [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 2004.

Merighi MAB. Enfermeiras obstétricas egressas da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo: caracterização e trajetória profissional. [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 2000.

Organização Mundial de Saúde. Assistência ao parto normal: um guia prático. Genebra, 1996 (OMS/SRF/MSM/96.24).

Osava RH. Assistência ao parto no Brasil: o lugar do não-médico. [tese] São Paulo (SP): Faculdade de Saúde Pública da USP; 1997.

Riesco MLG. Que parteira é essa? [tese] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1999.

Schneck CA. Estudo comparativo dos resultados maternos e perinatais em centro de parto normal peri-hospitalar e Hospital São Paulo (SP). [tese] São Paulo: Escola de Enfermagem da USP; 2009.

ENP0110 - Introdução à Pesquisa Clínica em Enfermagem

Ementa

O vínculo entre a prática clínica e a pesquisa na Enfermagem. Delineamento da pesquisa clínica e sua utilização. Tipos de desenho. Diretrizes éticas da pesquisa. Fundamentos de estatística: tipos de dados, estatística descritiva e inferencial, representação tabular e gráfica. Classificação das evidências científicas e sua importância na interpretação da literatura científica.

Bibliografia Básica

1. Beigelman B. Curso prático de bioestatística. 5º ed. Ribeirão Preto: FUNPEC; 2002.

2. Campana AO, Padovani CR, Iaria CT, Freitas CBD, Paiva SAR de, Hossne WA. Investigação científica na área médica. São Paulo: Manole; 2001.

3. Castro AA. Planejamento da pesquisa. São Paulo: AAC; 2001. Disponível em: <http://www.evidencias.com/planejamento> e disponível em: <http://www.metodologia.org> e disponível em: 4. Centro Cochrane do Brasil. Disponível em:

5. Drummond JP, Silva E. Medicina baseada em evidências. São Paulo: Atheneu, 1998.

6. Doria Filho U. Introdução à bioestatística para simples mortais. 3ª ed. São Paulo: Negócio; 1999.

7. Fletcher RH, Fletcher SW, Fletcher GS. Epidemiologia clínica: elementos essenciais. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2014.

8. Gomes MM. Medicina baseada em evidências: princípios e práticas. Rio de Janeiro: Reclamann & Affonso; 2001.

9. Grady DG, Hulley SB, Cummings SR, Browner WS. Delineando a pesquisa clínica. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2014.

10. Jekel JF, Elmore JG, Katz DL. Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva. Porto Alegre: Artmed; 2002.

11. Medronho RA, Bloch KV, Luiz RR, Werneck GL. Epidemiologia. 2ª ed. São Paulo: Atheneu; 2009.

ENP0115 - Procedimentos Terapêuticos no Cuidado à Criança e ao Adolescente na Experiência de Doença

Ementa

Bases teóricas e práticas dos principais procedimentos terapêuticos realizados com crianças e adolescentes em situação de doença, tendo como referencial teórico o Cuidado Centrado na Família e as fases do desenvolvimento da criança e do adolescente.

Bibliografia Básica

1. Hockenberry, M.J.; Winkelstein, W. Wong Fundamentos de enfermagem Pediátrica. 8ed. Rio de Janeiro, Elsevier; 2011.
2. Bowden, V. Procedimentos de enfermagem pediátrica. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan; 2013.

ENP0132 – O Uso do Brinquedo no Cuidado à Criança

A importância e o significado do brincar para as crianças. Funções e tipos de brincadeira. O brincar conforme as fases do desenvolvimento infantil. O brincar como cuidado à criança. Espaços lúdicos.

Bibliografia Básica

- Benjamin W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. Trad. De Marcus Vinícius Massari. São Paulo: Summus; 1984.
- Brito TRP, Resck ZMR, Moreira DS, Marques SM. As práticas lúdicas no cotidiano do cuidar em enfermagem pediátrica. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2009 out-dez;13(4):802-08.
- Conselho Federal de Enfermagem(BR). Resolução COFEN n 295, de 24 de outubro de 2004: dispõe sobre a utilização da técnica do Brinquedo/Brinquedo Terapêutico pelo enfermeiro na assistência à criança hospitalizada [internet]. Brasília(DF); 2004. Disponível em: <http://site.portalcofen.gov.br/node/4331>.
- Crepaldi R. Brincando com sucata. São Paulo: FEUSP/FAFE/LABRIMP; 2009. (Col. Pontão de Cultura, cad.8)
- Friedmann A. O direito de brincar: a brinquedoteca. São Paulo: Edições Sociais; 1998.
- Jasen MF, Santos RM, Favero L. Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado à criança hospitalizada. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre(RS) 2010 jun; 31(2):247-53.
- Kramer S (org). Infância e produção cultural. Campinas: Papius; 1998.
- Maia EBS, Ribeiro CA, Borba RIH. Brinquedo Terapêutico: benefícios vivenciados por enfermeiros na prática assistencial à criança e família. Rev. Gaúcha Enfermagem, Porto Alegre(RS). 2008 mar;29(1): 39-46.
- Maia EBS, Ribeiro CA, Borba RIH. Compreendendo a sensibilização do enfermeiro para o uso do brinquedo terapêutico na prática assistencial à criança. Rev. Escola Enfermagem USP. 2011; 45(4):839-46.
- Miltre RMA, Gomes R. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. Ciência & Saúde Coletiva. 2004; 9(1):147-154.
- Santos SMP. Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis: Vozes; 1997.
- Viegas D. (org) Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização. Rio de Janeiro: WAP; 2007.
- Waksman RD, Harada MJCS. Escolha de brinquedos seguros e o desenvolvimento infantil. Rev Paulista Pediatria. 2005; 23(1): 41-48.
- Waksman RD, Harada MJCS. Escolha de brinquedos seguros para casa, ambulatório e hospital. Rev Paulista Pediatria. 2005; 23(4):192-197.
- Ribeiro CA, Borba RIH, Rezende MA. O brinquedo na assistência à saúde da criança. In: Fujimori E, Ohara CUS. Enfermagem e saúde da criança na atenção básica. Barueri: Manole; 2009. Cap. 13: 287 - 327

Bibliografia Complementar

- Huizinga J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo, Perspectiva; 2007.
- Winnicott D. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago; 1975.

ENP0133 - Dor no recém-nascido e na criança: aspectos essenciais para o cuidar

Ementa

Bases teóricas e conceituais do processo de cuidar do recém-nascido e da criança em situação de dor, com ênfase na avaliação e controle da dor neste segmento populacional.

Bibliografia Básica

1. Bueno M, Kimura AF, Diniz CSG. Evidências científicas no controle da dor no período neonatal. *Acta Paul Enferm* 2009;22(6):828-832.
2. Leão ER, Chaves LD (Org.). *Dor 5o. sinal vital: reflexões e intervenções de enfermagem*. 2ª ed. São Paulo: Livraria Martinari; 2007.
3. Hockenberry MJ, Wilson D, Winkelstein ML. Wong *Fundamentos da Enfermagem Pediátrica*. 8ª ed. São Paulo: Elsevier; 2011.
4. Tamez R. *Enfermagem na UTI neonatal*. 5a ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2013.
7. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.
5. Bueno M, Kimura AF, Pimenta CAdM. Avaliação da dor em recém-nascidos submetidos à cirurgia cardíaca. *Acta Paul Enferm* 2007;20(4):428-33.
6. Harrison D, Bueno M, Resjel J. Prevention and management of pain and stress in the neonate. *Research and Reports in Neonatology* 2015; 5:9-16.
7. Lee GY, Yamada J, Kyololo O, Shorkey A, Stevens B. Pediatric clinical practice guidelines for acute procedural pain: a systematic review. *Pediatrics*. 2014;133(3):500-15.
8. Prestes ACY, Guinsburg R, Balda RCX, Marba STM, Rugolo LMSS, Pachi PR, et al.. Frequência do emprego de analgésicos em unidades de terapia intensiva neonatal universitárias. *J Pediatr* 2005;81(5):405-10.
9. Teixeira MJ. *Dor: contexto interdisciplinar*. Curitiba: Editora Maio, 2003.
10. Rossato L M, Milano F. Instrumentos multidimensionales aplicação dos cartões das qualidades da dor em crianças. *Rev Latino-am Enferm* 2006;14(5).
11. Santos MZ, Kusahara DM, Pedreira MLG. Vivências de enfermeiros intensivistas na avaliação e intervenção para alívio da dor na criança. *Rev Esc Enferm USP* 2012;46(5):1074-1081.
12. Scochi, CGSi; Carletti, M; Nunes, RI; Furtado, MCC; Leite, AM. A dor na Unidade Neonatal sob a perspectiva dos profissionais de enfermagem de um hospital de Ribeirão Preto-SP. *Rev Bras Enferm* 2006;59(2):188-194.
13. Tacla MTGM, Hayashida M, Lima RAG. Registros sobre dor pós-operatória em crianças: uma análise retrospectiva de hospitais de Londrina, PR, Brasil. *Rev Bras Enferm* 2008; 61(3):289-95.

ENP0141 - Concepções de Sexualidade na Sociedade Ocidental

Ementa

Bases teóricas e conceituais para a compreensão das regulamentações sócios sexuais e implicações na prática de saúde.

Bibliografia Básica

1. Cabral JT. *A sexualidade no mundo ocidental*. Campinas/São Paulo, Papyrus, 1995.
2. Fromm E. *A arte de amar*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1961.
3. Silva EA. *Filosofia, educação e educação sexual: matrizes filosóficas e determinações pedagógicas do pensamento de Freud, Reich e Foucault para a abordagem educacional da sexualidade humana [tese]*. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

Bibliografia Complementar

1. Cuschnir L. A Relação Mulher e Homem: uma história dos seus encontros e diferenças. São Paulo, Campus, 2003.
 2. Cuschnir L. Os Bastidores do Amor: os sentimentos e as buscas que invadem nossos relacionamentos e como lidar com eles. São Paulo, Campus, 2004.
 3. Matarazzo MH. Encontros, desencontros e reencontros. São Paulo, Gente, 1996.
-

ENP0160 - Métodos Anticoncepcionais

Ementa

Estudo de diferentes tipos de métodos anticoncepcionais (abstinência periódica, de barreira, hormonal, ligadura tubária, vasectomia e dispositivo intra-uterino). A interação cliente e equipe de saúde na assistência à concepção e anticoncepção. Aspectos preventivos da reprodução humana.

Bibliografia Básica

1. Baston H, Hall J. Aconselhamento de planejamento familiar após o parto. In: Baston H, Hall J. Enfermagem obstétrica essencial: uma abordagem humanizada pós-parto. Rio de Janeiro: Elsevier; 2010. p.122 -135.
 2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Assistência em Planejamento Familiar: manual técnico. 4ª ed. Brasília, DF, 2002.
 3. El Hakim S, Ribeiro BF, Peixoto TR, Meneguel MCP. Saúde reprodutiva, concepção, anticoncepção e infertilidade. On: Fonseca A. da S, Janicas RCSV (coordenadoras). São Paulo: Martinari; p 19-43.
 4. Fonseca EFR. Métodos contraceptivos. On: Porto F, Araujo LA, Lemos A, Cardoso TC. Atenção à saúde da mulher: histórica, aspectos legais e cuidado. Rio de Janeiro: Águia Dourada; 2011. p. 99 – 116.
 5. Hatcher RA, Rinehart W, Blackburn R, Geller JS, Shelton JD. Pontos essenciais da tecnologia de anticoncepção: uma manual para pessoal clínico. Baltimore: The Johns Hopkins School of Public Health. Center for Communication Programs. Population Information Program; 2001.
 6. Lock SE. Contracepção e aborto. In: Lowdermilk DL, Perry SE, Cashion K, Alden KR. Saúde da mulher e enfermagem obstétrica. 10.ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2012. p. 166-90.
 7. Olive DL, Palter SF. Fisiologia reprodutiva. In: Berek JS, Novak. Tratado de ginecologia. Trad. de Cláudia Lucia Caetano de Araújo. 14.ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008. p. 122-39.
 8. Ricci SS. Anatomia e fisiologia do sistema reprodutivo. In: Ricci SS. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. Trad. de Maria de Fátima Azevedo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008. p. 24-34.
 9. Ricci SS. Questões comuns relacionadas com a reprodução. In: Ricci SS. Enfermagem materno-neonatal e saúde da mulher. Trad. de Maria de Fátima Azevedo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008. p. 38-77.
 10. Stubblefield PG, Carr-Ellis S, Kapp N. Planejamento familiar. In: Berek JS, Novak. Tratado de ginecologia. Trad. de Cláudia Lucia Caetano de Araújo. 14.ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2008. p. 190-237.
 11. Scaringi E. Controle da fertilidade e contracepção. On: Orshan AS. Enfermagem na saúde das mulheres, das mães e dos recém-nascidos: o cuidado ao longo da vida. Porto Alegre: Artmed; 2010. p. 301 -32.
-

ENP0175 - A Criança em Situação de Violência: Subsídios para a Atuação do Profissional de Saúde.

Ementa

Contextos sociais (histórico-cultural) e psicossociais da violência infanto-juvenil e implicações ao desenvolvimento da criança e do adolescente.

Bibliografia Básica

1. Ariès P. História Social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2006.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília (DF): Secretaria de Assistência à Saúde; 2002. (Série A. Normas e manuais técnicos n.167). Del Priore M, organizadora. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto; 2004.
3. Westphal, M. F. (ORG.) Violência e criança. São Paulo, Edusp, 2002.
4. Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente. ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente: inclui Convenção dos Direitos da Criança – edição atualizada e revisada. São Paulo, 2010.
5. Ministério da Saúde. Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília, DF: 2010. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_crianças_famílias_violencias.pdf

Bibliografia complementar

1. Ministério da Saúde. Impacto da violência na saúde das crianças e adolescentes: prevenção de violências e promoção da cultura de paz. Brasília, DF: 2008. Disponível em: <http://www.aads.org.br/arquivos/afccartilha.pdf>
2. Waksman RD, Hirschheime MR (orgs). Manual de atendimento às crianças e adolescentes vítimas de violência. Núcleo de Estudos da Violência Doméstica contra a Criança e o Adolescente da Sociedade de Pediatria de São Paulo. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.spsp.org.br/downloads/atendimentadolescentes.pdf>.

ENP0191 - A Experiência da Pessoa e da Família no Processo de Morrer

Ementa

A morte e o morrer: componentes da experiência. Conceito de morte. Processo de morte - A bioética e a morte. Modelos de intervenção em enfermagem no contexto da morte.

Bibliografia Básica

1. Áries P. História da morte no ocidente. São Paulo: Ediouro, 2003.
2. Bousso RS. A família com um filho entre a vida e a morte. In: Gualda DMR, Bragamasco RB. Enfermagem, cultura e o processo saúde-doença. São Paulo: Ícone, 2004. p. 135-145.
3. Schmitt, E-E Oscar e a Senhora Rosa. São Paulo. Nova Fronteira. 2003
4. Drane J, Pessini L. Bioética, medicina e tecnologia: Desafios éticos na fronteira do conhecimento humano. São Paulo: Loyola, 2005.
5. Kovács MJ. Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
6. Kubler-Ross E. Sobre a morte e o morrer. São Paulo: Edart, 1977.
7. Poles K, Bousso RS. Compartilhando o processo de morte com a família: a experiência da enfermeira na uti pediátrica 2004 encaminhado para a Revista Latino Americana.
8. Walsh F, MCGoldrick M. Morte na família: sobrevivendo as perdas. Porto Alegre: Artmed, 1998.
9. Gilioli G. O pequeno Médico. São Paulo: Clio Editora, 2007.
10. Bousso RS, Poles K. Morrer com Dignidade: Um Desafio Atual. In: Incontri D, Santos FS. A arte de morrer – Visões Plurais. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2007, p.137-44.
11. Brum E. O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.
12. Carvalho VA, Franco MHP, Kovács MJ, Liberato RP, Macieira RC, Veit MT, et al. Temas em psico-oncologia. São Paulo: Summus, 2008.

ENS0101 - Promoção da Saúde e a Prática de Enfermagem

Ementa:

Essa disciplina tem como finalidade apresentar os conceitos estruturantes do campo da Promoção da Saúde e sua interface com a prática de enfermagem sobretudo na Atenção Básica e na Vigilância em Saúde.

Bibliografia Básica

CHIESA, A. M. . A promoção da saúde como eixo estruturante da atenção à criança no Programa de Saúde da Família. In: Anna Maria Chiesa, Lislaine Aparecida Fracolli, Elma Lourdes Campos Pavone Zoboli. (Org.). Promoção da Saúde da Criança a experiência do projeto Nossas Crianças: janelas de oportunidades. 1 ed. São Paulo - SP: MSPrado Editora e Gráfica Ltda, 2009, v. 1, p. 29-42.
Westphal MF. Promoção da Saúde e Prevenção de doenças. In: Campos et all org. Tratado de Saúde Coletiva. Ed: Hucitec/Fiocruz, 2008. pg 635 - 667

Bibliografia Complementar

CHIESA, A. M. ; FRACOLLI, Lislaine Aparecida ; NOGUEIRA, V.F. . A promoção da saúde e a educação em saúde como campo de conhecimentos e práticas. In: Sonia Maria Rezende Camargo de Miranda; Wulliam Malagutti. (Org.). Educação em Saúde. São Paulo - SP: Phorte Editora, 2010, v. 1, p. 37-59.
CHIESA, A. M. ; FRACOLLI, Lislaine Aparecida ; ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone ; MAEDA, Sayuri Tanaka ; CASTRO, D.F.A. ; BARROS, Débora Gomes ; ERMEL, R. C. ; CHANG, K. . Possibilidades do WHOQOL-BREF para a promoção da saúde na estratégia saúde da família. Revista da Escola de Enfermagem da USP (Impresso) , v. 45, p. 1745-1749, 2011.
CHIESA, A. M. ; FRACOLLI, Lislaine Aparecida ; VERÍSSIMO, Maria de La Ó Ramallo ; ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone ; MORAES, Livia Keismanas de Ávila ; OLIVEIRA, A. A. P. . A construção de tecnologias de atenção em saúde com base na promoção da saúde. Revista da Escola de Enfermagem da USP (On-Line) , v. 43, p. 1135-1374, 2009.

ENS0102 - Serviços de Saúde: financiamento e custos no processo de produção

Ementa:

A lógica do financiamento e o provimento de recursos estruturais para o SUS como questões fulcrais para o sucesso do mesmo. Processo de regulação sobre transferências de recursos intergovernamentais em saúde e noções de serviços e seus custos na economia.

Bibliografia Básica:

Singer P. Para entender o mundo financeiro. São Paulo: Ed Contexto, 2000.
Kon A. Economia de serviços-teoria e evolução no Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. Cap 2, p. 23-45.
Marques RM, Mendes ÁN. A dimensão do financiamento da atenção básica e do PSF no contexto da saúde-SUS.. In: Souza MF (organizadora) Os sinais vermelhos do PSF.São Paulo, Ed Hucitec, 2002, p. 71- 101.
Lopes & Rossetti Economia monetária. 9a Ed; São Paulo, 2005, p. 15-25.
Giacomoni J. Orçamento público 13ª Ed; Atlas, São Paulo, 2005. p. 37-42.
Martins E. Contabilidade de custos. 4ª Ed. Atlas, São Paulo. Cap 2- p. 23-29.
Elias PEM, Dourado DA. Sistema de saúde e SUS: saúde como política social e sua trajetória no Brasil. In: Ibañez N, Elias PEM, Seixas PH D'Á. (organizadores) São Paulo:Hucitec & CEALAG, 2011, p. 102-146.
Brasil. Decreto Federal No 7.508/2011 regulamenta a Lei no 8.080/90 de 28/06/2011. Dispõe sobre a organização do Sistema Único de Saúde-SUS, o planejamento da saúde, a assistência à saúde e a articulação interfederativa, e dá outras providências.Disponível em <http://www.jusbrasil.com.br/legislação/1028206/decreto>. Acessado em 20/03/2012.

Ministério da Saúde (BR). Portaria No 204/GM, 29/01/2007. Dispõe sobre a regulamentação sobre o financiamento e a transferência dos recursos federais para as ações e os serviços de saúde na forma de blocos de financiamento. Disponível em dtr2001.saude.gov.br/sas/Portarias/port2007/GM/GM-204htm.29/01/2007. Acessado em 20/03/2012.

Ministério da Saúde (BR). Portaria GM/MS 399 de 22/02/2006. Consolidação do SUS e aprova diretrizes operacionais do referido Pacto.< Disponível em bibliotecaatualiza.wordpress.com/2011/08/06/portaria-gmms-399>. Acessado em 20/03/2012.

Machado RR, Costa E, Erdmann AL, Albuquerque GL, Ortiga AMB. Entendendo o Pacto pela Saúde na gestão do SUS e refletindo sua implementação. R ev. Eletr. Enf. [Internet].2009;11(1):181-7 disponível em [HTTP://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/v11n1a23.htm](http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/v11n1a23.htm). cessado 15/03/2012.

Maeda, Sayuri Tanaka and Secoli, Sílvia Regina Use and cost of medication in low risk pregnant women. Rev. Latino-Am. Enfermagem, Apr 2008, vol.16, no.2, p.266-271. ISSN 0104-1169

Maeda, Sayuri Tanaka, Ciosak, Suely Itsuko and Egry, Emiko Yoshikawa Una propuesta metodológica para la apropiación de costos de producción en la atención prenatal. Ciênc. saúde coletiva, Jun 2010, vol.15, suppl.1, p.987-996. ISSN 1413-8123.

Bibliografia Complementar

Shumpeter JA. Teoria do desenvolvimento econômico-uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. São Paulo: Abril AS, 1982. p. 43-66.

Dillard D. A teoria econômica de John Maynard Keynes. São Paulo: 6ª d. Pioneira editora, 1989, cap.IV p. 55-69.

Secretaria Municipal da Saúde da Prefeitura do Município de São Paulo. Documento norteador – gerenciamento e administração dos recursos financeiros do PSF/Convênios. Coordenação do Programa de Saúde da Família. São Paulo, 2003.

Bobbio N. Estado, governo, sociedade para uma teoria geral da política. São Paulo:Paz e Terra, 2000, p. 53-76.

Organização Mundial da Saúde (OMS) Relatório Mundial da Saúde-Financiamento dos sistemas de saúde. Lisboa (Portugal). Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), 2010.

Silva HP, Viana AL d'Á. O financiamento do sistema de saúde no Brasil, gasto em saúde e as modalidades para sua racionalização In: Ibañez N, Elias PEM, Seixas PHD'Á (Organizadores). Política e gestão pública em saúde. São Paulo; 2011, p.179-202.

ENS0160- A Sistematização das Ações Educativas em Saúde Coletiva

Ementa

Conceituação do processo educativo. Educação em Saúde: histórico e principais marcos teóricos. Promoção da Saúde. Controle social e a política pública de saúde. Delimitação de problemas de saúde para o planejamento de intervenções educativas. Estruturação de Oficinas, Grupo Focal, Círculos de Cultura e Grupos Operativos. A especificidade da Enfermagem e as intervenções educativas.

Bibliografia Básica

BRANDÃO, C.R. O que é Educação. São Paulo. Brasiliense, 1995.

BRASIL. Leis etc. Lei 8142 de 28 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. [online] Disponível na Internet: (19 jan.98).

BREIHL, J. Nuevos conceptos y técnicas de investigación: guía pedagógica para un taller de metodología. Quito, CEAS, 1994.

- CHIESA, A. M. Mulher, Corpo e Agravo à Saúde: do ingênuo ao crítico através do conhecimento. In: FONSECA, R. M. G. S. da (org.) Mulher e Cidadania na nova ordem social. São Paulo: Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE/USP), 1996. p.129-50.
- CHIESA, A. M.; GARBIN, A. de C.; MÜLLER, E.; NEVES, I. R.; LOPES, P.S. As repercussões emocionais das L.E.R./D.O.R.T. no cotidiano do trabalhador: a invisibilidade ameaçadora. (Encaminhado para publicação na Rev. Brasileira de Saúde Ocupacional em julho de 1999.)
- CHIESA, A. M.; VERÍSSIMO, M. D. L. Ó. R. A Educação em saúde na prática do Programa de Saúde da Família. 2001. Texto do Material Instrucional para Educação à Distância do Programa de Saúde da Família. [on line] <http://www.dreamaker.com.br/psf1>
- CHIESA, A. M.; WESTPHAL, M.F. A sistematização de oficinas educativas problematizadoras no contexto dos serviços públicos de saúde. Saúde em Debate, v. 24, n. 46, p.19-22, 1995.
- COSTA, N.do R. Estado, educação e saúde: a higiene da vida cotidiana. Caderno Cedes. n.4. São Paulo, 1987, p.5-27.
- FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. Paz e Terra. 12.ed., São Paulo, 1981.
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- JACOBI, P.R. Movimentos sociais e políticas públicas. São Paulo, Cortez, 1993.
- MELO, J.A C. Educação sanitária: uma visão crítica. Caderno Cedes. n.4. São Paulo, 1987, p.28-43.
- SEVERINO, A.J. Educação, ideologia e contra-ideologia. São Paulo, EPU, 1986.
- SOARES, C.B.; REALE, D.; BRITES, C.M. Uso de grupo focal como instrumento de avaliação de programa educacional em saúde. Rev. Esc. Enf. USP, v.34, n.3, p.317-22, 2000.
- SOARES, C.B.; SALUM, M.J.L. A instrumentalização da inteligência popular e a intervenção em saúde coletiva (mimeo). Documento pedagógico para os alunos da disciplina Enfermagem em Saúde Coletiva: fundamentação e prática, São Paulo, Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 1999, 5p.
- SOARES, C.B.; SWIDER, S.; McELMURRY, B. The training of community health advocates for urban communities: a program evaluation. In: McELMURRY, B.; TYSKA, C.; PARKER, R.S. (eds.) Primary Health Care in Urban Communities. Sudbury-MA, NLN/Jones and Bartlett, 1999. p.35-53.
- WESTPHAL, M. F.; CAMPOS, L.; CHIESA, A. M.; MOTTA, R. M. M. Percepção das crianças, pais e professores sobre o trabalho infanto-juvenil nas bancas de calçados. In: WESTPHAL, M.F.; CARICARI, A. M.; CAMARGO, M. T. V. E. F. de (coord.) O compromisso da saúde no campo do trabalho infanto-juvenil: uma proposta de atuação. São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da USP, 1999. p.13-43.
- WESTPHAL, M.F.; CAMPOS, L.; CHIESA, A. M. A influência do trabalho terceirizado da indústria de calçados de Franca/SP, no desenvolvimento da criança trabalhadora: uma proposta metodológica. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v.24, n. 89/90, p.23-29, 1997.
- WESTPHAL, M.F.; CHIESA, A. M. A erradicação do trabalho infantil: a contribuição da metodologia de pesquisa. In: WESTPFHAL, M.F.; CARICARI, A. M.; CAMARGO, M. T. V. E. F. de (coord.) O compromisso da saúde no campo do trabalho infanto-juvenil: uma proposta de atuação. São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da USP, 1999. p.5-11.

ENS0172 - Drogas psicoativas: educação e redução de danos

Ementa

O consumo de drogas na atualidade constitui problema complexo de natureza social, mas na área da saúde prevalece a perspectiva biológica. A disciplina se propõe a apresentar a dimensão social da problemática para explicar o consumo prejudicial de drogas na atualidade, analisando os problemas que cercam a juventude na atualidade; se propõe ainda a apresentar os fundamentos da educação emancipatória, criticando as políticas públicas na área e apoiando a elaboração de projetos educativos na área.

Bibliografia Básica

Álcool e outras drogas: um milhão de ações. São Paulo; 2012. Disponível em: Almeida AH, Trapé CA, Soares CB. Educação em saúde no trabalho de enfermagem. In: Soares CB, Campos CMS. Fundamentos de Saúde Coletiva e o cuidado de enfermagem. São Paulo: Manole, 2013, p:293-322.

Brasil. Ministério da Saúde. A política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras drogas. Brasília: Ministério da Saúde. 2003.

Bucher R, Oliveira S. O discurso do “combate às drogas” e suas ideologias. Rev. Saúde Públ. 1994; 28(2): 137-45.

Campos FV, Soares CB. Conhecimento dos estudantes de enfermagem em relação às drogas psicotrópicas. Rev Esc. Enferm. USP. 2004; 38(1): 99-108.

Canolleti B, Soares CB. Programas de prevenção ao consumo de drogas no Brasil: uma análise da produção científica de 1991 a 2001, Interface – Comunic., Saúde, Educ., 9(16), p. 115-29, 2005.

Cardoso B, et al. Materiais educativos sobre drogas: Uma análise qualitativa. Saúde e Transformação Social; 2013;4(2). Disponível em: <<http://periodicos.incubadora.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/2216>>

Coelho HV, Soares CB. Escola de Redutores de Danos: experiência de formação na perspectiva da saúde coletiva. Saúde em Debate. 37(n. especial): 70-81, 2013. Disponível em: <http://saudeemdebate.org.br/UserFiles_Padrao/File/RSD_EspecialDrogas_Web.pdf>

Coelho HV et al. Políticas públicas de saúde aos usuários de álcool e outras drogas: contribuição da Saúde Coletiva ao debate. Estácio de Sá – Ciências da Saúde. Revista da Faculdade Estácio de Sá. Goiânia SESES-Go. 2012; 02(07): 194-203.

Cordeiro L et al. Avaliação de processo educativo sobre consumo prejudicial de drogas com agentes comunitários de saúde. Saude soc. 2014; 23(3): 897-907.

Godoy A et al. Fórum Estadual de Redução de Danos de São Paulo: construção, diálogo e intervenção política. São Paulo: Córrego; 2014.

Lachtim SAF, Soares CB. Valores atribuídos ao trabalho e expectativa de futuro: como os jovens se posicionam?. Trabalho, Educação e Saúde. 2011; 9(2): 277-294.

Laranjo, THM, Soares CB. Moradia universitária: processos de socialização e consumo de drogas. Rev. Saúde Pública. 2006; 40(6): 1027-1034.

Noto AR et al. Drogas na imprensa brasileira: uma análise dos artigos publicados em jornais e revistas. Cad Saúde Pública 2003; 19(1): 69-79.

Panaino EF, Soares CB, Campos CMS. Context of the beginning of tobacco use in different social groups. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2014; 22(3): 379-385.

Ribeiro TW, Pergher NK, Torossian SD. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. Psicol Reflex Crit 1998; 11(3): 421-30.

Rodrigues T. Narcotráfico: uma guerra na guerra. São Paulo: Desativo; 2003.

Santos VE, Mattos RB, Frei A. Redução de danos em CAPS AD: para além do pragmatismo e da estratégia de intervenção - experiências do CAPAD Santana. In: Godoy A, Ramos B, Sant’Anna M, Marcondes R. Fórum Estadual de Redução de Danos de São Paulo: construção, diálogo e intervenção política. São Paulo: Córrego; 2014.

Silva VGB, Soares CB. As mensagens sobre drogas do rap: como sobreviver na periferia. Ciência & Saúde Coletiva. 2004;9(4): 975-985.

Soares CB. Agências de socialização e valores sociais: a família, a escola, os pares e o trabalho. In: In: Borges ALV, Fujimori E, organizadoras. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole; 2009, p:61-81.

Soares CB, Campos CMS. A responsabilidade da universidade pública no ensino da prevenção do uso prejudicial de drogas. Rev. O Mundo da Saúde. 2004; 28(1): 110-15.

Soares CB et al. Juventude e consumo de drogas: oficinas de instrumentalização de trabalhadores de instituições sociais, na perspectiva da saúde coletiva. Interface, Comunicação, Saúde, Educação. 2009; 13(28): 189-199.

Soares CB et al. Avaliação de ações educativas sobre consumo de drogas e juventude: a práxis no trabalho e na vida. Trabalho, Educação e Saúde. 2011;9(1): 43-62.

Soares CB, Campos CMS. Consumo de drogas. In: Borges ALV, Fujimori E, organizadoras. Enfermagem e a saúde do adolescente na atenção básica. Barueri: Manole; 2009, p: 436-68.

Soares CB. Juventude e saúde: concepções e políticas públicas. In: Dayrell J, Moreira MIC, Stengel M, organizadores. Juventudes contemporâneas: um mosaico e possibilidades. Belo Horizonte:PUC Minas; 2011, p: 361-78.

ENS0180 - A Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids (dst/aids) no Contexto da Enfermagem em Saúde Coletiva: a Incorporação do Conceito de Vulnerabilidade

Ementa

A evolução epidemiológica das DST e aids no Brasil. Os modelos e as práticas de prevenção das DST e aids no Brasil. O conceito de vulnerabilidade aplicado à aids.

Bibliografia Básica

Barbosa RM, Parker R. Sexualidade pelo avesso: direitos, identidades e poder. Rio de Janeiro: Editora 34; 1999.

Ayres, José Ricardo Carvalho Mesquita. Práticas educativas e prevenção de HIV/Aids: lições aprendidas e desafios atuais. Interface (Botucatu) [online]. 2002, vol.6, n.11 [citado 2012-04-12], pp. 11-24. Disponível em: Paiva, Vera. Sem mágicas soluções: a prevenção e o cuidado em HIV/ AIDS e o processo de emancipação psicossocial. Interface (Botucatu) [online]. 2002, vol.6, n.11, pp. 25-38. ISSN 1414-3283. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832002000200003>.

Bertolozzi, Maria Rita, Nichiata, Lúcia YI, Takahashi, Renata Ferreira, Ciosak, S.I., Hino, P; VAL, L. ; Guanilo, M C de La Torre Ugarte ; Pereira, E.G. et al. Os conceitos de vulnerabilidade e adesão na Saúde Coletiva. Rev. Esc. Enferm. USP, Dez 2009, vol.43, nº.espec2, p.1326-1330. ISSN 0080-6234. PAIVA, Vera et al. A sexualidade de adolescentes vivendo com HIV: direitos e desafios para o cuidado. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2011, vol.16, n.10, pp. 4199-4210. ISSN 1413-8123.

ENS0185 - A Intervenção de Enfermagem em Saúde Coletiva e a Política Nacional de Humanização da Atenção Básica no SUS

Ementa

O Sistema Único de Saúde e a Política Nacional de Humanização (HumanizaSUS). Os valores norteadores do HumanizaSUS: autonomia e protagonismo dos sujeitos, a co-responsabilidade entre eles, o estabelecimento de vínculos solidários e a participação coletiva. Respeito à autonomia dos usuários dos serviços de saúde: informação, comunicação e privacidade. Estratégias e tecnologias para humanização da atenção à saúde e a intervenção de enfermagem em saúde coletiva: PSF, PACS, acolhimento, ouvidoria, ombudman, Fórum de Patologias. Experiências de humanização em serviços de atenção básica e as implicações para a prática de enfermagem em saúde coletiva.

Bibliografia Básica

Aleksandrowicz AMC, Minayo MCS. Humanismo, liberdade e necessidade: compreensão dos hiatos cognitivos entre ciências da natureza e ética. Ciencia & Saude Colet 2005; 10 (3): 513-24.

Ayres JRCM. Hermenêutica e humanização das práticas de saúde. Ciencia & Saude Colet 2005; 10 (3): 549-60.

Benevides R, Passos E. A humanização como dimensão pública das políticas de saúde. Ciencia & Saude Colet 2005; 10 (3): 561-71.

Borrel i Carrió F. Práctica clínica centrada en el paciente Madrid: Triacastela; 2011

Campos RO. O encontro trabalhador-usuário na atenção à saúde: uma contribuição da narrativa psicanalítica ao tema do sujeito na saúde coletiva. Ciencia & Saude Colet 2005; 10 (3): 573-83.

Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS: acolhimento com avaliação e classificação de risco: um paradigma ético – estético no fazer em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

Brasil, Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. HumanizaSUS: política nacional de humanização: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

Egry EY. Saúde coletiva: construindo um novo modelo de enfermagem. São Paulo: Ícone, 1996.

Fracolli LA, Zoboli ELCP. Descrição e análise do Acolhimento: uma contribuição para o Programa Saúde da Família. Revista EEUSP. Vol. 38, n. 3, p. 143-151, jun.2004.

- Fracolli LA, Zoboli ELCP. Desafios presentes na qualificação do cuidado em saúde e humanização. In: Nelson Ibañez, Paulo Eduardo Mangeon Elias, Paulo Henrique D'Angelo Seixas. (Org.). Política e Gestão Pública em Saúde. São Paulo - SP: Hucitec Editora, 2011, v. 1, p. 762-780.
- Fracolli LA, Castro DFA. Competência do enfermeiro em atenção básica: em foco a humanização do processo de trabalho. *O Mundo da Saude* 2012; 36 (3): 427-432
- Franco TB, Bueno WS, Merhy EE. O acolhimento e os processos de trabalho em saúde: o caso de Betim, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*. 15:345-353, abr-jun, 1999
- Junges JR, Barbiani R. Repensando a humanização do Sistema Único de Saúde à luz das redes de atenção à saúde. *O Mundo da Saude* 2012; 36 (3): 397-406.
- Pinheiro R, Mattos RA, organizadores. Cuidado: as fronteiras da integralidade. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec, IMS, UERJ, ABRASCO; 2004.
- São Paulo. Secretaria Municipal de Saúde. Acolhimento: o pensar, o fazer e o viver. São Paulo: Palas Athena; 2002.
- São Paulo. Lei nº 10.241, de 17 de março de 1999. Dispõe sobre os direitos dos usuários dos serviços de saúde e das ações de saúde no Estado e dá outras providências. In: Gouveia R., organizador. Saúde pública, suprema lei: a nova legislação para a conquista da saúde. São Paulo: Mandacaru; 2000. p. 177-82.
- Souza MF, organizador. Os sinais vermelhos do PSF. São Paulo: Hucitec; 2002.
- Teixeira RR. Humanização e Atenção Primária à Saúde. *Ciencia & Saude Colet* 2005; 10 (3): 585-97.
- Vaitsman J, Andrade GRB. Satisfação e responsividade: formas de medir a qualidade e a humanização da assistência à saúde. *Ciencia & Saude Colet* 2005; 10 (3): 599-11.
- Zoboli ELCP, Martins CL, Fortes PAC. O programa saúde da família na busca da humanização e da ética na atenção à saúde. In: Instituto para o Desenvolvimento da Saúde, Universidade de São Paulo, Ministério da Saúde. Manual de Enfermagem. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. p. 47-50.
- Zoboli ELCP. Bioética e enfermagem. In: Vieira TR, organizadora. Bioética nas Profissões. Petrópolis: Vozes; 2005. p. 101-19.
- Zoboli ELCP, Fortes PAC. Bioética e atenção básica: um perfil dos problemas éticos vividos por enfermeiros e médicos do Programa Saúde da Família, São Paulo, Brasil. *Cad Saude Publica* 2004; 20(6): 109-18.
- Zoboli ELCP. Bioética e atenção básica: para uma clínica ampliada, uma Bioética clínica ampliada. *O Mundo da Saúde* (Centro Universitário São Camilo. Impresso), v. 33, p. 195-204, 2009.
- Machado EP, Hadad JGV, Zoboli ELCP. A comunicação como tecnologia leve para humanizar a relação enfermeiro-usuário na Atenção Básica. *Bioethikós* (Centro Universitário São Camilo), v. 4, p. 447-452, 2010.

ENS0190 - Um Olhar de Gênero Sobre a Saúde das Mulheres

Ementa

Trata-se de uma reflexão acerca da vida e saúde das mulheres sob o olhar de Gênero, ou seja, através dos processos sociais de construção da feminilidade e da masculinidade numa dada realidade sociocultural. A partir disso, é possível compreender e intervir no processo saúde-doença das mulheres, consideradas as especificidades do cenário brasileiro.

Bibliografia Básica

- Amaral, MA; Fonseca RMGS. Entre o desejo e o medo: as representações sociais das adolescentes acerca da iniciação sexual. *Rev Esc Enferm USP* 2006 40(4): 469-76
- Andrade CJM; Fonseca RMGS. Considerações sobre violência doméstica, gênero e o trabalho das equipes de saúde da família. *Rev Esc Enferm USP*, 2008, 42(3):591-5.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher : princípios e diretrizes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas

- Estratégicas. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2009. Disponível em http://bvsmis.saude.gov.br/bvsmis/publicacoes/politica_nacional_mulher_principios_diretrizes.pdf
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Caracterização das vítimas de violências doméstica, sexual e outras violências interpessoais notificados no VIVA. Brasília; 2008.
- Breilh J. Epidemiologia crítica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- Fonseca RMGS. As oficinas de trabalho como opção metodológica. In: Educar para a saúde: prevenção e controle do uso problemático de álcool e drogas na vida e no trabalho. São Paulo: Coordenadoria de Assistência Social da Universidade de São Paulo, 2005.
- Fonseca, RMGS. Gênero e saúde-doença: uma releitura do processo saúde-doença das mulheres. In: Fernandes RAQ, Narchi NZ, (org) Enfermagem e saúde da mulher; Barueri: Manole, 2007. p. 30-61.
- Fonseca, RMGS. Gênero como categoria para a compreensão e a intervenção no processo saúde-doença. PROENF- Programa de atualização em Enfermagem na saúde do adulto. Porto Alegre: Artmed/Panamericana, 2008, v.3, p.9-39.
- Goldani AM. Famílias e gêneros: uma proposta para avaliar (des)igualdades. [online]. 2000. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/todos/gent2-1.pdf.
- Gomes R, Minayo MCS, Silva CFR. Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- Guedes RN, Silva ATMC, Fonseca RMGS. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. Esc. Anna Nery Ver Enferm 2009 jul-set; 13(3): 625-31
- Guedes RN; Coelho EAC; Silva ATMC. Violência conjugal: problematizando a opressão das mulheres vitimizadas sob olhar de gênero. In: Rev eletrôn enferm [serial on line] 2007a, vol 2. Avaliable in: <http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n2/sumario.htm>
- Minayo MCS. Violência e Saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- Nações Unidas. CEPAL. Manual de uso do Observatório da Igualdade de Gênero da América Latina e Caribe. CEPAL: Santiago (Chile), 2010. Disponível em: <http://www.eclac.cl/publicaciones/xml/4/40114/ManualObservatorioWebPortugues.pdf>
- Oliveira CC.; Fonseca RMGS. Práticas dos profissionais das equipes de saúde da família voltadas para as mulheres em situação de violência sexual. Rev Esc Enferm USP 2007 41(4):605-12. javascript: void(0)
- PRO-AIM, Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade. SMS/SP. Disponível em . Acesso em 20/12/2008.
- Schraiber LB, D'Oliveira AFPL, França-Júnior I, Diniz S, Portella AP, Ludermir AB, Valença O, Couto MT. Prevalência da violência contra a mulher por parceiro íntimo em regiões do Brasil. Rev Saúde Pública 2007; 41(5):797-807.
- SEADE. Fundação do Sistema Estadual de Análise de Dados. Síntese de estatísticas vitais, 2008. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/>
- Stotz EN. Os desafios para o SUS e a educação popular: uma análise baseada na dialética da satisfação das necessidades de saúde [on line]. Disponível em: <http://www.redepopsaude.com.br/varal/politicasaude/desafiosus.htm> (s/d). Acesso em 12 ago 2008.

ENS0191 - Sistematização da Abordagem de Questões Éticas na Atenção Primária: Introdução ao Método da Deliberação

Ementa

Saberes e habilidades para a percepção das questões éticas na atenção básica. Conflitos de valores na prática da enfermagem na atenção básica. Fatos, valores e deveres e o processo de deliberação moral. Argumentação das decisões. Descrição de problemas, cursos de ação e decisões consistentes do ponto de vista moral. Distinção dos valores em conflito nos problemas éticos. Convivência

respeitosa e diálogo com visões morais distintas. Conflitos morais no trabalho em equipe. Especificidade da bioética. Peculiaridades da bioética na atenção básica.

Bibliografia Básica

1. Barbero Gutiérrez J, Garrido Elustondo S, de Miguel Sánchez C, Vicente Sánchez F, Macé Gutiérrez I, Fernández García C. Efectividad de un curso de formación en bioética y de la implantación de una checklist en la detección de problemas éticos en un equipo de soporte de atención domiciliaria. *Aten Primaria* 2004; 34:20-5
2. Faustino RLH, Egrý EY. A formação da enfermeira na perspectiva da educação reflexões e desafios para o futuro. *Rev Esc Enferm USP* 2002; 36(4): 332-7.
3. Feito L, Gracia D, Sanchez M. Bioética el estado de la cuestión Madrid: Triacastela; 2012
4. Gracia D. Para pensar a bioética: metas e desafios. São Paulo:Loyola; 2010.
5. Gracia D. La deliberación moral: el método de la ética clínica. In: Gracia D, Júdez J. ed. Ética ne la práctica clínica. Madrid: Fundación de Ciencias de la Salud/Triacastela: 2004. p. 21-32.
6. Gracia D. La deliberación moral: el método de la ética clínica. *Med Clin (Barc)* 2001; 117: 18-23
7. Gracia D. Moral deliberation: the role of methodologies in clinical ethics. *Medicine, Health Care and Philosophy*. 2001; 4: 223–232.
8. La Taille Y. Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas. Porto Alegre: Artmed; 2006.
9. Ogando Díaz B, García Pérez C. Necesidades de formación en bioética en la Comunidad de Madrid. *Aten Primaria*. 2005; 35:240-5
10. Pose C. Lo bueno y lo mejor: introducción a la bioética médica. Madrid: Triacastela; 2009.
11. Pose C. Bioética de la responsabilidad de Diego Gracia a Xavier Zubiri Madrid: Triacastela; 2012
12. Silva LT, Zoboli ELCP, Borges ALV. Bioética e atenção básica: um estudo exploratório dos problemas éticos vividos por enfermeiros e médicos no PSF. *Cogitare Enfermagem (UFPR)*, v. 11, p. 133-142, 2006.
13. Silva, LT, Zoboli ELCP. Problemas éticos na atenção primária: a visão de especialistas e profissionais. *RBB. Revista Brasileira de Bioética*, v. 3, p. 27-39, 2007.
14. Zoboli ELCP, Fortes PAC. Bioética e atenção básica: um perfil dos problemas éticos vividos por enfermeiros e médicos do Programa Saúde da Família, São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ)*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1690-1699, 2004
15. Zoboli ELCP. Nurses and primary care service users: bioethics contribution to modify this professional relation. *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 20, p. 316-320, 2007.
16. Zoboli ELCP. Deliberação: leque de possibilidades para compreender os conflitos de valores na prática clínica da atenção básica. São Paulo: Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2010. [tese de Livre-docência].
17. Zoboli ELCP . Bioética clínica na diversidade: a contribuição da proposta deliberativa de Diego Gracia. In: Pessini L, Barchifontaine CP, Hossne WS, Anjos MF.. (Org.). Ética e Bioética Clínica no Pluralismo e Diversidade: teorias, experiências e perspectivas. 1ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2012, v. 1, p. 149-164.
18. Zoboli ELCP. Bioética clínica na diversidade: a contribuição da proposta deliberativa de Diego Gracia. *Bioethikós (Centro Universitário São Camilo)*, v. 6, p. 49-57, 2012.

ENS0192 - Saúde do Adolescente na Atenção Básica

Ementa

Adolescência como construto social. Condições de vida e saúde do adolescente no Brasil. Políticas públicas de saúde voltadas à adolescência e à juventude no Brasil. Agências de socialização e valores sociais: família, escola, pares e trabalho. Mudanças corporais na adolescência. Reconhecimento das necessidades de saúde dos adolescentes. Questões éticas na atenção à saúde do adolescente. Saúde sexual e reprodutiva na adolescência. Consumo de drogas. Alimentação e nutrição na adolescência.

Bibliografia Básica

Brasil. Ministério da Saúde. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília; 2010.

Borges ALV, Fujimori E (org.). Enfermagem e a Saúde do Adolescente na Atenção Básica. Barueri/SP: Editora Manole; 2009. 581 p.

Bibliografia Complementar

Borges ALV, Nakamura E. Social norms of sexual initiation among adolescents and gender relations. Revista Latino-Americana Enfermagem 2009; 17(1): 94-100.

Brasil. Ministério da Saúde. Saúde integral de adolescentes e jovens. Orientações para organização de serviços de saúde. Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília; 2005.

Campos FC, Soares CB, Campos CMS, Lachtim SAF, Santos VE. Representações cotidianas sobre consumo de drogas: um estudo entre jovens de Santo André, SP, Brasil. Saúde & Transformação Social / Health & Social Change 2013; 4: 66-77.

Hoga LAK, Borges ALV, Reberte L. Vamos falar sobre sexualidade? Material educativo para promover a saúde sexual e reprodutiva na adolescência. São Paulo/SP: Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo; 2013. 27p.

Santos VE, Soares CB. O consumo de substâncias psicoativas na perspectiva da saúde coletiva: uma reflexão sobre valores sociais e fetichismo. Saúde & Transformação Social / Health & Social Change, 2013; 4: 38-54.

Soares CB, Campos CMS (org.). Fundamentos de Saúde Coletiva e o Cuidado de Enfermagem. 1. ed. Barueri - SP: Ed. Manole; 2013. 390 p.

HSM0125 - Saúde e Ciclos de Vida II

Ementa:

Ciclos de vida como transformação e desenvolvimento humanos. Sexualidade feminina e masculina. Concepção e anticoncepção. Estratégias de Prevenção de risco e populacional para os principais agravos à saúde de jovens, adultos e idosos. Políticas voltadas à saúde da mulher e do homem na juventude, na vida adulta e no envelhecimento.

Bibliografia Básica

1. Aldrighi JM, Buchalla CM, Cardoso MRA. Epidemiologia dos agravos à saúde da mulher. São Paulo: Atheneu; 2005.

2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2008.

3. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 84p (destaco páginas 25 a 30). Disponível em:
http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf

4. Brasil. Ministério da Saúde. Núcleo de Apoio à Saúde da Família – Volume 1: Ferramentas para a gestão e para o trabalho cotidiano. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 116p (Cadernos de Atenção Básica, no 39). (Destaco páginas 15 a 24). Disponível em:
http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_39.pdf

5. Oliveira, AF et al. Global burden of disease attributable to diabetes mellitus in Brazil. Cad. Saúde Pública. 2009, vol.25, n.6 [cited 2015-03-11], pp. 1234-1244 . Available from: .
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009000600006>.

6. Buss PM. Promoção da saúde e qualidade de vida. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2000; 5 (1): 163-177.
7. Domingues MA, Lemos ND, organizadores. Gerontologia: os desafios nos diversos cenários da atenção. Barueri: Manole; 2010.
8. Lebrão ML, Duarte YAO. SABE: Saúde, Bem-estar e Envelhecimento; o projeto SABE no município de São Paulo, uma abordagem inicial. Brasília, DF: OPAS; 2003.
9. Vitolo MR. Nutrição: da gestação ao envelhecimento. Rio de Janeiro: Rubio; 2008.
10. "Gênero, Sexualidade e Saúde". In: Saúde, Sexualidade e Reprodução – compartilhando responsabilidades. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 101-110.

HSM0130 - Ciclos de Vida II

Ementa

Principais características biopsicossociais de jovens, adultos e idosos e as principais políticas dirigidas a estes grupos.

Bibliografia Básica

1. Aldrighi JM, Buchalla CM, Cardoso MRA. Epidemiologia dos agravos à saúde da mulher. São Paulo: Atheneu; 2005.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual de atenção à mulher no climatério/menopausa. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2008.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Alimentação e Nutrição. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 84p (destaco páginas 25 a 30). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf
4. Brasil. Ministério da Saúde. Núcleo de Apoio à Saúde da Família – Volume 1: Ferramentas para a gestão e para o trabalho cotidiano. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 116p (Cadernos de Atenção Básica, no 39). (Destaco páginas 15 a 24). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/caderno_39.pdf
5. Oliveira, AF et al. Global burden of disease attributable to diabetes mellitus in Brazil. Cad. Saúde Pública. 2009, vol.25, n.6 [cited 2015-03-11], pp. 1234-1244 . Available from: . <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2009000600006>.
6. Buss PM. Promoção da saúde e qualidade de vida. Ciênc. saúde coletiva [online]. 2000; 5 (1): 163-177.
7. Domingues MA, Lemos ND, organizadores. Gerontologia: os desafios nos diversos cenários da atenção. Barueri: Manole; 2010.
8. Lebrão ML, Duarte YAO. SABE: Saúde, Bem-estar e Envelhecimento; o projeto SABE no município de São Paulo, uma abordagem inicial. Brasília, DF: OPAS; 2003.
9. Vitolo MR. Nutrição: da gestação ao envelhecimento. Rio de Janeiro: Rubio; 2008.
10. "Gênero, Sexualidade e Saúde". In: Saúde, Sexualidade e Reprodução – compartilhando responsabilidades. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1997, p. 101-110.

HSM0134 - Introdução à Pesquisa Científica em Saúde Pública, Ciclos de Vida e Sociedade - O Projeto de pesquisa

Ementa

Principais características da produção científica em Saúde Pública, Ciclos de Vida e Sociedade

Bibliografia Básica

- BECKER, HOWARD S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec (1999).

BRASIL, Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde, Resolução no 196/96 de 10 de outubro de 1996.

BRASIL, Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

SEVERINO, AJ. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2002.

VICTORA,CG; KNAUTH,DR; HASSEN,MNA. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000

VOLPATO, G. L., BARRETO, R. Elabore Projetos Científicos Competitivos. Botucatu - SP: Best Writing, 2014.

HSM0135 - Introdução à Pesquisa Científica em Saúde Pública, Ciclos de Vida e Sociedade – Disseminação de Resultados

Ementa

Principais características da disseminação científica em Saúde Pública, Ciclos de Vida e Sociedade

Bibliografia

BECKER, HS. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, 1999.

BECKER, HS. Truques da Escrita. Rio de Janeiro: Zahar, 2015

DAY, RA. Como escrever e publicar um artigo científico. São Paulo: Santos, 2001.

DENZIN, NK; LINCOLN YS. The SAGE handbook of qualitative research. Thousand Oaks Sage Publications, 2005.

SEVERINO, AJ. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2002.

VICTORA,CG; KNAUTH,DR; HASSEN,MNA. Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000

VOLPATO, G. L. Bases teóricas para redação científica. São Paulo: Cultura Acadêmica; 2007.

VOLPATO, G. L. Método Lógico para Redação Científica. São Paulo: Best Writing; 2011.

VOLPATO, Gilson Luiz. O método lógico para redação científica. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde, [S.l.], v. 9, n. 1, Mar. 2015. ISSN 1981-6278. Disponível em: . Acesso em: 09 Apr. 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.3395/reciis.v9i1.932>

0700010 - Estudos Independentes 1

0700011 - Estudos Independentes 2

0700014 - Estudos Independentes 3

0700015 - Estudos Independentes 4

0700016 - Estudos Independentes 5

0700017 - Estudos Independentes 6

0700018 - Estudos Independentes 7

0700019 - Estudos Independentes 8

0700020 - Estudos Independentes 9

0700021 - Estudos Independentes 10

Ementa.

Incentivar e valorizar a participação dos alunos em atividades que ampliem as dimensões dos componentes curriculares relacionadas à Enfermagem, como meio complementar à formação profissional

Bibliografia Básica

Não possui.